

Gunnar Von Herbert



DETETIVE ROBBIE

EM: O CASO DO DRAGÃO ASTECA



DETETIVE ROBBIE

em

O CASO DO DRAGÃO ASTECA

Prólogo

Talvez nenhum mal ocorra depois da meia-noite, mas uma coisa é certa, também nada de bom acontece. Agora, o que de mais poderia acontecer no turno daquela sexta-feira monótona de maio no Museu Nacional de Artes Mexicanas em Chicago, Illinois?

Os Bulls haviam perdido o jogo em casa contra justamente o Boston Celtics por 112 a 109, a cesta de três pontos no último segundo pela estrela do time, Douglas O'Neill deu aos visitantes a amarga vitória.

Já era quase uma da manhã, os guardas que se haviam unido para ver os últimos instantes do jogo separaram-se para fazer cada um a sua ronda. Os olhos do guarda Juarez, que assistia os monitores de segurança, lutavam para permanecer abertos após doze horas de trabalho e ficar atentos a qualquer detalhe que fugisse do normal. Não é de espantar que não tenha percebido em uma das oito telas de vigilância o ruído estático que durou apenas centésimos de segundo.

— Nunca mais assumo turno por emergência alguma. Brown devia me pagar em dobro, Ele deve estar voltando do United Center triste da vida, do jeito que é viciado em basquete, mas pelo menos vai dormir em casa. E eu aqui! Poderia estar na minha caminha... quentinha... gostosinha... — Deu um bocejo longo.

A cada palavra diminutiva os olhos do guarda Juarez fechavam-se um pouco mais. Nas pausas, as pálpebras se esforçavam para abrir um pouco, mas o sono parecia estar tão invencível quanto os Celtics naquela noite.

Em uma câmara nos fundos do prédio, duas figuras vestidas por completo de negro pareciam ninjas ao descer silenciosamente

por cordas pelo telhado até pararam no meio do caminho. A sala estava escura, interditada ao público, por causa da chegada de novos artefatos vindos diretamente das ruínas astecas de Tikal, no México, que ainda não tinham o certificado de segurança para visitação.

Um deles, usando um sensor de calor, detectou sensores de movimento a laser a mais ou menos 40 centímetros do chão. As luzes vermelhas se movimentavam de um lugar para outro em uma repetição de movimentos continua.

Uma voz no ponto no ouvido dos ladrões disse:

— O interruptor que desativa os *lasers* está à sua esquerda. Proceda com cuidado.

Feitos os cálculos corretos, em um movimento acrobático, um dos “ninjas”, o mais magro deles, saltou da corda ousadamente, caiu com leveza ao chão e rolou de um lado para outro. Contorceu-se aqui, pulou acolá, desviou-se para não ser tocado por nenhum dos *lasers* e finalmente chegou até um interruptor e desligou-o. Então o outro pôde finalmente pousar em segurança.

— Estou muito surpreso com seu talento! — disse o ladrão que descera por último e era mais corpulento. Olhando na direção da câmera, viu que a luz de gravação estava desligada, uma imagem congelada da sala fora hackeada no lugar, para que eles não fossem percebidos. — A adaga está na próxima sala. Não vamos perder tempo! — acrescentou.

Ambos correram até a sala ao lado e avistaram debaixo de um grosso aquário de vidro uma adaga de origem asteca finamente entalhada, cujo cabo tinha o formato de um dragão.

— Deixe o restante comigo — disse o ladrão corpulento. — Fique de olho na porta.

Tinha o rosto totalmente coberto, exceto os olhos, e através de um dos orifícios era possível ver uma cicatriz que descia da sobrancelha esquerda até abaixo do olho verde. Com o olhar sério e concentrado no vidro, riscando um círculo no aquário com um instrumento de corte de diamante. Cuidadosamente, ele retirou o círculo de vidro e o colocou em cima do cubo.

Mas quando pôs a mão dentro do compartimento e levantou o precioso artefato, um forte e alto alarme soou. Aparentemente, os preparativos para o lançamento da exposição estavam mais avançados que o esperado. O ladrão que estava à porta apontou sem dizer palavra para o buraco aberto no teto, e ambos começaram a subir.

Olhando para os monitores e assustado pelo barulho, o guarda Juarez estava confuso, mas seguiu protocolo e pelo rádio ordenou aos dois outros guardas que seguissem até o salão interditado. Um dos guardas chegou logo e avistou os dois ladrões subindo pelas cordas, a uns 50 metros dele. Sem nenhum aviso, o segurança disparou e acertou sem querer uma das cordas fazendo, um dos ladrões cair.

Ainda no chão, ele fez sinal para que o outro o deixasse e se apressar em fugir.

— Não é assim que costumo agir — disse o ladrão que ainda estava nas cordas. Dito isso, tomou impulso e atingiu com os pés o peito do segurança, que não teve tempo de reagir, pois somente as luzes vermelhas de emergência estavam ligadas, dificultando bastante a visão dentro da sala. Levantando o colega pela mão,

disse, enquanto se preparavam para correr: — Não vai dar tempo de subir pelas cordas. O teto é muito alto. Vamos ter de encontrar outra saída.

Desatordoados a segurança já começava a querer se levantar, embora com dificuldades. Os ladrões começaram a correr pelos corredores do museu buscando desesperadamente uma saída, até que encontraram, no fim de um longo corredor, uma porta dupla usada como saída de emergência. Só havia um problema: um guarda estava diante da porta com uma arma apontada para eles. O ladrão com a cicatriz entregou o artefato para o outro e disse: — Ele não pode atingir nós dois.

Em seguida, jogou uma bomba de fumaça que tirou a visão de todo o corredor e correu em direção ao segurança, que congelou por um momento, impressionado com a atitude do ladrão, mas logo começou a atirar. Desviando-se das balas, o mascarado foi chegando cada vez mais perto e saltou com os braços abertos, como um tigre, contra a cintura do segurança e rolou com ele em meio às obras de arte valiosíssimas, que começaram a se espalhar pelo chão.

O ladrão que estava logo atrás correu na direção da porta e abriu-a com violência. O outro conseguiu se desvencilhar do guarda, que deixou no chão desacordado, e também fugiu. Os dois ladrões atravessaram correndo o Harrison Park e ouviram um trem se aproximando a duas quadras dali.

O guarda Juarez, vendo os colegas impossibilitados, começou a perseguir os ladrões, ele não conseguia enxergar quase nada, apenas borrões ao longe. Estavam numa zona residencial, mas as luzes estavam quase todas apagadas naquele horário.

Chegando perto dos trilhos, o ladrão mais delgado mostrou alguma destreza agarrando-se ao trem num salto arriscado. O outro vinha logo atrás, correndo com um pouco mais de dificuldade, mas também conseguiu subir no trem. Nesse momento, um tiro da arma do guarda Juarez atingiu-o nas costas, e ele escorregou e ficou pendurado na borda do trem, seguro apenas pelo braço do colega, que conseguira impedir sua queda.

— Vamos, puxe-me para cima! — pediu.

O outro estava a ponto de puxá-lo quando, no ponto de ouvido, a mesma voz que os orientava de uma distância segura ordenou:

— Livre-se dele!

Quando o trem se aproximou do braço sul do rio de Chicago, a máscara do ladrão que segurava o outro subiu um pouco e revelou o rosto de uma linda mulher, que olhou com frieza para o colega e falou: — Você foi um ótimo investimento para nós, querido! Obrigado pelos seus serviços!

Desesperado, o ladrão gritou:

— Não! Espere...

Porém ela largou a mão dele e deixou-o cair no rio, enquanto o trem prosseguia a toda velocidade.

Capítulo 1

Férias de você

Era o último dia de aula na Escola Helen C. Pierce, e a Sra. Abrams, uma jovem mulher alta e loira, que mantinha sempre o cabelo preso em um rabo de cavalo, com muita expressão nos belos olhos azuis atrás dos óculos retangulares, saiu mais cedo do trabalho no escritório de contabilidade para buscar o filho, Christian, na escola. Depois de quase uma hora na sala da diretora, os dois entraram no AMC Pacer amarelo, ano 1975, e começaram o trajeto de volta para a casa.

— Christian, por quê? — perguntou a mãe.

O menino ficou calado um instante, mas não se aguentou.

— É para responder com sinceridade, ou fico quieto?

Ignorando a dúvida do filho, ela continuou falando enquanto dirigia pelo bairro Edgewater, de Chicago.

— Você é tão inteligente, filho! Por que tem de ser tão difícil?

— Pelo jeito, é para ficar quieto, né? — murmurou Christian, quase para si mesmo.

— Já é tão difícil as crianças brincarem com você, e mesmo assim parece que você não se esforça! — continuou a Sra. Abrams, num tom de voz entre cansado e exasperado. — Não sei o que acontece, se você irrita as pessoas de propósito ou realmente não percebe, mas não é assim que vai fazer amigos!

— Mas quem disse que estou tentando fazer amigos, mãe? E não falei nada de mais nem menti. Sofia não parava de olhar para

o professor com cara de apaixonada, veio nos três últimos dias com o perfume da irmã, toda maquiada, e usava o colar de ouro da mãe, que eu vi outro dia quando os pais dela vieram buscá-la. É obvio que ela estava querendo impressionar o professor Henrique! Ninguém acredita em mim!

— Não é essa a questão, filho! A Sra. Abrams já estava perdendo a paciência.

— Você envergonhou sua coleguinha na frente de todo mundo. Já percebeu que você tem mania de fazer isso com todas as pessoas? Nem tudo que se sabe é feito para ser dito em voz alta! Sua psicóloga me disse que você tem um dom incrível para a dedução, mas não devemos usar nosso talento para envergonhar as pessoas, e sim para ajudá-las. Você é superobservador, detalhista, e isso é bom, mas precisa parar de tentar ler a mente de todo mundo. É irritante!

Christian, com os braços cruzados e a cabeça baixa, não falou mais nada durante o percurso até sua casa. Quando finalmente chegaram, as orelhas estavam vermelhas de tanto ouvir bronca da mãe.

A Sra. Abrams saiu do carro, Christian não. Ela caminhou até o porta-malas, abriu-o, abaixou-se um pouco e retirou uma cadeira de rodas dobrável. Depois de esticar as dobraduras e firmar a cadeira, certificando-se de que estava tudo em ordem, deu a volta para abrir a porta do passageiro. Christian apoiou-se nos braços para se levantar e com muita habilidade transferiu-se do carro para a cadeira de rodas. Ainda de cara fechada, agradeceu educadamente a mãe pela carona e entrou na garagem, como de costume.

Christian Abrams nascera paraplégico por uma complicação no parto. Tinha o cabelo castanho claro todo arrepiado e os olhos azuis. Vestia uma camiseta branca com listras vermelhas, calças *jeans* e tênis brancos.

Na garagem, todos os dias, como um ritual, ele se vestia de detetive, ligava a televisão no canal policial e abria um livro de suspense investigativo simultaneamente.

Esta era sua obsessão: tornar-se o melhor detetive do mundo, mas ninguém o levava a sério, apesar de ele resolver praticamente todos os mistérios corriqueiros do seu dia a dia, como quando alguém perdia algum material na escola, quando um animalzinho escapava na vizinhança ou coisa parecida, mas, por ter apenas 11 anos de idade, seu talento não era reconhecido. Em vez disso, zombavam dele quando seus impulsos infantis o faziam levar as coisas longe demais e o criticavam ressentidos quando ele expunha alguma de suas embaraçosas descobertas.

Mas naquele dia Christian não cumpriu seu ritual. Diante da porta aberta da garagem, ficou estático, com os olhos arregalados a passear pelos cantos visíveis, escaneando cada detalhe. Dois minutos depois, correu para dentro de casa, quando a mãe já ajeitava a bolsa na ponta da cadeira e deitava o molho de chaves na mesa. Christian pegou o telefone fixo e discou 9-1-1. Prontamente, alguém do outro lado atendeu.

— Número de emergência da cidade de Chicago. Posso ajudar?

— Sim, minha casa foi invadida. Traga uma unidade forense imediatamente! — disse Christian, afoito.

A Sra. Abrams virou-se para o filho, sem acreditar no que

ouvia, os olhos quase saltando do rosto de tão espantados.

— Como assim, a casa foi invadida?! Desligue já esse telefone! — gritou.

— Agora não mãe. Preciso terminar de dar nossas informações para a policial — ele respondeu, determinado.

Ela tomou o telefone das mãos do filho e colocou o aparelho no ouvido.

— Alô, está tudo bem aí? — perguntou uma voz feminina.

— Me desculpe, senhora! Meu filho se enganou, não houve invasão nenhuma.

— Senhora, de qualquer maneira já rastreei a chamada e vou enviar uma unidade para se certificar.

Com os olhos pegando fogo, a Sra. Abrams gritou de novo:

— O que você tem na cabeça Christian Abrams?!

— Mãe, você entrou na garagem hoje? — perguntou Christian, aparentemente ignorando a fúria da mãe.

— Não, não entro lá desde anteontem, quando varri o chão. Mas vi quando você abriu a porta antes de eu entrar em casa, e estava tudo perfeitamente no lugar! Agora olha que problema: uma viatura vai se deslocar até aqui só para perder tempo!

Em vez de responder, Christian agarrou a mãe pelo braço e puxou-a até a garagem. Esperando que ela enxergasse o óbvio, ficou observando enquanto ela vasculhava a garagem com o olhar, as sobrancelhas enrugadas. Depois de algum tempo, ela disse: — Chris, não tem nada fora do lugar!

— Não mãe, olhe direito! Tem várias coisas fora do lugar. Não deixei a garagem assim ontem à noite, e, se você não entrou aqui, é óbvio que nossa casa foi invadida. Mas a pergunta de um

milhão de dólares é: por quê?

Christian coçou o queixo de forma dramática enquanto formava teorias na mente. Naquele momento, o som de uma sirene começou a soar ao longe, e em poucos segundos uma viatura da polícia estacionava em frente da casa dos Abrams.

Um policial magro, alto e meio desajeitado saiu da viatura. Trazia um palito de dentes no canto esquerdo da boca e um olhar de peixe morto por trás dos óculos aviador. Demonstrava certo descaso no caminhar e olhava de um lado para o outro como se estivesse identificando algo que não faria diferença nenhuma, mas daria a um desentendido a impressão de que ele estava dedicado ao seu trabalho. Balançando a cabeça negativamente, Christian desaprovou a escolha de policial que a central enviara.

— Boa tarde, senhora! — Ao ver a mãe de Christian, uma aura vigorosa encarnou no policial. Olhou ligeiramente para o menino e balançou a cabeça de cima para baixo apenas uma vez, estendendo o comprimento a ele também: — Garoto. Meu nome é patrulheiro Murphy ao seu dispor. Como posso ajudar?

— Seu nome é Patrulheiro? — perguntou Christian, debochado.

A mãe deu-lhe um beliscão disfarçado e adiantou-se, estendendo a mão.

— Muito prazer, patrulheiro Murphy. Eu me chamo Elisa Abrams, e este é meu filho Christian. Peço desculpas pela inconveniência desde já, mas a ligação dele para vocês foi um pequeno equívoco.

Decidido a provar sua teoria, Christian tentou se impor:

— Não foi equívoco nenhum! Por favor, patrulheiro

Murphy, siga-me! — Dando-lhe as costas, seguiu em direção à garagem, e os adultos caminharam atrás dele. — Olhe, aquela mesa está 2 centímetros para a esquerda, minha mãe varreu aqui antes de ontem, mas ao que parece ela não move a mesa para fazer isso há meses, porque a crosta de poeira está bem grossa e delineada no formato exato da grossura do pé da mesa. Sempre deixo a cadeira exatamente encostada na ponta da mesa, e agora ela está um pouco afastada. A ponta do tapete de borracha está dobrada, e sempre me certifico de deixar tudo perfeitamente alinhado. E agora o mais estranho: a ordem das ferramentas. Mãe, nós nunca mexemos ali. O martelo sempre fica com a cabeça virada para a esquerda, e agora está virado para a direita. — O menino estufou o peito e declarou orgulhoso, com os olhos fechados em um longo piscar: — Como eu havia deduzido, a princípio, senhores... nossa casa foi invadida!

Parecendo não ter ouvido uma palavra do que Christian dissera, o policial olhou para a Sra. Abrams com a caderneta em branco e a caneta na mão.

— Alguma coisa foi levada, senhora Adams?

— É Abrams, patrulheiro Murphy. E não, tudo está aqui. Não é mesmo, Christian?

Christian deu mais uma olhada ao redor e respondeu:

— Não, nada foi levado aparentemente. Por isso o mistério é ainda maior. Por que nossa casa foi invadida? Mãe, precisamos procurar por câmeras. Alguém pode estar nos espionando!

Indignada, a Sra. Abrams respondeu, subindo o tom de voz.

— Já chega Christian! Você já causou problemas demais por hoje! Não quero ouvir nem mais uma palavra da sua boca!

Christian virou-se e conduziu a cadeira de rodas para dentro da garagem quieto, ainda não convencido.

— Pela sua experiência, existe algum indicio de que minha casa foi realmente invadida?

Como um pavão orgulhoso, para se mostrar, o policial engrossou a voz e respondeu:

— A senhora não tem nada a temer. O garoto só tem uma imaginação fértil e deve estar querendo chamar a atenção. De qualquer forma, conte sempre comigo. Estou a uma chamada de distância. — E terminou com uma piscadinha e um sorriso no canto da boca.

Irritadíssimo, Christian gritou lá de dentro:

— Vocês são todos uns inúteis! Não servem pra nada! Você não deu um passo para dentro da garagem, não examinou nada. Com certeza, há impressões digitais em algum lugar por aqui, mas não. É mais importante você cantar minha mãe, não é mesmo? Você quer realmente impressioná-la? Por que não começa fazendo seu trabalho direito?

Envergonhada com a atitude do filho, a Sra. Abrams ordenou que ele se calasse e fechou a porta da garagem com Christian lá dentro.

— Mil perdões, patrulheiro Murphy! Não leve em consideração o desrespeito do meu filho. Prometo que vou tratar disso assim que ficarmos a sós. Tem sido bastante difícil para ele desde que o pai morreu.

— É mesmo? A senhora é viúva, então! Solteira, eu presumo. — O detetive dentro de Murphy parecia ter finalmente acordado.

— Sim, sou. É uma longa história — ela respondeu, sem graça, ajeitando o cabelo atrás da orelha e desviando o olhar.

Capítulo 2

Longe de você

Christian e o pai eram os melhores amigos. O pai de Christian era um renomado professor de mecatrônica na Universidade de Illinois, em Chicago, e sempre usava o filho como cobaia para seus projetos — os dois amavam tecnologia.

Por causa de uma complicação no parto, Christian nascera sem mobilidade nas pernas, e o maior projeto da vida do Dr. Peter Abrams era dar mobilidade as pernas do filho. Para isso, ele dedicava a maior parte do tempo livre. Claro que ideias de próteses robóticas surgiram, mas nenhuma delas eram boas o suficiente para passar por todos os critérios de segurança criados pelo próprio Dr. Abrams. Mas isso nunca deixou a dupla desanimada. Tentativa após tentativa eles nunca desistiram de alcançar seus

objetivos. E o fato de não terem êxito no projeto das próteses não significava que eles não se divertiam de outras maneiras.

O Dr. Abrams nunca permitiu que Christian se enxergasse com desvantagens perante as outras pessoas. Eles desafiavam os limites da deficiência praticando esportes radicais e se aventurando das mais diferentes maneiras. O pai de Christian também o ensinou a ser muito observador, sempre colocando o filho à prova, o que ajudou o menino a desenvolver uma habilidade excepcional.

Isso ajudou a construir a confiança de Christian em si mesmo. Ele se enxergava capaz de fazer tudo que lhe vinha à mente, o que nem sempre saía como ele imaginava. A mãe já era mais cautelosa e ficava com os cabelos em pé quando Christian chegava em casa com algum machucado. Essas ocorrências causavam estresse na família, mas nada que tirasse a harmonia do lar. A família Abrams se amava, e viviam muito felizes.

Um dos grandes *hobbies* do Dr. Abrams e Christian era a corrida de *kart*, e certa ocasião um pequeno campeonato amador estava acontecendo em uma pista *indoor* chamada Race Factory. Christian tinha um *kart* adaptado com acelerador e freio no volante, e aquele evento seria muito importante para os dois. A classificação não foi fácil, mas eles conseguiram.

— Vamos lá, filhão! — disse o Dr. Abrams dando uns tapinhas de boa sorte no capacete de Christian, que já se encontrava dentro do *kart* esperado que liberassem a pista para a largada. — Já chequei toda a mecânica do carro, e está tudo em ordem. Agora é com você. Vamos levar este troféu pra casa!

— A mamãe vai ficar muito feliz se a gente ganhar, né?

— Vai sim, filho. Ela já tem muito orgulho de você, mas com

certeza não vai acreditar quando a gente chegar em casa com aquele baita troféu ali — respondeu o Dr. Abrams, animado.

Os dois olharam para o mostruário onde o enorme troféu estava em exibição, na certeza de que em pouco tempo o prêmio passaria para as mãos deles.

Pelo alto-falante, um juiz anunciou:

— Atenção todos os pais e mecânicos! Desloquem-se para os boxes! A pista já está liberada para começar a corrida.

— Boa sorte, filho! Vai lá e arrebenta! Te amo!

— Obrigado, pai!

Rapidamente a pista foi esvaziada, e os competidores assumiram seus lugares. Ao lado de Christian, estava seu maior rival, que conseguira a *pole position* e começaria um pouco à frente dele. Seu nome era Allan, e os dois corriam juntos desde muito pequenos. Também estudavam na mesma sala. Allan era filho adotivo de um dos professores que trabalhava na mesma universidade que o Dr. Abrams, mas a empregada da casa era quem sempre o acompanhava nos eventos, pois o pai estava sempre ocupado com sua brilhante carreira de astrofísico, e Allan era órfão de mãe.

— E aí, mané! Pronto para comer poeira? — provocou Allan.

Levantando um pouco o visor, que revelou um olhar desdenhoso, Christian respondeu:

— Muito pobre sua escolha de expressões. Estamos dentro de uma pista *indoor* : não tem poeira aqui dentro.

— Você sabe muito bem o que eu quis dizer, professor Xavier.

O ronco agudo dos motores não parava, e Christian abaixou o visor, totalmente concentrado. Deu uma última olhada na direção do pai e viu uma cena que lhe pareceu a repetição de outras que já presenciara nas últimas semanas.

O Dr. Abrams estava falando com alguém ao celular. Falando não, porque parecia ser uma discussão séria. Ele andava de um lado para o outro com uma expressão zangada, mas de longe Christian não conseguia ouvir o que era dito. Também não conseguia ler os lábios do pai, pois ele, ao se movimentar, ficava de costas boa parte do tempo.

Christian olhou para frente, e as luzes já estavam no sinalizador amarelo. Em menos de um segundo, ficaram verdes, e ele acelerou, esquecendo-se de tudo e concentrando-se totalmente na corrida.

Allan não era seu rival de graça, apesar de se conhecerem havia bastante tempo. Ele pegava bastante no pé de Christian e era até chato as vezes. Allan e seus amigos eram os garotos mais populares da escola, por virem de famílias ricas, e ostentavam seus privilégios nas festas de aniversário. Por isso, todos queriam fazer parte do círculo de amizade deles, menos Christian e outras crianças que mal eram notadas. Por disputarem no *kart* desde muito pequenos, a rivalidade tornou-se inevitável entre os dois, mas Allan decidiu levá-la para fora das pistas também.

Na primeira curva, Allan adiantou-se um pouco e tomou definitivamente a ponta da corrida. Logo atrás vinha Christian. O terceiro colocado estava na sua cola tentando roubar sua posição. Não seria nada fácil, mas era uma final de campeonato, e o vencedor da corrida iria para casa com aquele troféu gigante nas

mãos.

Christian acreditava ter uma vantagem sobre os outros competidores, porque vivia sobre quatro rodas, e o fato de descer as rampas de *skate* com a cadeira de rodas, jogar basquete com um grupo de meninos e fazer praticamente tudo em alta velocidade tornara-o um piloto destemido. Assim, enquanto os outros freavam pouco antes das curvas, Christian acelerava, freando taticamente nos momentos precisos.

Mas Allan era um piloto digno de seu reconhecimento, o primeiro do *ranking* de sua idade. Christian vinha logo atrás, mas não estava nos planos de Christian ficar à sombra de seu rival a vida inteira, e definitivamente não naquele dia: estava determinado a levar o troféu para casa.

A corrida toda foi emocionante, com várias mudanças de posições. Christian chegou a ficar em quarto lugar, também passou algumas voltas em primeiro, mas nas últimas três voltas a corrida estava para terminar da forma em começou: Allan em primeiro e Christian em segundo.

Do boxe, o Dr. Abrams torcia pelo filho gritando seu nome e incentivando-o a acelerar. Então, na última curva, um retardatário derrapou e bateu nos pneus de proteção, o que obrigou Allan a frear. A seu ver, não havia espaço para ultrapassagem ali, mas Christian destemidamente acelerou e passou entre os dois, fritando os pneus na curva. Com isso, entrou na reta final e passou a linha de chegada em primeiro lugar!

O Dr. Abrams dava pulos de alegria, e Christian balançava o braço no ar com os punhos cerrados enquanto diminuía a velocidade para entrar no boxe.

— Ganhamos pai! — ele gritou ao tirar o capacete.

O pai ajudou-o a sair do *cockpit*, deu-lhe um grande abraço e beijou todo o rosto do filho.

— Aquele trofeuzão é seu, filho! Vamos para casa mostrá-lo à mamãe.

Depois da cerimônia de encerramento, os dois entraram no carro. Estava chovendo muito mesmo, e o vento assobiava alto.

— Estou morrendo de fome, pai! Não podemos parar em algum lugar para comer?

— A gente está na avenida Harlem, mas vou entrar na rodovia 55. De lá a gente chega em um restaurante bem especial. Também estou faminto.

Para contemplar mais uma vez o troféu, Christian tirou o cinto de segurança por um instante a fim de olhar para trás. Perto da rodovia 55, o carro, que já estava em alta velocidade, continuou a acelerar. O Dr. Abrams começou a se desesperar, pois os freios pareciam não estar funcionando. Logo à frente havia um início de congestionamento, e eles bateriam a toda velocidade na traseira dos carros. Sua única chance seria entrar na saída da milha 283 a toda velocidade, e foi isso que ele fez.

A chuva e o vento estavam ainda muito intensos, e o carro bateu na mureta ao fazer a curva. Christian segurava-se no que podia com muito medo. O acidente era inevitável!

— Filho, segure-se! Vamos bater! — avisou o Dr. Abrams antes de o carro perder totalmente o controle.

No final da curva, o veículo tombou várias vezes, cruzando ambas as pistas, foi arremessado no canal de barcos e começou a afundar. Christian perdeu os sentidos, e imediatamente os outros

carros começaram a parar na pista. Os motoristas correram e encontraram o menino, desmaiado e ferido, que fora lançado do carro para a beira do canal.

O veículo do Dr. Abrams foi levado pela correnteza e só recuperado perto do Teatro de Shakespeare, no lago Michigan. O corpo do Dr. Peter Abrams nunca foi encontrado, mas algumas peças de suas roupas foram recuperadas alguns dias depois. Ele foi dado como morto, e presumiu-se que seu corpo fora comido pelos peixes.

Christian acordou no hospital alguns dias depois e ficou inconsolável ao saber o que acontecera. Ele havia perdido seu melhor amigo.

Capítulo 3

Investigando a garagem

Ouvir a mãe contar para o policial a história de como seu pai morrera não foi nada fácil para Christian. Ele se recusava a crer que o pai havia morrido. O fato de nunca terem achado um corpo lhe deu esperança, que com o tempo se tornou um peso, em vez de fé.

Não fosse a incompetência desses policiais, alguém já teria encontrado o meu pai, pensou enquanto olhava à sua volta. É verdade que nada foi levado. Colocado, talvez. Será que tem câmeras por aqui? Preciso procurar sem comprometer a cena do crime. Mas como?

A garagem fora um dia um escritório para o pai. Exceto nos dias de muita chuva, os carros eram levados para fora, a fim de que ele tivesse mais espaço para trabalhar. Depois de sua morte, a garagem se tornou o lugar onde Christian se sentia mais perto do pai, o templo de sua obsessão, pois queria se tornar o melhor detetive do mundo para um dia desvendar o caso da morte dele.

Se olhasse da entrada da garagem, você encontraria o *kart* de Christian coberto por uma lona e à direita, bem no fundo, um armário com objetos antigos do Dr. Abrams, uma escrivaninha com um *laptop* em cima, uma televisão na parede acima e um pouco à esquerda e no lado direito, perto da porta, uma estante com uma invejável coleção de livros de detetive, de Batman a Arthur Conan Doyle, Edgar Allan Poe, Agatha Christie, detetive Conan, dezenas de livros sobre criminologia, ciência forense e investigação em geral, bem como histórias de crimes famosos e biografias de psicopatas — enfim, tudo que estivesse relacionado a crimes você encontraria naquela estante.

Christian passava em suas matérias na escola apenas por média, beirando as notas vermelhas, mas se você lhe perguntasse sobre algum crime, por mais antigo, ele nem precisava buscar no fundo de suas memórias a informação. Sua obsessão por se tornar o melhor detetive do mundo era tão grande que ele procurava apenas manter certa aparência de normalidade e os relacionamentos que julgava importante cultivar, mas todos os seus pensamentos giravam em torno de um único interesse.

A garagem tinha espaço para dois carros, e o chão era coberto por um grande tapete preto de borracha. Havia algumas caixas arrumadas junto à parede do lado esquerdo, onde ficava a porta que dava para a sala. Na mesma parede, estavam afixados dois grandes quadros: um branco e, à direita deste, um de cortiça. No primeiro, Christian anotava suas ideias e conectava seus pensamentos. No segundo, alfinetava seus estudos investigativos, a fim de tornar seu pensamento algo visual, que pudesse ser revisitado, de modo a chegar a conclusões mais rápidas.

Na parede dos fundos, três armários guardavam ferramentas e algumas bugigangas, e no vão entre cada armário havia um quadro, cada um com a foto de um famoso cantor de *jazz*. A foto da esquerda era de Miles Davis, e a da direita, de Duke Ellington. Perto da porta da garagem, no lado direito, havia um painel para pendurar ferramentas, onde estava o martelo virado do lado contrário.

— Vamos ver o que pode ter acontecido aqui. Alguém que arrasta o pé entrou na garagem, mas antes disso teve de desligar o alarme! Preciso ir à central para ver se os cabos foram cortados.

O patrulheiro Murphy já tinha ido embora quando Christian deu a volta na casa para chegar à central, que ficava nos fundos. Os cabos estavam intactos.

— Isso quer dizer que, se ele não tinha um controle, precisou desativar o alarme por dentro da casa. Há uma grande probabilidade de haver impressões digitais nos botões.

Entrou na garagem a fim de pegar uma fita crepe para colher as digitais, mas então se deteve, pensando: *Se eu entrar lá agora, minha mãe vai começar a falar e não vai parar mais. Não há razão alguma para ela apertar os botões do alarme agora, de dentro da casa, já que tem o controle. Então posso presumir que, por enquanto, isso não é uma prioridade. De qualquer forma, não tenho acesso ao banco de dados de impressões digitais da polícia. O que mais temos aqui?*

— Recapitulando — disse em voz alta, para se ouvir enquanto formava suas teorias. — Alguém que, tendo meios de saber os números que desativam o alarme, entrou na garagem com pressa e, por arrastar os pés ao caminhar, tropeçou no tapete de borracha, deixando a ponta levemente virada para dentro. Para não cair, apoiou-se na mesa e com isso arrastou-a levemente para o lado. Consequentemente, a cadeira encostada à escrivaninha também se moveu. Ele prosseguiu até o final da garagem e, como a porta que dá para a sala fica destrancada, não teve problemas para entrar na casa e digitar em menos de trinta segundos a senha que desliga o alarme. O horário deve ter sido entre oito da manhã e quatro da tarde, o período em que ele sabia que não haveria ninguém em casa. Existe a possibilidade de algo de dentro de casa ter sido levado, se o caso foi de roubo. Não tem jeito: vou ter de enfrentar minha mãe, porque preciso verificar se alguma coisa de valor ou algo relevante sumiu.

Ele entrou devagarinho em casa, esperando que a mãe o chamasse para a bronca, mas ela estava quieta e pensativa diante da pia, olhando para a louça. Aparentava estar triste, e aquilo cortou o coração do menino. Quis falar alguma coisa para ela, mas temeu

iniciar uma conversa para a qual não estava com cabeça naquele momento.

Christian vasculhou toda a casa, e tudo estava lá. A mãe, desde que chegara, aparentemente só havia passado pela entrada e pela sala de jantar para chegar à cozinha. Nada estava fora do lugar. A teoria do furto estava fora da mesa.

Ao chegar ao quarto da mãe, olhou em volta sem perceber nada de diferente, embora não pudesse confirmar. A janela estava fechada, porém destrancada, o que lhe chamou a atenção.

Enquanto vasculhava a casa, ele também aproveitou para procurar por câmeras. Não encontrou nenhuma.

Já que estou aqui, vou colher as digitais dos botões da central de alarme, pensou. Depois de colocando tudo delicadamente em saquinhos de proteção, voltou para a garagem e guardou-os em um arquivo.

— Não estou conseguindo fazer a conexão entre as evidências encontradas aqui — disse para si mesmo enquanto olhava em volta. Então se lembrou do martelo. — Com certeza, ele foi tirado do lugar, mas por quê? Ele não está no percurso da invasão, o que me leva outra vez à pergunta: por que minha casa foi invadida? Nada foi roubado. Nenhuma câmera foi instalada, então nada de espionagem. — Fez uma pausa e concluiu: — Estou fazendo as perguntas erradas! Para que se usa um martelo? Obviamente, para martelar algo. Mas o quê? E por quê? Algo foi martelado aqui dentro?

Dirigiu-se até o local onde estava o martelo, pegou-o e então exclamou:

— *Voilà!*

A cabeça do martelo estava levemente marcada com resquícios de

tinta da cor da parede da garagem. Tudo que ele agora precisava fazer era encontrar a marca na parede. Olhou em volta procurando a evidência nas partes mais visíveis, mas não encontrou. Vasculhou o restante da garagem afastando os móveis como podia, e nada. Cansado, posicionou a cadeira de rodas voltada para a parede dos fundos quando teve a atenção chamada para os dois quadros com fotos de cantores de *jazz* .

Ansioso, dirigiu-se para o espaço entre os dois armários e retirou o quadro de Miles Davis da parede. Para sua surpresa, lá estava a marca do martelo. Mas porque cargas d'água alguém invadiria sua casa somente para pregar um quadro que já estava fixado na parede? Tirou também o quadro de Duke Ellington do lugar, mas não havia marcas de batidas ali. Ele notou que o prego estava desgastado e levemente enferrujado pela umidade. O prego que segurava o outro quadro parecia ser novo.

Voltando ao local do quadro de Miles Davis, arrancou o prego da parede e percebeu que ele não era pontiagudo. Olhou para baixo à procura de algo, sem encontrar, e então saiu da cadeira de rodas e deslizou até o chão. Esticou o braço e começou a tatear por baixo do pequeno vão do armário. Sentiu nos dedos a poeira e as teias de aranha, até que tocou algo frio com o dedo indicador. Com algum esforço, trouxe para fora um prego com o mesmo padrão de ferrugem do que fixava o outro quadro.

Ele sorrindo por um instante, mas ficou sério em seguida. Ainda não entendia a razão de tudo aquilo. Então, ao comparar os dois pregos, percebeu no prego com aparência mais nova algumas gravuras quase imperceptíveis, que lembravam uma chave.

O ânimo reacendeu. Quase em câmera lenta, levantou o braço e direcionou o prego até o orifício na parede, onde se encaixou perfeitamente, porém notou que precisava ainda dar uma

martelada para que entrasse até o final. Ansioso com a possibilidade de algo surpreendente acontecer, errou a primeira martelada, acertando bem próximo da marca que já estava na parede. A segunda martelada acertou o prego em cheio, que afundou um pouco mais. Agora usando os dedos, girou o prego no sentido horário.

Ele sentiu um clique, e do armário que ficava mais perto da porta da sala, pôde ouvir um ruído baixo, como de um elevador.

Christian mal podia acreditar no que estava acontecendo, coração acelerado pela adrenalina e pela expectativa.

Capítulo 4

A menina mecânica

Havia um grupo de alunos-fantasmas na escola Helen C. Pierce, pessoas que não eram notadas, que não participavam dos grupinhos de conversa na hora do recreio, alunos que ficavam na sua, lendo um livro, olhando para a paisagem pensativos ou estudando, crianças que os outros não faziam muita questão de agradar ou de incluir em seus grupos. Christian era um desses, mas não fora sempre assim. Antes do acidente com o pai, ele era bastante popular e tinha vários amigos, por isso todos ainda o conheciam. Fora ele mesmo quem se afastara dos amigos, cada vez mais mergulhado em sua obsessão por desenvolver seu talento investigativo, principalmente a parte da dedução. Para ser justo, ele começou a usar os colegas como cobaias para seus experimentos e estudos, o que não ajudou em nada sua popularidade.

Christian usava o ambiente da escola como laboratório. Silencioso, observava detalhadamente o movimento de cada pessoa, estudava sua personalidade e tentava prever seus movimentos. Tudo que lia procurava aplicar no seu dia a dia. Em uma escala de comunidade escolar, ele conseguia identificar crianças com tendências criminosas ou envolvidas em pequenos furtos, drogas ou brigas entre gangues, tudo quase imperceptível aos olhos dos professores. O fato de apontar os delitos dos colegas fazia com que estes o olhassem como uma pessoa de quem deveriam se afastar. Até os mais comportados eram vitimados por Christian, pois era uma aventura para ele descobrir os segredos mais íntimos das pessoas a partir das pouquíssimas informações que obtinha a respeito delas. Diferentemente de outros alunos-fantasmas, quase todos calados e introvertidos, Christian não era nem um pouco tímido e, sem

maldade, mostrava-se bem falante quando tinha certeza de alguma descoberta.

No último dia de aula, ele confirmou sua suspeita de que Sofia estava apaixonada pelo professor de matemática, Henrique. Sofia também era uma aluna-fantasma. Apesar de ser bela e inteligente, era bastante reservada e achava as pessoas de sua idade imaturos, por isso preferia ficar sozinha.

— Eu sabia, Sofia! — exclamou Christian, sem medir o tom de voz.

Sofia deu um pulo na carteira, o queixo escapando das mãos, em que se apoiava. Alguns colegas ainda estavam terminando a prova de matemática, e os que já haviam terminado tinham de ficar em silêncio, para não atrapalhar os outros. Mas era tarde demais. Christian e Sofia viraram o centro das atenções.

Suando frio por conhecer a fama do vizinho de carteira, ela sussurrou:

— O que você quer, Christian?

— Você está apaixonada pelo professor! — acusou.

— Cale a boca, Christian! — disse ela com o rosto corado de vergonha e de raiva.

— Aha! Olha só: você ficou vermelha! Como eu havia deduzido desde o princípio... eu estava certo!

Todos da sala começaram a rir, e o professor Henrique imediatamente se levantou e disse:

— Já chega! Todos calados! Continuem com a prova. E Christian, de novo, vá até a diretora. Desta vez vamos ter de chamar sua mãe para conversar!

— O que foi que eu fiz? É a verdade! Ela colocou maquiagem...

— Cale a boca, Chris! — Ordenou o professor, irritado. Embora conhecesse o menino e soubesse que ele não tinha más intenções, precisava definitivamente de limites.

O colega e rival Allan, ria-se com os amigos.

— Você é mesmo uma aberração, Avatar!

Christian saiu da sala resmungando e tentando se explicar, enquanto Sofia, morta de vergonha, estava com o rosto encostado à carteira, escondido entre os braços.

Foi por isso que ela ficou muito surpresa quando, ao entardecer daquele mesmo dia, o telefone tocou, e o identificador de chamadas dizia que Christian Abrams estava ligando. A princípio, ela cogitou não atender. *O que será que ele quer? Pedir desculpas? O Chris nunca pede desculpas por nada. Ai, que raiva dele! Envergonhou-me na frente de todo mundo hoje!*

Mas o celular continuava a tocar insistentemente. Ela olhava relutante para a tela, até que resolveu atender.

— O que você quer? — perguntou com raiva.

— Sofia, venha para minha casa agora, mas minha mãe não pode ver você chegar ou entrar. Mande-me uma mensagem de texto quando estiver diante da minha casa, que eu abro a porta da garagem para você — disse Christian sem nenhum preâmbulo. E desligou o telefone.

Sem poder acreditar, Sofia abriu a boca e franziu as sobrancelhas ao olhar para a tela do celular e ver a chamada encerrada após cinco segundos.

— Quem ele pensa que é? Deve ter pirado de vez! Se ele pensa que eu vou até lá, depois de tanto tempo sem nem falar comigo, e ainda por cima depois do que ele fez hoje, só pode ter enlouquecido de vez! — exclamou em voz alta.

Ela queria retornar a ligação só para lhe dizer umas boas verdades, tanto pelo que fizera quanto por ter desligado na cara era dela, mas não teve coragem. Tentou em vão ignorar o fato de estar morrendo de curiosidade. Deitada no chão do quarto, não conseguia pensar em outra coisa. O teto estava se tornando uma vista entediante. Assim, momentos depois, Christian recebeu uma mensagem.

— Abra a porcaria dessa porta!

A porta da garagem de Christian começou a se abrir devagar e à medida que se erguia foi revelando um par de tênis All Star de cano curto, branco e sujo, um *shorts jeans* e uma camiseta preta com estampa de uma banda de *rock* com as mangas rasgadas e grande demais para o pequeno corpo feminino que se delineava. O cabelo negro e desarrumado que desaparecia por trás dos ombros e uma cara de poucos amigos revelou completamente a figura.

Assim que a viu, Christian abriu um grande sorriso, mas Sofia partiu par cima dele e acertou-lhe um soco na cara, seguido por uma chuva de tapas.

— Pare! Está maluca? — gritou Christian, enquanto tentava se defender.

— Maluca, eu?! O que você tem na cabeça, para me envergonhar daquele jeito na frente de todo mundo? — Ela ficara ainda mais indignada com a cara de pau do colega, que ousara sorrir para ela, como se nada tivesse acontecido. — Diga logo o que você quer, porque não tenho mais tempo a perder com você — disse por fim, mais calma, porém ainda muito zangada.

Aos poucos, Christian se recompôs e respondeu:

— Eu não sabia em quem confiar. Você é minha única amiga, Sofia...

Ao ouvir isso, Sofia quase o agrediu de novo.

— Faz dois anos que você não fala comigo, Chris! Como tem coragem de me chamar de amiga? Éramos os melhores amigos antes do acidente. Entendo que não deve ter sido fácil para você. Fui visitá-lo no hospital todos os dias enquanto você estava em coma, mas depois que acordou você não quis ver ninguém. Também entendi que você precisava de espaço e fiquei na minha. Mas... dois anos?! Sério mesmo que você me considera uma amiga?

Christian e Sofia se conheciam desde pequenos e sempre estudaram juntos. O pai de Sofia era dono de um ferro-velho, e Christian e o Dr. Abrams eram fiéis clientes, sempre comprando peças para consertar o *kart* ou para construir alguma coisa mirabolante. Sofia, que sonhava ser engenheira mecânica, estava sempre por perto para acompanhar os dois e aprender com o renomado Dr. Abrams alguns truques especiais. Ela e Christian acabaram se aproximando muito. Tornaram-se inseparáveis, os melhores amigos até o dia do acidente.

Irritada com o silêncio de Christian, ela revirou os olhos e deu meia-volta para ir embora. Christian segurou-a pelo braço.

— Preciso lhe mostrar uma coisa, Sofia.

Ele fechou a porta da garagem, tirou o quadro de Miles Davis do lugar e girou a chave no buraco. O som de mecanicismos subindo soou de dentro do armário. Quando Christian abriu as portas, Sofia quase caiu para trás de espanto.

Dentro do armário, havia um homem morto!

Capítulo 5

E agora?

— Chris, o que foi que você fez?! — perguntou Sofia, aterrorizada.

— Eu, nada — respondeu Christian sorrindo. E acrescentou, orgulhoso: — Foi meu pai.

— Como assim? De quem é esse corpo? Por que você me chamou aqui? E por que está sorrindo?

— Eu também pensei que fosse o corpo de alguém. Quase caí pra trás quando abri pela primeira vez a porta do armário. Pensei que alguém tivesse escondido o corpo aqui. Nossa casa foi invadida hoje, mas, para variar, ninguém acredita em mim. Acho que quem invadiu esteve muito perto de descobrir a localização deste compartimento, mas não teve tempo, porque ouviu nosso carro chegando mais cedo da escola. Tenho certeza disso porque descobri que a janela do quarto da minha mãe estava destrancada. Quando nos ouviu chegar o invasor provavelmente fugiu pela janela.

— Chris, você não está vendo a mesma coisa que eu estou? — perguntou Sofia apontando para o corpo dentro do armário.

— Sim, estou. É um robô — disse ele movimentando-lhe o braço para cima e para baixo.

Sofia ficou boquiaberta. Sua expressão mudou drasticamente, de assustada para confusa.

— Melhor dizendo, Sofia, isto é um androide, porque ele tem uma pele de silicone que imita perfeitamente a pele humana. Não tenho

dúvidas de que é uma criação do meu pai. Só não entendo por que ele escondeu isso de mim.

Esquecendo-se de todas as emoções negativas que sentira por Christian no decorrer daquele dia, ela começou a estudar o androide.

— E funciona, Chris?

— Foi justamente por isso que chamei você. Eu não sei. Entendo um pouco de mecânica básica, mas nada como você — ele respondeu.

— Vamos ver... — disse Sofia.

Tiraram o androide de dentro do armário com certa dificuldade, desconectaram-no do que parecia ser um carregador e o sentaram na cadeira.

Ele tinha olhos azuis, cabelo castanho claro e curto. Era bem alto e de aparência saudável, mas extremamente magro. Impossível adivinhar que havia um corpo metálico embaixo daquela pele de silicone. Ele estava vestindo um conjunto esportivo da Adidas.

Sofia começou a despi-lo da pele sintética, que revelou um robô feito de uma liga de titânio com ouro. Apesar de todos os mecanismos serem esteticamente simples para um engenheiro mecatrônico, a combinação de todos eles era única: não havia nada parecido no mundo. Ela ficou a estudá-lo por algumas horas, extasiada.

— Então, Sofia, aprendeu como isso funciona? — perguntou Christian, ansioso após a longa espera.

— Parece bem mais simples do que imaginei — respondeu Sofia.

— O maior mistério para mim é este mecanismo dourado, que parece ser a central de energia, e o HD, que precisa de programação básica. Os mecanismos são fantásticos! Na teoria,

todos funcionam em uma sincronia delicada como o corpo humano. É simplesmente fantástico, revolucionário! Christian, este robô pode mudar o mundo como o conhecemos!

— Se alguém sabe desse robô, então a pessoa que invadiu minha casa pode voltar para tentar roubá-lo, e nas mãos erradas pode ser muito perigoso. Imagine um exército criado a partir do desenho dele! Precisamos mover ele daqui ainda esta noite. Eu e minha mãe podemos estar em perigo.

Olhando para o relógio Sofia disse:

— Estou com o guincho do meu pai aqui fora. Daqui a pouco sua mãe chamar você para jantar, então vamos fazer isso rápido, antes que ela venha.

— Sofia, você está dirigindo o caminhão do seu pai?!

Ela sorriu e respondeu:

— Para sua sorte, estou.

— E se a polícia te parar?

Ela tirou de seu bolso uma carteira de motorista e mostrou-a para Christian.

— Já estou dirigindo o caminhão há alguns dias, e por enquanto nada aconteceu. Mas se me pararem, tenho isto aqui.

— Mas você só tem 11 anos!

— E por que acha que venho usando maquiagem nos últimos dias?

Atônito, Christian não conseguiu acreditar no que estava ouvindo.

— E os olhares românticos para o professor Henrique?

— Você não me conhece mais mesmo, hein? Eu lá fui romântica algum dia na vida? Olhe para mim: faço o tipo de princesinha? Eu precisava praticar um olhar delicado para encarar um patrulheiro,

caso fosse parada.

— Sofia!

— O quê? Amo dirigir. Não aguento esperar até meus 16 anos.

— Uau! Acho que não a conheço, mesmo. E, o pior de tudo, eu estava errado! — exclamou Christian, perplexo.

— Vamos, abra a garagem, que vou estacionar o caminhão aqui atrás e guinchar Robbie!

— Robbie?

— Sim, esse é o nome do nosso novo amigo — disse Sofia sorrindo.

Christian abriu a porta da garagem, e Sofia estacionou o caminhão de ré. Robbie era bastante pesado para carregar, então amarraram nele a corrente do guincho a fim de acomodá-lo no caminhão. Ele tinha total confiança na amiga. Sabia que ela levaria Robbie para o ferro-velho do pai, onde havia dezenas de esconderijos. Por hora, o segredo deles estaria a salvo.

Antes de partir, Christian perguntou:

— E essa carteira de motorista? É quente?

— Claro.

— Como você a conseguiu?

— Um garoto da nossa sala chamado Webster (acho que ele gosta de mim), que é programador, apresentou-me um *site* na Deep Web. Barra pesada o pessoal de lá, mas eles fazem um trabalho impecável. Um cara que se apresentou como Aranha é um *hacker*, especialista em criar novas identidades. Ele consegue invadir *sites* do governo e tudo o mais. Pelo jeito que falou comigo, suspeito que seja o próprio Webster, mas não tenho como provar. Ele é bastante reservado.

— E ele é confiável?

— Precisa ser, por causa do trabalho dele. Por quê? — perguntou Sofia.

— Passe-me o contato dele por mensagem. Tive uma ideia!

Capítulo 6

As ruínas de Tenochtitlán

Cinco anos antes desses acontecimentos, um grupo de cientistas da Universidade de Illinois explorava as ruínas de Tenochtitlán, a antiga capital do Império asteca, no México.

O grupo era composto pelo Dr. Damon Blackstone, que chefiava a expedição arqueológica. Era um nigeriano com cidadania americana, autoridade em arqueologia indígena e PhD em história asteca. Estava acompanhado por sua assistente, Camila Meinhof, que era formada em psicologia, mas apaixonada pelo trabalho do Dr. Blackstone, largou a carreira para trabalhar com ele. Outro componente do grupo era o Dr. Francis Buckland, astrofísico convidado pelo Dr. Blackstone para compor o time. Por último, foi

chamado também o Dr. Peter Abrams, especialista em robótica.

A razão de estarem ali era a suspeita arqueológica do Dr. Blackstone. Ele descobrira, pela leitura das profecias astecas, que a cada 6.200 anos um tipo de asteroide, chamado “dragão” pelos astecas, atingia a terra causando uma terrível catástrofe. Estimava-se o diâmetro desses asteroides em mais de uma centena de metros, que ao colidirem com a terra causariam um impacto de cerca de 15 megatons, aproximadamente mil vezes a potência da bomba atômica que atingiu Hiroshima na Segunda Guerra Mundial. Tinha poder suficiente para destruir uma área de 2 mil quilômetros quadrados.

O Dr. Blackstone acreditava que os astecas estavam se preparando para esse acontecimento e que o famoso calendário deles era na verdade um mapa que levaria ao lugar onde estaria a solução para esse dia tão terrível.

— Senhores, aqui estamos! — disse o Dr. Blackstone segurando uma versão de bolso da Pedra do Sol.

— De acordo com o mapa, estamos a vinte passos da sala da profecia — completou Camila.

— Então, o que estamos esperando? Vamos em frente! — exclamou o Dr. Abrams.

Dentro de uma pirâmide, eles deram passos firmes, contando-os um a um. Ao terminar a contagem, olharam em volta, sem perceber nada de especial.

— E agora o que o mapa indica, Damon? — perguntou o Dr. Buckland.

O Dr. Blackstone olhou para o artefato em sua mão esquerda e virou-se para uma parede à sua direita, contou dez tijolos de baixo para cima e apertou o décimo, que afundou na parede com um

pequeno esforço. Então as paredes do lugar começaram a se mover mecanicamente, e uma sala nunca antes visitada por arqueólogo algum foi revelada diante do grupo. O que viram ali os deixou perplexos, especialmente o Dr. Abrams: dois robôs vestidos de guerreiros astecas estavam diante deles!

Eufórico como uma criança em manhã de Natal, o Dr. Blackstone quase gritou:

— Eu lhe disse Peter! Eu disse que os astecas fizeram robôs! — e, apontando para a parte inferior do calendário asteca, explicou: — Estas duas figuras representam esses dois robôs. No rosto do personagem da esquerda, chamado Quetzalcóatl, podemos ver em formato de arames sobrepostos as formas metálicas. Isto é incrível!

Depois de estudar as duas máquinas, que eram idênticas, O Dr. Abrams mal podia acreditar na complexidade delas e ao mesmo tempo na simplicidade da mecânica descoberta pelos astecas muito antes da Revolução Industrial. Admirado, comentou: — A engenharia disto é maravilhosa, revolucionária! Existem aprimoramentos que podem ser feitos, sim, mas nunca vi nada parecido!

O Dr. Blackstone estava estudando as paredes do lugar. Ele entendia muito bem o que os símbolos esculpidos significavam:

— Eles acreditavam que estes dois robôs poderiam parar o “dragão” — informou, com os olhos passeando pelas gravuras.

— Talvez não tenham tido tempo suficiente para concluir o projeto, por causa da chegada dos conquistadores espanhóis — sugeriu Camila.

— Mas não pode ser. Essa tecnologia está muito à frente dos astecas. Se tivessem essa noção de engrenagem, toda a cultura deles seria redesenhada — observou o Dr. Abrams.

— À frente ou atrás... — disse o Dr. Buckland apontando para as constelações na parede oposta da sala.

— Os ufólogos vão pirar com isso aqui. Aparentemente, eles encontraram os robôs ao construir a cidade — completou o Dr. Blackstone examinando melhor a parede.

— E agora, o que fazemos com esta descoberta? — perguntou Camila.

— Se entregarmos os robôs às autoridades, nunca mais iremos vê-los, muito menos poderemos estudá-los — disse o Dr. Abrams, pensando nas possíveis aplicações e em como poderia usar aquela tecnologia para devolver a mobilidade às pernas de Christian.

O Dr. Blackstone, sonhando acordado, sugeriu:

— Voto para mantermos o achado em segredo. Vamos levar os robôs para Chicago, e lá os estudaremos em segredo. Quando descobrirmos alguma aplicação concreta, decidiremos sobre como revelar a existência deles ao mundo. Isso precisa acontecer em grande estilo. Concordo com Peter: se entregarmos os robôs agora, ninguém saberá que fomos os responsáveis pela nova revolução tecnológica da nossa era. O mundo escreverá os nossos nomes na história quando esta descoberta vier à tona.

Todos concordaram.

Os dois robôs tiveram de ser contrabandeados para os Estados Unidos. O Dr. Buckland certificou-se de que tudo transcorresse sem maiores problemas. Surpreendentemente, ele tinha contatos para realizar o “transporte”.

O Dr. Blackstone e sua assistente pessoal ficaram mais alguns dias no México estudando as novas gravuras encontradas.

— Camila, existe uma exatidão extraordinária no calendário asteca, e ao que tudo indica, o dia da vinda do dragão será daqui a cinco

anos, exatamente no dia 4 de julho — concluiu.

Quase cinco anos depois, no Millennium Park, em Chicago, às seis e meia da manhã, um empresário dirigia-se apressadamente ao seu escritório, quando começou ouvir o som de vozes aglomeradas, algo incomum àquela hora. Notou que várias pessoas, a maioria usando roupas de corrida, estavam paradas diante de uma obra de arte chamada Chicago Bean, uma escultura gigante que parecia um enorme feijão metálico. Todos olhavam para dentro do arco que forma a escultura. Curioso, o empresário estranhou a expressão incomum no rosto deles, espremeu-se entre a pequena multidão para ver também o que estava acontecendo e deparou com uma garota ensanguentada com um corte no centro do peito.

O som das sirenes soava forte agora, e as pessoas abriram espaço para as viaturas. Os policiais chegaram, afastaram-nas ainda mais e cercaram o lugar com uma fita amarela. A equipe de investigação começou a trabalhar. Uma detetive abaixou-se para examinar o corte enquanto outros dois conversavam olhando para o rosto da moça.

— É ela mesmo, Travis — disse um deles. — Sara Davis, a garota que foi abduzida dois dias atrás.

Capítulo 7

A aliança

Com sete telas de computador *flatscreen* na parede, todas ligadas simultaneamente, uma cama desarrumada de solteiro, caixas de som tocando música eletrônica no último volume, roupas sujas espalhadas por todo o ambiente, um *minifreezer* ao lado da pequena estante cheia de sacos de salgadinhos, latas vazias de refrigerante espalhadas, uma cadeira superconfortável, todos os consoles de *videogame* já criados e uma coleção invejável de cartuchos de jogos — o quarto do *hacker* chamado Webster era um sonho para alguns e um pesadelo para outros.

Tido na comunidade como o maior prodígio dos últimos tempos em tecnologia, Webster aos 11 anos de idade, tinha já feito seu nome entre os grandes programadores, tudo isso se mantendo anônimo. Ele comandava um grupo de *hackers* responsáveis por uma série de protestos políticos digitais e ditava o que era humor na Internet, sendo o proprietário do domínio Neingag.com.

— Ah férias, sua linda! — exclamou Webster entretido num jogo de tiro *online* na primeira pessoa.

De vez em quando, ele olhava uma das telas, para monitorar seu *site*, ver o que seus amigos estavam fazendo e inteirar-se da notícia do momento. Mas, acima de tudo, ele se intitulava um caçador de vampiros. “Vampiro” era o termo para predador de crianças na Internet. Ele identificava com seus meios esses pedófilos e os entregava de mão beijada ao FBI, uma das razões pelas quais não era muito importunado pelas autoridades.

Usando um fone de ouvido com microfone acoplado, Webster conversava com seus companheiros de batalha:

— Trolho, três horas, um atirador de elite no topo da torre. — *Bang!* Seu amigo tomou um tiro antes de poder reagir. — Tarde demais! Vacilou, *playboy* !

— Caramba, Aranha! Esse *sniper* está arrebetando a gente hoje. Quem é esse cara? — perguntou Trolho, amigo de equipe de Webster, que tinha o apelido de Aranha no jogo.

— Deixe ele comigo! — disse Webster.

O jogo acontecia em uma cidade na Itália cheia de vielas e pequenos prédios antigos. Ele começou a correr ladeira acima e no caminho encontrou alguns inimigos, derrotando todos eles, a maioria com seu fuzil M16, mas em dado momento usou a faca para pegar de surpresa um inimigo que estava de costas guardando a torre. Webster subiu as escadas até chegar ao topo, esperando encontrar ali o atirador de elite. Achou uma foto, e o jogo deu a opção de visualizá-la. Webster clicou “Sim”. Ao visualizar a foto, tomou um susto: era Sofia. Ficou paralisado um instante. E tomou um tiro na cabeça.

Uma das estratégias do jogo era deixar armadilhas ao longo do caminho. Colocar fotos em JPG era uma das opções. Se o jogador escolhesse visualizar a foto, no tempo em que a olhasse estaria totalmente vulnerável, mas se não tomasse nenhum tiro ganhava um escudo temporário de proteção. Webster subestimara o atirador de elite, que se movera da torre para um telhado enquanto seus companheiros de equipe distraíam o famoso Aranha.

— Caramba! Estou assistindo ao seu canal no Twitch. Esse *headshot* foi cruel! — disse Trolho, adicionando um “kkkk”.

Webster não gostou da brincadeira.

— Agora fiquei com raiva! Vou acabar com esse *noob* ! — Mas de repente apareceu uma mensagem em seu visor: “Headshotmaster quer abrir um *chat* com você. Aceita?”. — Sim, aceito.

Abriu-se uma conversa particular na tela.

— Não vai demorar mais de três minutos para eu descobrir seu servidor, palhaço! — disse Webster, ainda irritado com a brincadeira da foto da Sofia.

— Você sabia que ela foi presa hoje quando voltava para casa? — perguntou o jogador do outro lado.

Imediatamente, Webster abriu uma tela em outro monitor e hackeou o sistema da polícia procurando o nome de Sofia, mas não achou nada.

— Como assim? Não tem nenhum registro dela no *site* da polícia — contestou.

— E se fosse verdade? Você teria contribuído para isso. Como você se sentiria sendo responsável por ajudar uma garota a pagar pena por falsidade ideológica?

— Quem é você? — quis saber Webster.

— Sou da sua sala...

— Eu estava tentando protegê-la — justificou-se Webster. — Ela iria dirigir de qualquer maneira. Nós conversamos às vezes na escola, e deu para perceber que estava bem decidida. Eu só quis dar uma força para que, se algo acontecesse, ela não fosse presa. Os documentos são quentes.

— Você faz isso como um trabalho, ou foi só com ela? — perguntou o jogador.

— Você é investigador, por acaso? Acabei de escanear o seu IP. Sei onde você mora.

— Que bom, quero que você venha aqui amanhã. Tenho uma proposta para lhe fazer.

— Seja qual for, não tenho interesse, *brother*.

— E se eu lhe adiantasse que é um projeto em que você vai trabalhar com Sofia?

Webster invadiu a câmera do *laptop* na garagem de Christian e o reconheceu.

— Christian? Está me zoando, né? Sofia odeia você, principalmente depois de hoje. Você a fez passar a maior vergonha na sala!

Christian mostrou o colar da mãe de Sofia na *webcam* e retrucou:

— Acredite em mim, eu e Sofia nos conhecemos desde a creche. Já está tudo bem entre nós.

— Ok. Então amanhã nos encontramos na sua casa?

— Sim.

— Fechado.

No outro dia, no horário combinado, Webster tocou a campainha da casa de Christian. Poucos segundos depois, a Sra. Abrams abriu a porta.

— Oi. Tudo bem, Sra. Abrams? Sou o Webster, colega de sala do Christian. Ele está?

Surpresa e muito feliz pelo filho ter visitas já no primeiro dia de férias, ela gritou:

— Christian, seu amigo Webster está aqui!

Christian veio ziguezagueando com a cadeira de rodas, e a mãe estranhou seu bom humor.

— Entre aí, mano! — cumprimentou Christian e, batendo na mão de Webster, convidou: — Vamos até a garagem.

Já estavam lá quando a campainha soou novamente. A Sra. Abrams abriu a porta e quase caiu de costas quando viu Sofia toda sorridente, com os braços para trás.

— Bom dia, Sra. Abrams! O Christian está?

Sem palavras, a mãe de Christian apenas balançou a cabeça positivamente e deixou Sofia entrar. Ela já conhecia o caminho até a garagem.

— Oi, meninos!

Webster ficou um pouco sem graça e respondeu

— O-oi...

— Deu tudo certo, Sofia? — perguntou Christian de maneira direta.

— Sim, ele já está protegido — respondeu ela.

— Ele quem? — quis saber Webster.

Christian colocou uma luz muito forte sobre os olhos de Webster, que o obrigou a fechar um pouco os olhos e a proteger o rosto com o braço, e falou:

— Vamos saber daqui a pouco se você merece saber a resposta a essa pergunta ou não.

— Como assim? Do que você está falando? — Webster estava confuso.

Naquele momento, a Sra. Abrams entrou com alguns sanduíches e limonada.

— Crianças, olhem o que eu trouxe para vocês! — anunciou, animada.

— Mãe, estamos tendo uma reunião! — disse Christian, irritado.

Ela ficou toda sem graça, pois não queria interferir, já que não tinha mais esperanças de ver o filho brincando com alguém.

— Claro, claro, desculpe! Vou deixar tudo aqui na mesa. Sofia, está tudo bem entre vocês depois de ontem?

— MÃE! —Christian estava irritado.

Sorrindo, Sofia respondeu:

— Está, sim, Sra. Abrams. Não se preocupe.

E ela deixou o trio a sós na garagem.

— Voltando ao assunto, tenho apenas uma pergunta para você, Webster: se você tivesse algum superpoder, o que você faria com isso?

— O que acontece se eu responder errado? — quis saber Webster

— Você nunca vai saber do nosso projeto — respondeu Sofia.

— E se eu responder corretamente?

— Aí você vai descobrir, já, já — disse Christian.

— Ok. Se eu tivesse um superpoder seria o de me conectar a Internet usando apenas o cérebro, ter acesso a toda informação da Web sem a necessidade de um aparelho, só com a força do pensamento.

— E por quê? — perguntou Christian.

— Olha, vocês não podem falar isso para ninguém, mas já sou meio que um super-herói. — Webster queria valorizar seu lado para impressionar Sofia. — Sou um caçador de vampiros.

Sofia e Christian entreolharam-se confusos, como se fossem um espelho um do outro.

— Não desses que vocês estão pensando... não sou criança, tá? Vampiro é um nome dado a pedófilos na Internet. Eu invado o IP deles, colho informações e repasso anonimamente para o FBI.

— Uau! Que demais, Webster! — exclamou Sofia, sorridente.

— E, se eu tivesse acesso a Internet pelo poder da mente, seria mais fácil rastrear esses monstros — completou Webster.

Naquele momento, Christian estendeu a mão a Webster e disse:

— Bem-vindo ao time, Webster!

Confuso, ele apertou a mão do colega.

— Obrigado, mas time do quê?

— Vamos até o ferro-velho do meu pai! Lá você vai entender melhor — disse Sofia, empolgada.

Capítulo 8

Detetive

Robbie

Era o primeiro dia de férias, e a mãe de Christian estava muito feliz pelo filho ter se aberto a novas amizades. *As broncas finalmente surtiram efeito*, ela pensou. Estava convencida também de que o episódio do dia anterior foi o que ele precisava para se levantar daquele isolamento de dois anos desde a morte do pai. Então, quando Christian pediu carona para a casa de Sofia, ela prontamente se dispôs a levá-lo. Nada iria estragar aquele momento tão especial.

— Cuidem-se crianças! — disse ela ao se despedir. — Cuidado para não se machucarem. E, Chris, comporte-se. Beijo, filho.

— Tchau, mãe.

Eles entraram no terreno do ferro-velho, e o pai de Sofia, o Sr. Johnson, cumprimentou-os no caminho. Era um homem alto e muito forte, grande mesmo, com uma barriga enorme. Tinha um bigode espesso e o cabelo raso e desarrumado. Como sempre, estava vestindo um macacão *jeans* com uma alça solta, camiseta branca por baixo e uma bota Timberland desamarrada. Os bolsos do macacão estavam cheios de ferramentas.

— Christian! Que bom ver você por aqui, rapaz! — Ele deu um forte abraço no garoto, levantando-o da cadeira de rodas.

— E quem é este rapaz aqui, Sofia?

— M-meu nome é Webster, senhor — apresentou-se ele, nervoso.

O Sr. Johnson deu-lhe um forte abraço também, o que deixou o garoto sem graça.

— Pode me chamar de Papa Johnson Webster. Senhor é só no céu
— disse, dando uma forte gargalhada.

Sofia deu um carinhoso beijo no rosto do pai e disse:

— Nós três vamos brincar lá dentro. Ok, Papa?

O ferro-velho era enorme, tinha montanhas de sucata, com caminhos que lembravam labirintos, mas Sofia conhecia cada um deles. Depois de muitas curvas, a ponto de Webster já estar perdido, chegaram a uma grande montanha de carros inutilizados, que para um olhar comum não era diferente das outras centenas de pilhas de sucata.

— Vamos entrar. Sigam-me! — convidou Sofia.

Ela foi avançando por entre os carros e ferragens, e em alguns pontos Christian precisou de auxílio. Chegarem por fim a um espaço iluminado pela energia que Sofia adaptara. Aquele era seu lugar secreto. Ela fizera algumas esculturas de sucata para decorar o lugar, e bem no centro estava Robbie.

Webster tomou um susto ao ver um homem sentado com a cabeça baixa usando apenas uma cueca *boxer* com um desenho-padrão do R2-D2.

— O que é isso? — perguntou, recuando assustado.

— Este é Robbie, um androide que Christian achou na garagem dele — respondeu Sofia. — O pai dele era engenheiro mecatrônico. Provavelmente era dele.

— E por que isso está escondido aqui?

— Dê uma olhada nesse robô. Não existe nada parecido na terra. Já imaginou se isso cair em mãos erradas? O próprio governo pode usá-lo pra construir um exército, e isso não seria bom —

respondeu Christian.

— E porque vocês estão me falando sobre isso? — Diante do silêncio dos outros dois, ele pensou por um pouco, caiu em si e, com um largo sorriso, fez nova pergunta: — Vocês têm ideia das possibilidades?

Sofia e Christian balançaram a cabeça positivamente, também com um sorriso até a orelha.

— Seria como se a gente tivesse o nosso adulto particular! — disse Webster.

Todos caíram na gargalhada.

— Tudo bem, mas como funciona? — Webster já estava íntimo de Robbie, mexendo nele, procurando o botão para ligar.

— Bem, ele precisa ser programado. É aí que você entra — respondeu Christian.

Sofia começou a mostrar a mecânica do robô para Webster. Maravilhado, ele deu uma olhada no HD e disse:

— Vamos ver o que consigo fazer. — Ele trazia consigo uma pequena mochila onde sempre carregava seu *laptop*, alguns cabos e outras ferramentas. Com um cabo, ele conectou o *laptop* ao robô e começou a trabalhar. De início mais ocupado em descobrir a linguagem que o robô usava e o programa utilizado para programá-lo. Por fim concluiu: — Gente vocês não vão acreditar, mas é muito fácil programar esse robô! Seu pai deixou praticamente tudo pronto, Chris. Foi instalado nele o mesmo *software* usado para programar *videogame*s. Só há um porém.

— O que é? — quis saber Christian, morrendo de curiosidade.

— Ele não tem muita autonomia. Ou seja, não pode tomar muitas decisões por si só. Alguém precisa controlá-lo.

— Explique melhor, Web — pediu Sofia.

— Eu consigo programar algumas funções básicas de ação e respostas, como acontece quando você fala como o assistente pessoal do *smartphone*. A tecnologia para a inteligência artificial ainda é muito limitada, mas posso programá-lo para que a gente o controle, como um *videogame*.

— O nome dele é Robbie — corrigiu Sofia.

— Robbie? Gostei. Robbie por que ele é um robô, né?

— Isso — confirmou ela sorrindo.

— Bom, agora me deixem trabalhar aqui. Vai ser muito mais rápido do que vocês imaginam, porque a maioria dos movimentos eu consigo baixar da linguagem usada em jogos. E, como existem milhares de jogos, vai ser como estar dentro de Matrix. Depois vamos adaptando novas linhas de programação, de acordo com nossa necessidade.

— Tudo bem, pode começar. A gente vai esperar lá fora para não atrapalhar — disse Christian.

Ele e Sofia saíram e começaram a conversar.

— A cada minuto Robbie está se tornando mais vivo, hein? — comentou Sofia.

— Estou pensando no que Webster descobriu, que Robbie precisa ser controlado — disse Christian pensativo. — Precisamos decidir para que vamos usá-lo. Somos crianças, dependemos dos nossos pais ainda, mas Robbie vai ser adulto, e a gente pode fazer o que quiser com ele.

— E o que você tem em mente?

— A ideia é meio maluca, mas se der certo seria muito legal. — Christian estava pensativo, com o olhar distante. — Alguém

invadiu minha casa, e logo depois encontrei Robbie. Isso quer dizer que alguém estava procurando por ele. E se essa pessoa voltar? Eu e minha mãe podemos estar em perigo.

— Então você quer usá-lo como guarda-costas? — perguntou Sofia, intrigada.

— Não, eu não teria como explicar a presença de um estranho para minha mãe. Mesmo que ele ficasse nas vizinhanças, alguém iria acabar desconfiando e chamando a polícia.

— Então o que você acha que devemos fazer? — insistiu Sofia.

— Vamos infiltrar Robbie no Departamento de Polícia, como detetive. Aí poderemos investigar as pistas que já recolhi para descobrir quem invadiu minha casa e por quê.

— Isso não vai ser nada fácil, Chris. Mas a ideia é genial! Você poderá finalmente concretizar seu sonho de se tornar detetive e resolver casos reais... e parar de encher minha paciência na escola.

— Você seria minha mecânica Sofia, e Webster, o programador. Formaríamos um belo time, não é?

Sofia pensou um instante. Seu sonho era ser mecânica, mas nunca imaginou que aconteceria daquela maneira.

— Gostei, Chris. Acho que vai dar certo.

— Webster precisa criar uma identidade falsa para Robbie. Vamos lá dentro conversar com ele.

Quando entraram, tiveram uma grande surpresa. Robbie estava dançando, e Webster morria de rir com um controle na mão.

— Galera, isto aqui é demais! Vejam, ele faz tudo que a gente quer!

— Dito isso, apertou um botão no *joystick*, e Robbie deu um salto mortal para trás. — Esperem, que fica ainda melhor!

Webster pôs um cubo mágico nas mãos de Robbie, e ele respondeu

automaticamente segurando o cubo. Depois de um comando, o androide resolveu o cubo em segundos. Em seguida, o pequeno *hacker* ordenou que o robô digitasse no *laptop*, e ele o fez com toda a delicadeza, em movimentos superprecisos.

Christian e Sofia estavam boquiabertos.

— Uau! É realmente incrível! — exclamou Christian, feliz da vida.

— Deixe-me brincar com ele um pouquinho!

— Depois eu também quero! — adiantou Sofia.

Os três ficaram a tarde inteira brincado com Robbie, testando suas habilidades, adaptando novos códigos de programação e se divertindo como nunca.

— Assim como nós, os olhos dele são como câmeras, os ouvidos como microfones e a boca como uma caixa de som. A gente pode ver através desses óculos de realidade virtual tudo que ele enxerga em tempo real, falar através deste microfone e ouvir tudo o que está acontecendo à volta dele com uma precisão fantástica — explicou Webster.

— Ótimo! Agora vamos partir para uma fase mais delicada — anunciou Christian. Percebendo que Webster estava confuso, esclareceu: — Precisamos criar uma identidade para ele, porque vamos infiltrar Robbie no Departamento de Polícia como detetive investigador.

Capítulo 9

Departamento de Polícia de Chicago

Chicago não é conhecida como uma das cidades mais pacíficas da América, pelo contrário: é bastante agitada, e a criminalidade é bem alta, apesar de combatida destemidamente pelo Departamento de Polícia da metrópole. A maior parte da violência é causada por gangues. A disputa por território é a causa de mais de 70% dos assassinatos e incidentes por armas de fogo, mas de vez em quando aparece um maluco, um assassino em série, alguém com problemas psicológicos ou um megalomaníaco querendo chamar a atenção ao praticar algum tipo de atrocidade. Às vezes, todas essas características são encontradas em apenas uma pessoa.

Naquele dia, todos os policiais da força estavam parados com os olhos fixos na tela da televisão da delegacia, os próprios criminosos que estavam sendo fichados tinham a atenção presa na TV, onde segundos antes a transmissão fora interrompida para tocar uma gravação de alguém que se intitulava “o Recipiente”.

No vídeo, aparecia um homem vestido com um manto negro com capuz que lhe cobria a maior parte do corpo. Uma faixa negra pintada na linha da boca cruzava horizontalmente todo o rosto. Os dentes eram desgastados e pontiagudos. Parecia ter o corpo todo tatuado sobre a pele negra de escamas. Os olhos eram amarelos escuros quase invisíveis sob as pálpebras caídas por causa do capuz que lhe cobria um terço do rosto. A barba branca envolvia a parte inferior do queixo e chegava à altura do pescoço. Uma capa negra com o interior vermelho escarlate cobria-lhe as costas, e os adereços nos braços, pescoço e tornozelos pareciam feitos de um metal esverdeado e enferrujado. Ele estava sentado em uma espécie de trono rústico, e percebia-se ao lado dele a sombra de

uma pessoa indefinida.

— Cidadãos de Chicago e do mundo, há muito tempo, no antigo Império Asteca, o grande imperador Nezaucoyoatl previu em uma profecia que o deus Quetzalcóatl engoliria parte da terra no dia exato de 4 de julho deste ano em que vivemos. Sou o mensageiro de Quetzalcóatl. Sacrifícios de sangue precisam ser feitos para que sua fúria não se estenda a todos nós. A primeira parte do sacrifício já foi realizada com sucesso. A próxima está a caminho...

A câmera foi virada e apareceu em um canto escuro uma garota vendada e amarrada. Ela estava assustada, com os olhos lacrimejando. O Recipiente continuou com seu anúncio:

— Três garotas em três semanas. Para cada garota, exijo um bilhão de dólares, que é um preço razoável para a salvação da humanidade.

E a transmissão foi encerrada. Dois ou três segundos depois, todo o departamento entrou em polvorosa.

Murry, o chefe de polícia começou a gritar ordens do segundo andar. Era um homem de meia-idade, cabelo bem cortado ao estilo militar, os lados já embranquecidos. Usava um terno creme com uma gravata azul desajeitada e óculos de armadura quadrada. A barba era malfeita, e as sobrancelhas desarrumadas ficaram mais intimidantes quando ele as franzia.

— Goodwin, identifique essa garota imediatamente! Grace, rápido, ligue para a estação de TV e descubra como essa gravação chegou às mãos deles. Travis, quero um relatório completo até o final da tarde sobre a morte daquela moça, Sara Davis. Andem seu bando de imprestáveis! Quero todos envolvidos em descobrir quem é esse maníaco imediatamente!

Apoiado com as mãos no corrimão de madeira talhada e ainda gritando, nem percebeu ao seu lado um homem alto com uma capa

de chuva de couro abotoada, na cor creme escuro, um chapéu da mesma cor e um terno de três peças cor de chumbo por baixo. Uma gravata vermelha, botas marrons e luvas negras de couro completavam o visual. Quando finalmente olhou para o lado, o chefe olhou aquele sujeito estranho de cima a baixo e disse: — Não está um pouco calor em maio para esse guarda-roupa, rapaz?

— Prazer, chefe. Meu nome é Robbie — E esticou a mão.

O chefe apertando a mão de Robbie e disse:

— Entre na minha sala!

Os dois entraram, e o chefe Murry convidou Robbie a sentar-se. Uma grande mesa de escritório de madeira mogno separava os dois. Sobre a mesa, uma velha máquina de escrever e papéis espalhados por todos os lugares. Nas paredes, muitas medalhas, troféus e fotos com personalidades.

No canto direito de quem entrasse na sala achava-se um armário com portas de madeira e vidro, dentro do qual se podiam ver alguns livros, fichários e armas antigas. Do lado esquerdo, um sofá para duas pessoas e uma cabeça de rinoceronte empalhada, bem atrás da cadeira do chefe Murry. Junto aos quadros de fotografias, havia uma espingarda de caça.

— Então é você o detetive-estrela estrela sobre quem recebi um *e-mail* esta manhã, com referência do próprio general Campers. Diga-me, rapaz, você não é americano?

— Não, senhor. Nasci em Estocolmo, na Suécia. Mas minha família veio para os Estados Unidos quando eu ainda um bebê.

— Fala a língua do seu país?

— Não, senhor. Sempre falamos inglês em minha casa.

— Filho único, certo?

— Sim.

— E seus pais?

— Morreram em um acidente ao visitar nosso país natal, quando eu era adolescente.

— Você se formou na Academia de Polícia em Seattle?

— Sim, senhor.

— Aquela que foi destruída em um incêndio há alguns anos? Uma grande pena! — Suspirou o chefe Murry balançando a cabeça negativamente. E continuou a entrevista: — E faz cinco anos que você trabalha para a Interpol. Que tipo de referências devo ter para contratá-lo, rapaz? Você é praticamente um fantasma. Sem pais, a academia em que você se formou teve todos os documentos queimados. A única referencia que tenho de você é o general Campers. Esse cara nunca vai atender à minha ligação...

Do outro lado da cidade, no ferro-velho de Sofia, os três amigos suavam ao olhar o chefe de polícia olhando diretamente nos olhos deles.

— É o fim da linha! Ele já descobriu tudo, e estamos ferrados! — exclamou Webster.

— Diga alguma coisa, Chris — suplicou Sofia, agoniada.

— Calma, gente... — respondeu Christian olhando firmemente nos olhos no chefe Murry.

Na delegacia, o chefe de polícia dava um meio sorriso.

— Mas quem pode desperdiçar uma recomendação do general Campers? Eu não seria louco. Bem-vindo a Chicago, filho! Você chegou em boa hora, porque a situação por aqui não está nem um pouco fácil. Temos muito trabalho a fazer.

Ele abaixou-se um pouco, abriu uma gaveta, retirou alguns objetos

dali e disse:

— Aqui está seu distintivo, sua arma — um Colt Detective Special, calibre 38 — e as chaves de sua viatura.

Lá no ferro-velho, as crianças davam pulos de alegria.

— Nem dá para acreditar! A gente conseguiu! — disse Sofia.

Webster chorava emocionado:

— Não vamos ser presos!

Na delegacia, o chefe Murry apertou o botão do interfone e ordenou:

— Grace, venha imediatamente à minha sala!

Prontamente, uma bela e delicada moça, porém meio atrapalhada, adentrou a sala. De passagem, bateu o braço na porta e resmungou algumas palavras inaudíveis reclamando da dor.

Ela tinha descendência asiática, belos cabelos longos e negros repartidos ao meio. Vestia um vestido curto cinza escuro, uma jaqueta de couro negro com as mangas arregaçadas, meia-calça negra, botas de cano curto e de salto, também de couro.

— Sim chefe. Já fiz o que o senhor pediu. A gravação foi entregue por um drone. Um estagiário encontrou o pacote, abriu, assistiu ao vídeo e correu para entregá-lo ao diretor do telejornal.

— Calma, Grace! Ótimo trabalho. Quero lhe apresentar o detetive Robbie. Ele é seu novo parceiro.

Capítulo 10

Grace

No ferro-velho, as crianças ficaram desesperadas.

— Como assim, a gente vai ter uma parceira? — espantou-se Christian.

— Estamos ferrados — resmungou Webster.

— E agora, o que a gente faz? — perguntou Sofia.

Na delegacia, Robbie levantou-se e estendeu a mão.

— Prazer, detetive Grace!

Ela ignorou Robbie olhou com indignação para o chefe Murry.

— Chefe, eu disse que não preciso de nenhum parceiro. Já conversamos sobre isso. Pensei que já estivesse claro que prefiro trabalhar sozinha.

— Grace, não combinamos nada. Ouvi seu pedido e respeitei seu momento, mas você sabe que não é assim que as coisas funcionam por aqui.

Robbie interrompeu-os:

— Er... chefe, também prefiro trabalhar sozinho. — Olhando para Grace com insegurança, acrescentou: — Nada contra, detetive, só estou acostumado a trabalhar dessa maneira.

Ela respondeu sem olhar para ele:

— Concordamos nesse ponto. Viu, chefe, não queremos trabalhar juntos. Não há necessidade alguma.

O chefe Murry, perdendo a paciência, levantou-se, bateu as mãos bem forte na mesa e gritou:

— Não estou nessa posição como enfeite! Vocês dois vão trabalhar juntos, e ponto final! Robbie é novo na cidade e na delegacia, precisa de alguém para mostrar as coisas pra ele, e você não dirige, Grace. Além disso, está tudo muito perigoso para qualquer detetive andar sozinho nessa cidade. Está decidido: a partir de hoje vocês são parceiros.

— Sim, senhor! — disseram os dois simultaneamente.

— Grace, leve Robbie para a mesa ao lado da sua. Vou organizar as tarefas

desse novo caso e em seguida informo a tarefa de vocês.

Robbie e Grace saíram da sala. O ambiente estava meio sem graça, mas nada que não pudesse piorar.

— Quem é seu novo namorado, Grace? — gracejou um detetive. Ao lado dele, outro só dava risada.

— Cale a boca, Goodwin! E você também, Travis! Não têm nada melhor para fazer? — retrucou ela, sem paciência para brincadeiras.

— Sério, Gracinha, quem é o rapaz? — perguntou o detetive Travis.

— Detetive Robbie, estes são os detetives Harvey Lee Goodwin e Douglas Travis. Do jeito que eles pegam no meu pé ainda vão me convidar para ser madrinha do casamento deles — cutucou Grace, não deixando barato a provocação anterior.

Os dois riram sem graça e cumprimentaram Robbie.

— Então, forasteiro, vem de onde? — perguntou Travis.

— Pelo sotaque, você é texano, certo? As olheiras profundas, a barba por fazer e o sinal de ausência de aliança no dedo anelar da mão esquerda indica um divórcio recente, e é fácil entender a razão pela qual ela o deixou. Você vive na sombra do seu amigo Goodwin, trata as mulheres com deboche e é extremamente orgulhoso. Prazer, sou da Suécia, mas fui criado em Nova Jersey.

O detetive Douglas Travis ficou queixo caído, sem palavras e sem ação por um instante, enquanto Goodwin se acabava de rir ao lado dele. Travis quis partir para cima de Robbie, mas Goodwin e Grace o seguraram. Quando os ânimos se acalmaram, Goodwin disse: — Nem vou perguntar nada. Ah! Ah! Parece que temos um novo detetive na cidade. Vamos Travis, deixe os pombinhos em paz! — E os dois detetives saíram, Travis encarando Robbie, que estava com uma cara de criança em manhã de Natal.

Robbie olhava toda a estrutura da delegacia à sua volta. Para Christian, era um sonho realizado. Então Grace despertou-o daquele transe.

— Pelo jeito, você é um ímã de problemas, hein? Gostei. Nossa mesa é logo ali.

Os dois chegaram à sua estação de trabalho: uma mesa de frente para a outra,

cada uma com seu computador. A mesa de Grace era impecável, superorganizada. A de Robbie estava ainda vazia.

— Você pode se acomodar aqui... olha não leve pro lado pessoal, eu só prefiro trabalhar sozinha mesmo, não tem nada de errado com você — Disse Grace.

— Entendo. Também prefiro trabalhar sozinho, mas parece que não temos opção por enquanto.

— É melhor a gente ir se acostumando um ao outro, então — disse Grace com um pequeno sorriso no canto da boca.

Robbie começou a se ajeitar em sua mesa.

No ferro-velho, as crianças conversavam.

— Porque será que ela não queria trabalhar com a gente? — perguntou Sofia.

— Ela é linda, né? disse Webster. Mas logo ficou sem graça e completou: — Mas não tanto quanto você, Sofia. Eh! Eh!

Ela lhe lançou um olhar estranho e continuou:

— Christian, isso pode trazer problemas para nós. Vamos ter alguém ao nosso lado o tempo todo.

— É verdade. Precisamos tomar cuidado com ela. Mas parece ser uma garota de bom coração, apesar de ter vivido um trauma — disse Christian.

— Trauma? — perguntaram Sofia e Webster.

— Sim, ela quer trabalhar sozinha, mas pelo desenrolar da conversa deu para entender que ela já teve um parceiro, e eles tiveram um relacionamento que não foi apenas profissional. Alguma coisa deve ter acontecido com ele. Foi algo no último ano, mas não recentemente. Talvez há pouco mais de seis meses.

— Uau! Como você faz isso, Christian? Eu achava você um mala, mas agora entendo que tem um talento especial — disse Webster.

Sem dar muita atenção ao amigo, Christian continuou:

— Acho que temos de nos preocupar mais com a outra dupla de detetives.

Goodwin parece bastante competente, e, se a gente der uma mancada na frente deles, ele vai começar a nos perseguir. Já o detetive Travis me parece alguém descontrolado e obstinado, e pelo jeito a gente fez um inimigo de graça ali.

— De graça? Você o humilhou na frente de todo mundo! Tudo bem que ele mereceu, mas você tem de se controlar, Chris — advertiu Sofia.

— Mas estou me controlando! Não falei nada para o chefe nem para Grace...

— Chris, vou te dar um conselho — insistiu Sofia. — Existem relacionamentos que a gente precisa cultivar, principalmente com pessoas com quem se vai passar muito tempo durante o dia. Não podemos ir fazendo inimigos. Até hoje, você treinou suas habilidades e usava todo mundo como cobaia, e isso deixou muita gente chateada com você. Agora você vai poder colocar seu talento à prova, então só faça comentários que sejam relevantes para o caso. Você sabe ler muito bem as pessoas, mas guarde essas informações para você.

Christian pensou um pouco e limitou-se a concordar em silêncio.

Já era tarde, o expediente estava acabando na delegacia e o chefe Murry anunciou:

— Grace e Robbie, amanhã bem cedo quero que vocês comecem a investigar o roubo no Museu de Arte Mexicana, ocorrido alguns dias atrás. Pode ser que tenha alguma relação com esse maníaco da TV.

— Sim, senhor! — responderam os dois.

Grace começou a se levantar e a arrumar a bolsa para ir embora.

— Robbie, você mora aonde?

— Sujou, galera! Onde a gente mora? — quis saber Webster.

— Deixa comigo — disse Christian.

— Estou ficando na casa de um amigo, por enquanto. Preciso procurar um apartamento — disse Robbie do outro lado.

— Fica onde? — perguntou Grace.

— Diga o nome de um lugar bem caro, para ficar longe da casa dela. Como ela

não dirige, vai pedir carona, Christian — disse Sofia.

— Ele mora no Gold Coast — disse Robbie.

— Boa, garoto! — vibrou Webster.

— Que ótimo! Meu apartamento fica lá também. Pode me dar uma carona?

— Droga! — disse Sofia.

— Er... claro. Vamos lá.

— Você recebeu as chaves da viatura do chefe, certo? Nosso carro de detetive é à paisana. Vamos lá que eu lhe mostro! — disse Grace. Quando chegaram à garagem ela apontou na direção de um Porsche 911 amarelo, muito bonito. — É aquele ali.

Robbie fez uma cara de impressionado e começou a caminhar para o Porsche, porém ela o segurou pelo braço.

— Não, bobinho! É aquele atrás do Porsche.

Era um Ford Maverick GT ano 1974, azul escuro, um carro bem mais antigo e um pouco menos veloz, mas bastante resistente.

— Webster você programou Robbie para dirigir, certo? — perguntou Christian.

— Sim, instalei todos os códigos encontrados em jogos de corrida feitos até hoje. É só você dirigir como se estivesse jogando — respondeu Webster.

Robbie e Grace entraram no carro e partiram. No ferro-velho, Webster ligou o GPS com o endereço passado por Grace, e eles partiram em direção ao Gold Coast, um bairro nobre da cidade.

— Vamos, Christian, puxe conversa — instigou Sofia, ao perceber o silêncio prolongado entre os dois policiais.

— Calma... não sei sobre o que falar — retrucou Christian.

— Elogie o cabelo dela — sugeriu Sofia.

— Não. Ela vai pensar que estou gostando dela. Não é profissional.

— É verdade — concordou Sofia.

— Converse sobre o trabalho então, Chris. — sugeriu Webster.

— Boa!

— Então, Grace, o que aconteceu com seu antigo parceiro? — perguntou Robbie.

Sofia deu tapa na própria testa.

— Não, Christian! Esse assunto é delicado demais. Ela mal o conhece, ainda não confia em você.

— Tarde demais! — exclamou Webster.

— Estou curioso, não tem nada de mais em perguntar isso — retrucou Christian.

Grace respondeu com semblante triste.

— Se não se importa, prefiro não falar sobre isso agora.

— Claro, desculpe...

Do outro lado, Christian estava mordendo os lábios. Quase não aguentava a tentação de dizer a Grace o que achava que havia acontecido.

— Vamos, Chris, mude de assunto rápido! — disse Sofia.

— Er... o chefe Murry parece ser bem durão, né? — comentou Robbie.

Grace sorriu.

— Sim, mas é uma pessoa boa, que ama o que faz. Devo muito a ele — respondeu Grace.

— E Goodwin e Travis, são sempre daquele jeito?

— Sim. É preciso entender eles e ter uma paciência enorme. — Grace riu e continuou: — Você pegou pesado com Travis. Conheci a esposa dele. Ela era brava, mas não deve ter sido fácil lidar com ele. Se eu fosse você, teria cuidado, porque ele é bastante vingativo.

— Puxa vida, será que eu fiz um inimigo no primeiro dia?

— Ah, ele mereceu. Geralmente eles falam o que querem para todo mundo, e ninguém faz nada. Achei bom você ter se imposto no primeiro dia. Assim ele sabe com quem está lidando. A propósito, suas técnicas de dedução são muito boas.

— Obrigado, são muitos anos de prática.

No horizonte, o sol estava se pondo, e havia no céu uma bela mistura de vermelho e alaranjado. Estavam perto do lago Michigan, que ficava excepcionalmente belo naquele horário. Os prédios tornavam-se imponentes sombras negras, combinação perfeita com o som de *jazz* tocado na WDBC 90.9 FM.

Ao se aproximar da casa de Grace, ela apontou para um belo complexo de apartamentos residenciais de luxo na Dearborn Street.

— Minha casa fica aqui. Obrigado pela carona, Robbie.

— Uau! Que lugar lindo! Você mora com seus pais? — perguntou Robbie com curiosidade infantil.

Grace riu e respondeu:

— Não, meus pais e irmãos estão morando no Japão. Só fiquei aqui por causa do meu trabalho. Os outros estão cuidando dos negócios da nossa família. Bem, obrigada mais uma vez! Vejo você amanhã no bairro Pilsen às sete da manhã, certo?

— Claro. Até amanhã.

Robbie começou a dirigir em direção ao ferro-velho.

— Gente, e agora? Onde vamos guardar esse carro? — perguntou Sofia.

— É verdade! E também falamos para Grace que estávamos procurando um apartamento. O que vamos fazer? — quis saber Webster.

— Nem sabemos quanto vamos receber de salário, não é? — emendou Sofia.

— Calma, gente! Já pensei nisso. Aluguei um apartamento online em nome de Robbie. O lugar não é lá essas coisas, mas pelo menos não vai levantar suspeitas, e ele tem um lugar para ficar, com garagem para o carro e tudo o mais.

— E fica onde?

— Em West Englewood.

— O quê?! É um dos piores bairros de Chicago! — disse Webster.

— Eu sei, mas a gente precisa de privacidade. Só entra em problemas nesses bairros quem está envolvido com gangues. Não temos nada a temer.

Robbie chegou a uma pequena e antiga casa, estacionou o carro e entrou, sob olhares de alguns vizinhos. Lá dentro não havia nada, nem um único móvel.

— Gente! Deixem a decoração desse lugar comigo. Não dá para receber ninguém assim — disse Sofia.

— Beleza, mas vamos deixar isso para outro dia. Já é tarde, e amanhã temos de começar a trabalhar cedo.

Momentos depois, a mãe de Christian buzinou diante do ferro-velho.

Capítulo 11

O roubo no Museu de Arte Mexicana

Exatamente às cinco e meia da manhã, o despertador tocou nas casas das três crianças.

Webster murmurou:

— Mais um pouquinho mãe... só mais cinco minutinhos.

Christian estava com os olhos abertos antes mesmo de o despertador tocar.

Sofia resmungava debaixo das cobertas.

— O sol nem nasceu direito ainda... que belas férias!

Às seis e meia, estavam todos reunidos no esconderijo do ferro-velho. Robbie já dirigia o carro a caminho do museu. Quando chegou ao local, Grace já estava conversando com os guardas.

— Puxa vida, já falei tudo que tinha para falar há alguns dias para os dois detetives que estiveram aqui. Estou muito cansado. Já deu meu horário de ir embora — resmungava o guarda Juarez com os olhos quase fechando.

— Senhor Juarez, preciso de sua atenção apenas por um instante. Então prometo liberá-lo, e o senhor poderá descansar o restante do dia na sua cama — disse Grace.

O guarda estava quase fechando os olhos quando Robbie chegou com dois copos de café. Entregou um para Grace e o outro ofereceu ao guarda, que agradeceu e aceitou o café. Grace começou a interrogá-lo: — Senhor Juarez, preciso confirmar algumas informações. Aqui no relatório feito pelo detetive Travis diz que na noite do crime, por volta de uma e meia da madrugada, o alarme tocou na sala que estava fechada ao público, nos fundos do museu, que a imagem da câmera estava congelada e que mesmo assim o senhor enviou imediatamente os guardas para verificar. Seguindo protocolo, os dois guardas que faziam a ronda dirigiram-se ao local, mas foram atacados por dois ladrões desarmados. Quando apareceram nas câmeras de segurança do corredor central, eles dispararam um dispositivo de fumaça e fugiram pela porta de emergência. Nesse momento, o senhor os perseguiu na direção dos trilhos, e

eles fugiram subindo no trem. Tudo correto por enquanto?

Robbie também tinha umas perguntas para fazer:

— Vocês recebem treinamento para esse trabalho, certo, guarda Juarez? Só por curiosidade, de quanto em quanto tempo você treina tiro?

— Faz algum tempo que não treino. A última vez foi quando renovei minha licença, há uns oito meses, mais ou menos. Nosso trabalho é bastante tranquilo, este foi o único incidente que tivemos desde que eu trabalho aqui — respondeu o guarda.

— Sei que você está cansado, querendo dormir, e na noite do crime estava cobrindo o turno do seu amigo. Isso dá uma preguiça enorme de correr, não é?

— Nem me fale! Eu queria pará-los de qualquer maneira. Sabia que teria de ficar a manhã toda na delegacia prestando esclarecimentos se eles conseguissem fugir.

— Uma bala é sempre mais rápida que as pernas, não é, guarda Juarez? — comentou Robbie.

O guarda deu uma risada sem graça e concordou, desviando o olhar. E Grace perguntou:

— Onde está sua arma?

Naquele momento, o guarda estremeceu e olhou para a própria cintura, do lado direito, onde estava sua Glock 21.

— Podemos dar uma olhada na sua arma, guarda Juarez? — perguntou Robbie estendendo a mão.

Sem graça, o guarda entregou a arma ao detetive Robbie, que começou a tirar as balas do pente e a contá-las:

— Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove. Está faltando uma, senhor Juarez.

— Está escondendo algo de nós? — perguntou Grace.

— Se quiser, podemos confiscar seu uniforme. Tenho certeza de que vamos encontrar traços de pólvora na camisa — ameaçou Robbie.

— Estamos do mesmo lado, senhor Juarez — acrescentou Grace. — Não cometa o erro de esconder evidências. Isso pode lhe causar problemas.

Ele não aguentou toda aquela pressão. Estava morrendo de sono e não queria mais ser interrogado. Tudo que desejava era estar na cama.

— Tudo bem, eu confesso. Fiquei com preguiça no meio do caminho e quando eu vi que eles subiram no trem atirei tentando parar pelo menos um deles. Não coloquei nada disso no relatório porque eu sabia que, como guarda, não poderia ter atirado. Estava muito escuro para saber, mas é óbvio que errei o tiro, porque os ladrões escaparam. Juro que essa é a história toda!

— O senhor pode ir, mas vou ter de adicionar essa informação ao relatório. Gravei a conversa, e por enquanto é o suficiente para nossa investigação — avisou Grace.

Depois que o guarda Juarez foi embora, Robbie disse à parceira:

— Precisamos procurar por sinais de sangue no trem.

— Sim, mas primeiro temos de saber qual trem passou por ali àquela hora.

Os dois entraram no Maverick e partiram para o estacionamento dos trens. No caminho, Grace ligou para a central:

— Goodwin, preciso saber qual trem passou pela estação da Halsted Street, vindo da Western Avenue exatamente à uma e quarenta da madrugada de sexta.

— Não perca seu tempo Grace. Já investiguei isso. O número do trem é 404, e ele estava indo para o estacionamento sem nenhum passageiro. Os ladrões provavelmente atravessaram a trilha, e quando o trem passou o guarda os perdeu de vista. No relatório, escrevi que ele estava a certa distância. Nesse horário, não há luz suficiente para ver muita coisa.

— Obrigada, Goodwin! — Ela desligou e falou a Robbie — Vamos para a garagem dos trens. O número é 404.

Ao chegar à garagem, os dois detetives identificaram-se, e um funcionário da manutenção levou-os até o trem. Robbie e Grace subiram no teto de um dos vagões e, com uma luz negra um *spray* de luminol, começaram sua busca por manchas de sangue.

— Acho que encontrei algo! — disse Robbie.

Eles seguiram umas gotas brilhantes, que conduziram a uma mancha maior que escorregava para a beirada do vagão.

— Parece que o guarda Juarez tem uma boa mira, afinal — comentou Grace.

— A trilha de sangue nos conta que ele foi atingido e caiu um pouco mais à frente. Pela forma em que a poça está distribuída, é bem possível que um ladrão tenha caído por cima do outro e deslizado para o canto do vagão. Pelos meus cálculos, baseado na distância do tiro, na quantidade de sangue e na distância percorrida, o ladrão ferido caiu do trem após percorrer cerca de 3,5 quilômetros. Com o trem andando na velocidade média de 94 quilômetros por hora, o ladrão deve ter permanecido aqui no trem pouco mais de dois minutos e vinte segundos, o que o levaria a cair do braço sul do rio Chicago, perto do bairro chinês.

Enquanto ele falava, Grace tirava fotos do sangue e fazia a coleta do DNA em um cotonete, que foi ensacado em seguida.

— Você é mesmo muito bom nisso, Robbie — admirou-se Grace. — Eu demoraria pelo menos algumas horas para fazer essas contas no papel, e você as fez de cabeça. Impressionante!

Ela não tinha como saber que havia um time de crianças superdotadas por trás de Robbie fazendo cálculos e consultando umas às outras para resolver os problemas.

— Precisamos levar a coleta de DNA para o laboratório. Quem sabe conseguimos uma identificação — disse Robbie.

No ferro-velho as crianças conversavam.

— Eu precisava de uma desculpa para ir ao laboratório, porque quero entregar também para análise as digitais que coletei na minha casa — justificou Christian.

— Precisamos despistar Grace para que Robbie faça isso sozinho. Ela vai desconfiar se o vir entregando digitais que não viu ser coletadas — alertou Sofia.

— Você acha que alguma câmera de segurança pode ter captado imagens do trem até o momento em que o ladrão caiu? — perguntou Webster.

— É bem possível — respondeu Christian. — Faça a pesquisa nos

estabelecimentos do lado sul dos trilhos e veja se alguma câmera pode ser hackeada. Procure também do lado do bairro chinês. Pode haver alguma prova lá. — Fez uma pausa e acrescentou: — Tive uma ideia.

— Grace, vou levar a coleta até o laboratório. Veja com os comerciantes da parte sul dos trilhos se alguma câmera de segurança capturou alguma imagem importante — sugeriu Robbie.

— Também tive a mesma ideia. Vou verificar também se alguém viu alguma coisa no bairro chinês.

— A propósito, como você chegou aqui? — perguntou Robbie.

— É verdade que não gosto de dirigir carros, mas piloto uma vespa clássica. Sinto-me mais segura assim. Ela estava no mecânico, mas peguei-a ontem à noite depois do trabalho.

Robbie foi para a delegacia entregar as coletas. No balcão do laboratório, encontrou uma policial idosa, que resistia à ideia de se aposentar. Parecia ser muito doce e profissional. Seu nome era Cherilyn Lisboa, mas todos a chamavam de Cher. Robbie cumprimentou-a: — Olá, tudo bem? Sou novo por aqui. Meu nome é Robbie, e sou detetive. Gostaria de registrar duas provas encontradas na cena do crime: uma coleta de sangue e uma digital. Na verdade, se for possível, preciso apenas fazer a identificação da digital antes de registrá-la no sistema.

Era um pedido arriscado, porque fugia às regras, e ele ainda não tinha intimidade com Cher. Os dois encararam-se em silêncio por alguns segundos. A tensão no ferro-velho também era alta. Webster comia as unhas pensando a todo instante que seriam descobertos. Finalmente, Cher se pronunciou: — Você me lembra aqueles detetives à moda antiga, sabia? Cheios de mistério. Gostei de você, garoto. Será nosso segredinho.

— Ufa! — suspirou Webster aliviado, limpando o suor.

Robbie trombou com Travis na curva do corredor e, por ser infinitamente mais forte, o implicante detetive caiu sentado no chão.

— Ei, cuidado por onde anda! — esbravejou Travis, arrumando o cabelo.

— Desculpe-me, detetive.

Robbie tentou estender a mão para ajudá-lo a se levantar, mas Travis a recusou e se pôs de pé por conta própria. Continuou seu caminho encarando Robbie até ambos se perderem de vista.

— Definitivamente, fizemos um inimigo — lamentou Christian, com o microfone ainda ligado.

— Falando sozinho, detetive? — perguntou Goodwin, que vinha logo atrás e ouviu Robbie ressoando as palavras de Christian.

— Er... tenho esse costume às vezes — justificou-se Robbie.

— Parece que você e meu parceiro não começaram bem, não é?

— Parece que não. A propósito detetive Goodwin, como está indo a investigação do caso do dragão asteca, como está sendo chamado na mídia?

— Antes do anúncio na TV, eu e Travis fizemos a ocorrência do roubo no museu, mas logo em seguida aquela garota foi achada morta. Estávamos procurando pistas sobre quem poderia ser o assassino, mas já temos a confissão daquele maluco. O legista, Dr. William, concluiu que a causa da morte da moça, Sara Davis, foi uma punhalada no coração. Pelas medidas do corte, o artefato roubado do museu pode ter sido usado no crime. Agora estamos tentando identificar a moça da TV. Já recebemos algumas denúncias e estamos verificando com o Departamento de Pessoas Desaparecidas se alguém se encaixa na descrição.

— Entendi. Bem, ao contrário de que seu parceiro possa pensar, estamos juntos nesse trabalho. O que precisarem, podem contar comigo!

Eles apertaram as mãos.

Capítulo 12

Encontro no May Flower

Grace falava ao telefone com Robbie.

— Acho que encontrei algo interessante. Encontre-me no bairro chinês, no restaurante May Flower.

— Mas esse restaurante fica a algumas quadras do rio! O que você encontrou aí? — perguntou Robbie.

— Não posso falar agora. Encontre-me daqui a quinze minutos — Ela desligou o telefone.

Robbie dirigiu-se a toda pressa ao restaurante, enquanto as crianças conversavam em seu local secreto no ferro-velho.

— Chris, você já se deu conta do lugar para onde a gente está indo? — perguntou Sofia.

— Sim, a um restaurante.

— Pois é, um lugar onde as pessoas comem. O que vamos fazer? O Robbie não come!

— Ai, ai, ai! É agora que eles vão descobrir a gente! — gemeu Webster.

— Pare com isso, Webster! Ninguém vai descobrir nada. Só vamos evitar comer na frente das pessoas. Temos de inventar uma desculpa, e vocês dois preparem uma solução para esse problema: criem um estômago para Robbie.

— Certo, não deve ser tão difícil — comentou Sofia, confiante.

Ao chegar ao May Flower, Robbie estacionou o Maverick, desceu do carro e caminhou até a porta do restaurante. Foi recebido por um garçom que fingia ser chinês, porque forçava os olhos a fim de que parecessem mais fechados. Uma peruca meio desarrumada denunciava os cabelos ruivos por baixo. Desconfiado, Robbie ficou olhando para ele enquanto entrava, mas sua atenção foi desviada quando avistou Grace sentada ao fundo. Ela acenava com a mão.

Diante dela, havia um prato de pato laqueado, um frango do general Tso, um *yakissoba* de legumes, tofu recheado de carne e verdura e um gigantesco copo

de refrigerante. Ela falou de boca cheia:

— Desculpe-me por ter começado a comer sem você, mas eu estava morrendo de fome. Quer que eu chame o garçom para fazer seu pedido?

— Isso tudo é só para você? — perguntou Robbie assustado com a quantidade de comida.

Ela apenas sorriu e continuou a comer. Robbie sentou-se.

— Obrigado, não estou com fome. O que você descobriu?

Ela engoliu com dificuldade o que estava mastigando, tomou um belo gole de refrigerante e respondeu:

— Visitei todos os comércios ao longo dos trilhos até chegar ao Ping Tom Memorial Park, e nada. Nenhuma câmera apontava na direção do trem. As que ofereciam um bom ângulo não tinham nada de boa qualidade, por causa da escuridão, mas... — Ela deu uma mordida antes de continuar.

No ferro-velho, Webster falou:

— Cheguei ao mesmo resultado que ela. Não havia na rede nenhuma imagem de câmera que mostrasse o que aconteceu com os ladrões. Meu Deus, como essa mulher come!

Grace continuou:

— Eu estava perguntando de casa em casa se alguém tinha visto alguma coisa, e uma senhora disse que viu uma figura saltando do trem e entrando em um carro. Ela me mostrou o local que fica em frente ao Mariano's 16th & Clark. Eles têm uma câmera voltada para o estacionamento. Sabe de qual estacionamento estou falando?

Com o mapa aberto na tela do computador, Webster respondeu simultaneamente com Grace:

— O do Departamento de Polícia de Chicago!

Os três ficaram de queixo caído.

Naquele momento, o garçom esquisito aproximou-se da mesa dos detetives forçando um sotaque chinês:

— Vocês *quelem* pedir mais alguma coisa?

— Não, obrigada — respondeu Grace sem olhar para o garçom, que se afastou devagar.

— Agora, a gente precisa identificar esse ladrão — disse Robbie. — Por enquanto, todas as imagens capturadas só os mostram vestidos de preto. Temos de pegar as imagens da vigilância do estacionamento do Departamento de Polícia.

— Foi para isso que chamei você aqui — explicou Grace. — Não me dou muito bem com o pessoal daquela delegacia. Então preciso que você vá até lá e peça a gravação.

— Por que você não se dá bem com eles? — quis saber Robbie.

— Longa história. Meu antigo parceiro provocou alguns barracos lá dentro, e eles acabam sempre fazendo uma ligação entre nós dois. Precisamos da gravação de qualquer maneira, mas se alguém me reconhecer eles podem dificultar as coisas. É aí que você entra.

— Por isso você quis se manter a algumas quadras de lá, certo?

Ela apenas piscou enquanto limpava a boca com o guardanapo. Imediatamente, Robbie levantou-se e saiu em direção ao carro. Dirigiu cerca de três quarteirões e entrou no estacionamento. Identificou-se com o distintivo, e o porteiro abriu a cancela.

Atento às câmeras, ele fez o reconhecimento do local, na esperança de identificar a rota pela qual o ladrão entrou e saiu até chegar à porta do Departamento de Polícia. Identificou-se mais uma vez na recepção e informou que estava investigando um assalto nas vizinhanças, motivo pelo qual precisava das gravações do estacionamento da última semana. Sem muitas complicações, ele foi atendido, mas alegaram que não podiam liberar uma cópia sem autorização judicial. Mesmo assim, ele poderia assistir às gravações em uma das salas de conferência. Sem outra opção, aceitou a oferta e foi levado até uma pequena sala com um televisor, um computador e algumas fitas deixadas sobre uma mesa. Havia apenas uma cadeira, e ele se sentou assim que ficou sozinho. Pegou a fita com a inscrição “Quinta e sexta”, colocou-a para rodar e começou a manipular a velocidade da gravação.

Chegando próximo da uma e meia da madrugada da sexta-feira anterior, ele diminuiu a velocidade e ficou olhando a tela com atenção. Passaram-se

momentos sem novidade até que alguém todo vestido de preto, quase imperceptível, surgiu de um ponto escuro no canto esquerdo superior da tela. Ele parecia conhecer o ângulo exato das câmeras e caminhava com muito cuidado, tentando se manter nos pontos cegos. O estacionamento era de funcionários, por isso estava sem movimento àquela hora.

A porta de uma BMW branca abriu-se, e o ladrão entrou. Pela demora em partir, Robbie deduziu que ele havia trocado de roupa dentro do carro. A BMW começou a deslocar-se em direção à saída, então Robbie mudou da câmera instalada em um poste de luz, que dava uma visão geral do estacionamento a partir de cima, para a câmera que ficava na cancela apontada para o lado do motorista. As imagens revelaram uma mulher que obviamente usava uma peruca preta com uma franja enorme. Um par de óculos escuros cobriam praticamente toda a parte superior do rosto, mas os lábios grossos, com uma pequena cicatriz no canto esquerdo, chamavam um pouco a atenção. Ao esticar o braço para passar o cartão do estacionamento, a tatuagem de um dragão em espiral revelou-se uma informação preciosa.

Robbie saiu apressadamente da delegacia para se encontrar com Grace.

Capítulo 13

Tatuagem de dragão

— Christian, você percebeu aquela moto nos seguindo desde que saímos da delegacia? — perguntou Sofia.

— Sim, não se preocupe. Não corremos perigo algum — respondeu Christian.

— Claro que não corremos perigo! Robbie é um robô fantástico. Cara, estou muito impressionado com o funcionamento dele e ainda tenho algumas ideias para aprimorar a programação. Vou começar trabalhar nisso imediatamente — disse Webster.

— O que você tem em mente? — perguntou Christian.

— Bom, vou aplicar um programa de reconhecimento de objetos, para que a câmera dos olhos dele possa fotografar e catalogar toda a cena do crime. O microfone nos ouvidos dele vai fazer o mesmo com sons e criar um banco de informações que a gente vai poder acessar enquanto investigamos.

— Brilhante! — exclamou Christian.

Sofia também tinha algumas ideias:

— Agora que estamos aprendendo a usá-lo cada vez melhor, também quero fazer alguns ajustes. As possibilidades são tantas! Não consigo pensar em outra coisa.

— Eu também não, mas fico com receio de nossos pais desconfiarem — comentou Webster. — Minha mãe queria me inscrever em um acampamento de férias, como todo ano, mas já disse que neste ano não quero. Ela achou estranho.

— Precisamos tomar cuidado mesmo. Só quero ver como vamos fazer quando as aulas começarem — acrescentou Sofia.

— Ainda estou pensando nisso, mas vamos achar uma solução — disse Christian. — Chegamos à delegacia!

Robbie olhou em volta antes de entrar e não avistou mais o motoqueiro. Caminhou até sua mesa e sentou-se. Grace, com um pirulito na boca e

aparentando inquietação, perguntou:

— Cadê as fitas?

— Não consegui. Eles não quiseram me dar uma cópia. Mas assisti às gravações. De qualquer forma, você precisa falar com o chefe Murry. Precisamos de uma cópia para anexar às provas.

— O que você descobriu? — quis saber Grace, o pirulito fazendo um calombo na bochecha.

— Descobri que pelo menos um dos ladrões do museu era uma mulher. Vai ser muito difícil identificá-la pelas gravações. Ela estava usando peruca e enormes óculos escuros. Mas duas coisas me chamaram a atenção: ela tem uma pequena cicatriz nos lábios e uma tatuagem no antebraço esquerdo.

— Que tipo de tatuagem?

— Um dragão.

Grace passou um papel e uma caneta a Robbie.

— Desenhe aí mais ou menos como era a tatuagem.

Robbie pegou a caneta e começou a desenhar, mas havia um problema: o desenho estava saindo horrível.

— Webster, Robbie não sabe desenhar? — perguntou Christian, aflito.

Todo sem graça, com um sorriso nervoso, Webster respondeu:

— Como eu ia saber que ele precisava desenhar?

— Droga! E agora? — perguntou Sofia.

Grace olhava com estranheza para Robbie enquanto ele tentava desenhar.

— Foi uma criança de dois anos que tatuou essa mulher? — brincou ela.

— Não sou muito bom com desenhos. — Ele amassou o papel e jogou na cesta de lixo, errando o alvo. — Bom, era uma tatuagem de dragão em espiral. Você já ouviu falar de algo parecido?

Imediatamente, Grace levantou-se, derrubou o pirulito e saiu correndo. Robbie ficou sem expressão até ela voltar momentos depois carregando algumas fotos. Ela espalhou todas as fotografias na mesa e, colada ao lado de Robbie, perguntou: — Você reconhece alguma dessas tatuagens?

Todas as tatuagens eram idênticas as que Robbie vira na gravação.

— Sim, são iguais.

Grace deu um pulo de alegria, todos olharam para ela. Ao perceber que era o centro das atenções, ela se recompôs e sentou-se.

— Por que toda essa alegria? — quis saber Robbie.

— É uma ótima notícia, Robbie! Há mais de um ano, trabalhei em um caso que esfriou e fui obrigada a deixá-lo de lado. Ninguém acreditava na minha teoria, mas agora isso parece dar uma nova luz à investigação.

Naquele momento, os detetives Travis e Goodwin se aproximaram. Travis segurou uma das fotos e comentou:

— Mostrando sua teoria maluca para o novo namorado, Grace?

Ela se levantou imediatamente e tomou a foto das mãos de Travis. Terminou de juntar o restante das fotos espalhadas na mesa com o semblante fechado e disse a Robbie:

— Vamos sair daqui.

Travis e Goodwin começaram a caçoar dela:

— Cuidado para não deixar mais um maluco, Grace!

Ela acelerou o passo, e Robbie seguiu-a. Depois que entraram no Maverick, Grace pediu:

— Pode me levar pra casa, por favor? Explico tudo no caminho.

— E sua moto?

— Posso vir de metrô amanhã. Precisamos conversar.

— O que aconteceu Grace? — perguntou Robbie quando já estavam a caminho. — Isso tem a ver com seu último caso e seu antigo parceiro, certo?

Ela ficou pensativa alguns segundos e respondeu:

— Sim. Eu me sinto um pouco culpada pela maneira em que tudo aconteceu.

— Robbie fez silêncio, e ela continuou: — Tudo começou quando eu e o Chuck começamos a investigar uma série de roubos a mansões, bancos e museus, e percebi um padrão entre os roubos baseado nas tatuagens de dragão, como as das fotos, que foram coletadas em imagens capturadas de sistemas de

segurança e de um suspeito que foi preso. Quando minhas desconfianças vieram a público, a mídia chamou a gangue de Círculo dos Dragões, ou CDD.

— Já estudei sobre eles — Robbie interrompeu-a. — Mas não me lembro dessas tatuagens em nenhuma reportagem.

— A tatuagem é do suspeito que foi preso assim que ocorreu o primeiro assalto. Um cara estranho, que nunca abriu a boca pra falar nada. Ele acabou morto em sua cela, mas a partir dessa tatuagem conseguimos fazer uma investigação que me levou a encontrar a mesma tatuagem em um outro suspeito, que foi morto em uma perseguição da polícia. Dois corpos encontrados perto dos locais dos roubos também tinham a mesma tatuagem. A CDD é conhecida por descartar qualquer tipo de ameaça interna para o sucesso de suas operações.

— Mas como eles conseguem recrutar pessoas dessa maneira?

— A recompensa pelo trabalho bem-sucedido deve ser bem alta, a julgar pelo valor dos roubos, e convenhamos que o que não falta nas ruas de Chicago são pessoas ambiciosas o bastante para correr esse tipo de risco por um cheque gordo.

— E onde entra seu parceiro nisso? — quis saber Robbie.

— As obras roubadas são bem catalogadas, ou seja, sabemos exatamente o que foi roubado e de onde. Minha família é muito bem relacionada. Fui criada com pessoas da alta sociedade de Chicago e tenho um círculo de amizades que inclui pessoas com muita riqueza e poder. Um dia, em uma festa na casa do prefeito, percebi uma das obras de arte roubadas na sala dele. Quando lhe perguntei onde a conseguira, ele disse que era uma cópia, o que não engoli. Então eu e Chuck começamos a investigar, até que algumas pessoas acima do chefe Murry ordenaram que aquela investigação fosse cancelada, porque era um absurdo ter o prefeito da cidade como suspeito de financiar aqueles roubos. Um curador de arte contratado por sei lá quem fez uma análise e confirmou que a pintura na casa do prefeito era uma cópia. E ficou por isso mesmo.

Grace fez uma pausa para respirar e continuou:

— Chuck não aceitou aquilo porque descobrira que o especialista em arte era corrupto e tentou levar a investigação adiante, mas acabou suspenso. Mesmo

assim, continuou a investigar. Então houve uma denúncia anônima de que ele havia pressionado alguém da alta sociedade ao descobrir outras obras de arte roubadas em mansões de pessoas influentes da cidade, e ele foi demitido. Isso arruinou a carreira e a reputação dele. Alguns veículos da mídia construíram toda uma história insinuando que ele havia perdido o juízo. Ele caiu no descrédito, assim como toda investigação que ele estava conduzindo. Depois disso, ele foi embora e nunca mais falou comigo. Fiquei muito chateada, porque sei que as coisas que os jornais disseram sobre ele não eram verdadeiras. Ele é uma pessoa boa. Além do mais, ele começou a investigar tudo por minha causa: fui eu quem começou a suspeitar do prefeito e dessas pessoas poderosas. Ele só estava fazendo o trabalho dele.

Grace estava com o semblante visivelmente abatido ao falar sobre esse assunto, porém sua voz deixava transparecer alguma esperança quando acrescentou:

— Mas agora, com essa nova evidência, talvez a gente possa provar quem realmente está por trás de tudo isso.

Eles haviam chegado em frente ao condomínio de Grace.

— Até amanhã, Robbie!

— Até amanhã, Grace!

Robbie foi para sua casa em West Englewood. Ao chegar, Christian pôs o robô para carregar e o desligou.

— Gente, amanhã vou ficar em casa — avisou Webster. — Vou trabalhar na programação do Robbie. Faço tudo lá em casa e inicio a atualização *online* mesmo.

Eles se despediram, e cada um foi para sua casa.

Capítulo 14

O parceiro problemático de Grace

Passava das dez e meia da noite quando uma moto Harley Davidson FXDG Disc Glide 1984 saiu das sombras e estacionou diante da casa de Robbie. Um sujeito usando um capacete todo negro desceu da moto e começou a andar em direção à porta. Olhou para trás, a fim de se certificar de que não havia ninguém olhando e começou a arrombar a fechadura. Após alguns segundos, a porta principal da casa se abriu sem maiores dificuldades, e o estranho entrou na casa em passos cuidadosos.

A casa estava bastante escura, e os olhos do intruso demoraram alguns instantes para se acostumar. E, assim que teve uma percepção melhor do que estava à sua frente, o que ele viu deixou-o muito assustado, a ponto de fazê-lo dar alguns passos escorregadios para trás. Ele deparou com uma sala vazia, sem quase nenhum móvel, apenas um sofá na sala e um quadro na parede, que mostrava pássaros sentados em um fio de luz com um céu azul ao fundo. As paredes eram mal pintadas, e o chão estava empoeirado. Ao lado do sofá, havia um cabideiro de madeira com as roupas de Robbie. No sofá, alguém usando apenas uma cueca *boxer* com estampa do Exterminador do Futuro estava conectado a uma tomada!

Demorou um pouco para a ficha cair. A princípio, o motoqueiro, que ainda estava de capacete, pensou tratar-se de alguém dormindo sentado ou mesmo morto, mas os olhos abertos e o fio ligado à tomada denunciaram que se tratava de algo incomum. O estranho chegou bem perto de Robbie e começou a analisar o robô mais detalhadamente. Estava perplexo com a descoberta.

— Detetive Chuck Muska!

A voz viera das sombras, atrás dele, e quase o fez ter um ataque do coração. As luzes se acenderam, e um garoto em uma cadeira de rodas apareceu.

— Pode abaixar a arma, detetive Chuck — disse Christian.

Desconfiado, Chuck abaixou a arma e retirou o capacete. Ele era magro, 1,75 metro de altura, cabelos ruivos encaracolados, olhos verdes com uma pequena cicatriz sobre um deles e o rosto cheio de sardas. Retomando a confiança,

perguntou: — Quem é você, menino?

— Meu nome é Christian Abrams. Sou o parceiro da detetive Grace por meio do meu robô. Obviamente, ela desconhece esse detalhe.

Chuck não conseguia entender aquilo. Uma criança em uma cadeira de rodas lhe dizendo ser um brilhante detetive. Era tudo inacreditável, mas não conseguia ignorar os fatos. Afinal, havia um robô bem ali, diante dele.

— Sente-se, por favor! — pediu Christian.

Chuck sentou-se ao lado do robô. Christian apresentou-se e explicou que Robbie, o robô, era uma invenção de seu pai. Afirmou também ter uma habilidade diferenciada para investigação, porém sua idade e sua condição física impediam que ele se tornasse um detetive. Com o robô, ele tinha a chance de pôr em prática seus talentos. Além do mais, a vida dele e de sua mãe poderia estar em risco, já que sua casa fora invadida. Nas mãos erradas, Robbie poderia ser uma arma terrível.

— E por que você está contando isso para mim? — perguntou Chuck, intrigado. — O que me impede de denunciá-lo agora mesmo para a polícia. O que você está fazendo pode ter as melhores intenções do mundo, mas é ilegal.

— Assim que eu soube que Grace seria minha parceira, investiguei na mesma noite tudo sobre a vida dela e descobri que vocês foram parceiros de bastante sucesso e tiveram um envolvimento amoroso secreto por algum tempo. Mas descobri principalmente que você é um bom homem, mas acabou se decepcionando com o sistema de justiça, e isso o levou a ter vários problemas com seus superiores. Por fim, você não suportou a pressão e foi mandado embora por insubordinação. Descobri ainda que você mantinha contato com sua tia Fiona e escreveu para ela contando que estava morando em abrigos para moradores de rua. Foi fácil descobrir, pelo seu registro, onde você ficava. Como eu era o mais novo parceiro de Grace, o primeiro depois da separação de vocês, desconfiei e deduzi corretamente que você nos seguiria para verificar se ela estaria em boas mãos com o novo parceiro. A propósito, estava bizarro aquele disfarce de garçom chinês.

— Tudo bem, mas isso deveria fazer com que você mantivesse distância de mim, em vez de me revelar todos esses segredos. Por que fez isso? — perguntou Chuck, ainda intrigado.

Christian chamou-o para perto de si, como se fosse sussurrar algo ao seu ouvido. Chuck chegou bem perto do menino, que com o braço alcançou as costas do ex-policia! e apertou levemente uma das costelas. Chuck afastou-se impulsivamente, com um gemido. Christian sorriu com uma ar malandro.

— Você é bom com disfarces, detetive Chuck, mas não fico muito atrás em perceber detalhes. Ontem, quando fui deixar as amostras de sangue coletadas na delegacia, não trombei com o detetive Travis, e sim com você disfarçado. Sua peruca o denuncia quase sempre. Eu já sabia que você estava me seguindo para acompanhar a investigação, e assim que trombamos na delegacia deduzi que, se você quisesse trocar as amostras de sangue, isso teria de ser feito muito rápido. E por que trocar? Porque o resultado seria compatível com seu DNA. Deixei uma amostra por formalidade na delegacia, mas conduzi eu mesmo um teste, que combinou com seu perfil. No registro da polícia, quando entregarem o teste feito no laboratório, aparecerá um DNA sem registro. Você se infiltrou no Círculo de Dragões para continuar investigando o que não conseguiu por meio do sistema. Tenho certeza de que o que você tem para compartilhar comigo será de grande ajuda para a investigação. Por último, você invadiu a casa de Robbie agora porque descobriu que troquei a fita de gravação. A mulher do estacionamento usou sua antiga credencial para acessar a delegacia. Você foi cuidadoso para mudar as informações de modo que ela não conseguisse descobrir sua verdadeira identidade, mas sabia sobre o sistema que lê e arquiva na gravação o nome de quem acessa o Departamento de Polícia pelo estacionamento central. Por isso, você também precisava fazer a troca da gravação do estacionamento. Só não contava que eu faria isso antes de você. É por isso que entrou aqui hoje.

— Impressionante, menino! Você realmente tem um talento incrível. Mas agora me passe a fita para cá! Não tenho interesse algum em ajudar você, e, mesmo que tivesse, esse caso é muito mais complicado do que você imagina — disse Chuck estendendo a mão.

— Não dá para fazer justiça com as próprias mãos, Chuck. Foi exatamente por isso que infiltrei Robbie na polícia, em vez de criar uma identidade de detetive particular para ele. Existem recursos que só o sistema oferece para prender os caras maus. Você sabe muito bem que, se todas as provas não baterem, bandido nenhum é colocado na prisão. E aí? Que outra opção você tem? Virar um assassino?

— Você não me conhece, garoto! Se eu fosse você, ficaria fora do meu caminho. Agora conheço seu segredo. Se você mostrar essa fita para Grace ou para qualquer pessoa, revelo seu segredo para todo mundo. Não seria difícil fazer alguns testes, uma vez que se levante uma desconfiança sobre a identidade do robô. Portanto, passe-me a fita agora, porque estou com pressa!

Christian virou a cadeira de rodas, ficou de costas para Chuck e afirmou, confiante:

— Você *vai* me ajudar, detetive Chuck, e não vai me denunciar para ninguém!

— Como assim? Quem você pensa que é, pirralho sem noção?

Christian virou-se e mostrou-lhe no celular uma foto de Webster trabalhando na programação de Robbie.

— Seu primo Webster, filho da sua querida tia Fiona, irmã da sua falecida mãe, sua única família, está totalmente envolvido com esse projeto. Você realmente faria alguma coisa que colocasse seu primo na cadeia? Se ainda não percebeu, nós somos os caras bons nesta história, e você também é. Não podemos ignorar que existe um perigo muito grande lá fora, com o qual precisamos lidar. Se não fizermos isso juntos, dificilmente iremos ter sucesso.

Perplexo e sem opção Chuck respondeu:

— Vamos ver aonde isso tudo vai dar. Não posso negar que as possibilidades do robô são muito atraentes, somado ao que tenho a contribuir para a equipe. Esse plano pode funcionar, e, conhecendo o cabeção do meu primo, a única maneira de eu me certificar da segurança dele é ficar por perto.

Os dois apertaram as mãos para selar o acordo.

— Preciso de algumas informações sobre o Círculo de Dragões, Chuck — pediu Christian. — Preciso saber quem são eles, quem era a mulher da noite do roubo e se eles tem alguma relação com o Recipiente.

— É uma organização que há algum tempo controla secretamente, com bastante êxito, o crime em toda cidade de Chicago. Ninguém acreditou no que eu e Grace denunciávamos, porque eles trabalham muito bem para esconder as provas. A única razão de eu saber disso é que me infiltrei na gangue. Só que eles pensam que eu morri quando Camila me empurrou do trem.

— Espere um pouco: você disse Camila? Quem é ela? — perguntou Christian.

— O nome dela é Camila Meinhof. Por muito tempo, foi auxiliar do doutor...

— Damon Blackstone — completou Christian.

— Sim, como você sabe?

— Meu pai fez parte de uma exploração arqueológica dele. A última notícia que tive dele foi que havia morrido em um hospício. Nunca suspeitei que sua assistente pudesse ter alguma relação com isso.

— Toda essa história está muito bem acobertada, porque existem pessoas influentes por trás dos panos. A organização do Círculo de Dragões não é formada por bandidos de rua, são pessoas do mais alto escalão da sociedade, que exercem influência sobre a própria polícia e a administração da cidade.

— Parece que temos muito trabalho a fazer, Chuck. Vê agora a importância de trabalharmos juntos?

— Não dá para negar que é estranho ter essa conversa com alguém da sua idade, mas você provou ser mais do que capacitado para isso.

— Se quiser, pode morar aqui. Robbie não teria problema com isso — disse Christian com uma risada.

— Por enquanto, vamos deixar as coisas como estão. Tenho olhos nas ruas e preciso manter um contato próximo enquanto essa investigação não for concluída. Grace também não pode saber de jeito nenhum do meu paradeiro. A gente não se fala há algum tempo, e por hora é melhor que as coisas continuem assim.

— Já que você está mantendo o disfarce, quero lhe pedir um favor. Minha casa foi invadida, e alguém esteve muito perto de encontrar Robbie. Eu e minha mãe podemos estar em perigo. Poderia vigiar minha casa? Qualquer suspeita, entre em contato comigo imediatamente. Também entrarei em contato logo, para trocar informações e discutir algumas estratégias.

Chuck acenou com a cabeça, concordando, e foi embora. Sofia saiu das sombras e perguntou enquanto Christian olhava pela janela o detetive Chuck diminuir no horizonte:

— Você acha que a gente pode confiar nele?

— Sei que podemos — respondeu Christian. — Ele se importa muito com a família e tem um coração bom. Eu me identifico com ele. É obstinado, assim

como eu, e no fundo quer fazer justiça.

— Vamos ver como Webster vai reagir a isso — lembrou Sofia, preocupada.

— O primo dele fez o papel de irmão mais velho para ele desde pequeno. Webster não vai se incomodar — garantiu Christian com o olhar distante.

— Como você sabe tudo isso, Christian?

— As pessoas de boca fechada falam muito mais do que imaginam. É só preciso aprender a ler nas entrelinhas.

— É melhor eu levar você para casa, já é bastante tarde.

— Sim, vamos!

Capítulo 15

Por quê?

Ao chegar, Christian estranhou ver a velha viatura do patrulheiro Murphy diante da casa. Despediu-se de Sofia e entrou, desconfiado. Claramente, nada de mal acontecera, porque a viatura estava com as luzes e sirenes desligadas. Ele abriu a porta, e a mãe recebeu-o com um sorriso nervoso.

— Olá, Christian! Lembra-se do patrulheiro Murphy?

Ela estava toda arrumada, com maquiagem, e usava um belo vestido azul brilhante. Um buquê de rosas estava deitado sobre a mesa.

— Boa noite, menino! — cumprimentou o patrulheiro, vestido com roupas casuais.

Christian, estranhando aquilo tudo, deixou de lado seu intelecto dedutivo para fazer a pergunta óbvia:

— O que está acontecendo aqui?

— O patrulheiro Murphy fez a gentileza de me convidar para jantar. Não vou demorar, filho. Seu jantar está no forno. É só esquentar.

Christian, de cara fechada, perguntou infantilmente:

— Por que você está fazendo isso?

Sem graça, Elisa Abrams pediu licença ao patrulheiro e puxou Christian para um canto.

— Chris, comporte-se! Só aceitei educadamente jantar com ele. Não é nada de mais. Pare de fazer cena!

— Não é justo! Papai está perdido por aí, e você já o está trocando por um babaca inútil como esse cara! — retrucou o menino em um tom de voz alto o suficiente para garantir que o patrulheiro o ouvisse da sala.

Mas o patrulheiro Murphy estava entretido demais coçando o dedão do pé para ouvir a conversa. Elisa, envergonhada e já perdendo a paciência, falou:

— Já faz dois anos que seu pai morreu...

Christian interrompeu-a gritando:

— ELE NÃO MORREU!

Com firmeza, deixando as lágrimas escorrerem pelo rosto, ela ordenou:

— Já chega, Christian! Vá agora para seu quarto! Você está me fazendo perder a paciência! Sou sua mãe e não lhe devo explicações. Sempre fui fiel ao seu pai, e não é justo que eu deixe de viver porque ele se foi.

Christian deu-lhe as costas e disse:

— Faça o que quiser.

Ele entrou no quarto batendo a porta. Elisa voltou para a sala, onde Murphy, com um olhar despreocupado, quase viajante, fingia não ter ouvido a conversa.

— Me desculpe, Murphy! É a primeira vez desde que o pai dele morreu que saio para jantar com outro homem. Ele ainda não digeriu bem tudo isso.

— Talvez o garoto precise de ajuda. Já pensou em levá-lo a um psicólogo?

— Ele consultava uma psicóloga algum tempo atrás. Talvez seja hora de fazer uma nova visita.

Do quarto, Christian ouviu tudo, indignado.

— Vamos conversando no caminho — disse o patrulheiro.

Eles então foram para o Emmet's, um *pub* irlandês. Christian foi para o banho e ficou bastante tempo debaixo da água morna pensando e ouvindo o querido *jazz* que seu pai tanto amava. Algumas questões lhe atormentavam a mente. *O que pode ter acontecido com meu pai? Quem invadiu minha casa? Como poderiam saber sobre Robbie? Que intenção tinham com ele? Camila Meinhof. Dr. Damian Blackstone. Círculo de Dragões. Meu pai...*

Então teve uma epifania. Saiu imediatamente do banho, vestiu a roupa sem se secar direito e rumou para a garagem. Ali vasculhou seus arquivos e retirou um dossiê que ele havia preparado desde o desaparecimento de seu pai. Começou a folheá-lo rapidamente à procura de algo específico. Finalmente, com um sorriso, sacou uma das muitas folhas do dossiê.

— Aqui está: Dr. Francis Buckland, professor de astrofísica na Universidade de Illinois. Também fez parte da expedição que une meu pai, Dr. Damian Blackstone e Camila Meinhof. Preciso entrar em contato com ele imediatamente. Com certeza ele tem alguma lembrança da expedição que me ajudará entender o que tudo isso tem em comum!

Capítulo 16

Nova vítima

Christian não estava acordado quando a mãe chegou do jantar. Tinha uma reunião de alinhamento no Departamento de Polícia logo pela manhã, então foi dormir mais cedo do que estava acostumado.

Quando acordou, ela ainda estava dormindo. Os sapatos jogados no corredor da sala indicavam que ela se divertiu um pouco mais do que deveria. Ele sentiu que seria estranho acordá-la depois da discussão da noite anterior, então decidiu chamar um Uber para ir até o ferro-velho.

Quando chegou, Sofia já estava acordada, mas com a cara amassada de sono, uma xícara de café na mão e o cabelo todo desarrumado.

— Teve dificuldades para dormir? — perguntou Christian.

— Comecei a assistir uma série nova na Netflix e me empolguei. Fui dormir tarde. Quer café?

— Não, obrigado! Vamos ver o que o chefe Murry quer, porque pretendo fazer uma visita a uma pessoa que pode nos ajudar em todo esse caso.

— Certo. A propósito, Webster não vem hoje.

— Eu sei. Vamos trabalhar.

Christian iniciou Robbie, que se levantou. O robô funcionava por meio de um poderosíssimo controle remoto via satélite. O sinal hackeado por Webster era impossível de ser rastreado por repercutir em vários servidores ao redor do mundo. Robbie vestiu-se e partiu para o Departamento de Polícia. Quando chegou, todos os policiais já estavam na sala de reunião. Grace acenou sorridente, como sempre, apalpando o assento que havia guardado para ele. Logo à frente do assento reservado para Robbie, estava alguém com quem ele não tinha nem um pouco de empatia: o patrulheiro Murphy, que segurava um fumegante café do Starbucks, claramente esperando esfriar um pouco. Ao passar por ele, que sussurrava com um amigo, Christian aumentou a potência do microfone.

— Saí com uma mulher maravilhosa ontem. A gente se divertiu pra caramba.

Ela é uma gata, meu! Madura, do jeito que eu gosto.

Irritado Christian fez com que Robbie, ao sentar-se, esbarrasse na cadeira da frente. O café quente caiu no colo do patrulheiro, e a dor o fez pular instantaneamente. Robbie mantinha a cara robótica, olhando para frente como se nada tivesse acontecido. Murphy encarou Robbie com raiva, mas naquele momento o chefe Murry apareceu e gritou: — Que bagunça é essa, patrulheiro? Isso é jeito de se apresentar.

Todos riram de Murphy. Ele abriu a boca para se explicar, mas o chefe mandou que se sentasse imediatamente. Direto ao ponto, Murry ligou o Datashow e começou a apresentação.

— Vamos alinhar toda a investigação e depois prosseguiremos, cada um para sua tarefa. Algum progresso na identificação do indivíduo autointitulado “o Recipiente”?

O detetive Goodwin levantou-se e informou:

— Ainda não, senhor. Por enquanto, tudo que temos são as imagens que já havíamos recebido. Ninguém nas ruas ouviu falar dele. Nossos informantes mais confiáveis reconhecem que existe um novo lorde do crime que está há mais de um ano aparelhando a tomada de vários territórios, mas não ficamos sabendo disso porque tudo foi feito pacificamente. Os chefes das gangues continuam no controle, mas agora respondem a uma mulher conhecida como “a Camaleoa”.

— E essa mulher tem algum tipo de conexão com o Recipiente? — perguntou chefe Murry.

— Ainda não sabemos. A informação que conseguimos é que a sombra que aparece ao lado do Recipiente no vídeo é de uma figura feminina e que o indivíduo é de pele negra, com tatuagens de escamas de dragão. Foram feitas modificações estéticas nele que nos impedem de reconhecê-lo em nosso sistema. Não temos ninguém como ele em nossos arquivos, mas ele aparenta ter 1,85 metro de altura pelo vídeo, aproximadamente 98 quilos e sotaque de um país africano. Pela voz e postura, nossos especialistas dizem que ele deve ter de 55 a 65 anos de idade.

O chefe retomou a palavra:

— Muito bem, sabemos que a vítima chamada Sara Davis tinha 22 anos e

estudava aqui, na Universidade de Illinois. A família vive na Flórida. Era também deficiente visual e tinha sido abduzida na segunda-feira da semana passada enquanto caminhava no *campus* da universidade. De acordo com a autópsia, ela foi ferida no coração por uma adaga, que causou uma parada cardíaca imediata. As dimensões do corte são as mesmas do artefato roubado no Museu de Arte Mexicana. Robbie e Grace, vocês tiveram algum avanço nas investigações?

Grace levantou-se e falou:

— Descobrimos que um dos guardas disparou contra os ladrões enquanto fugiam e aparentemente atingiu um deles. Estamos esperando o resultado do laboratório para dar continuidade nessa pista.

— Certo. Enquanto esses resultados não saem, quero vocês dois empenhados em descobrir quem era a garota do vídeo. O tempo dela está acabando...

Naquele momento, o detetive Travis entrou afobado na sala.

— Receio que o tempo dela já terminou, chefe. Acabaram de descobrir um corpo na roda-gigante do Navy Pier!

Todos os detetives correram lá. Quando chegaram, alguns policiais já haviam fechado o perímetro com fitas amarelas. Uma multidão de curiosos se reunia atrás das faixas. Robbie e Grace aproximaram-se para examinar o corpo. A vítima estava sentada na roda-gigante com os braços abertos. Tinha um corte no peito idêntico ao da primeira vítima, o que indicava ter sido feito pelo mesmo agressor e com a mesma arma. O detetive Goodwin informou ao chefe Murry: — Os zeladores disseram que encontraram o corpo aqui quando abriram o parque esta manhã. O píer não tem vigilantes à noite, por isso quem cometeu o crime pode ter entrado a qualquer hora. As fitas de segurança foram levadas.

— Alguma ideia de quem pode ser a garota? — perguntou o chefe de polícia.

— Ainda estamos trabalhando no reconhecimento — disse Travis.

Robbie caminhava em volta do corpo observando o ambiente e procurando refazer os passos do criminoso para entender se havia algum sentido naquilo tudo. Uma repórter conseguiu furar o esquema de segurança e aproximou-se de Robbie. Tinha o rosto fino muito bem maquiado, grandes e expressivos olhos lilás e cabelo liso cor de caramelo. O corpo *petit* estava vestido com uma calç

jeans capri, uma blusinha decotada branca que chamava a atenção para o colar artesanal e um *blazer* marrom escuro. Aparentava ser mais alta do que realmente era por causa dos sapatos altos meia pata. Também era inseparável de seu bloco de notas e de uma caneta rosa.

— E aí, bonito! O que aconteceu por aqui? — perguntou a Robbie.

Do ferro-velho, Sofia apontou a repórter:

— Olhe! É Barbara Wells, do noticiário.

Christian também a reconheceu.

— Como você passou pelo esquema de segurança? — perguntou Robbie.

Ela sorriu com uma piscadinha e respondeu:

— Tenho meus encantos, bonito!

Barbara havia ficado famosa por cobrir tudo que acontecia de importante em Chicago. Eram dela os maiores furos jornalísticos, porque era muito bem relacionada e tinha fontes muito fiéis. Mesmo sendo muito jovem, esses fatores contribuíram para construir uma carreira sólida no jornalismo.

— Acho que ainda não nos conhecemos, não é? — disse ela.

— Todos conhecem você, Barbara. Quem é novo aqui sou eu — respondeu Robbie.

Barbara sorriu tentando jogar um charme para cima dele. Enquanto conversavam, Grace aproximou-se com uma expressão incomodada e pôs-se no meio deles.

— Como você entrou aqui, Barbara? O píer ainda está fechado para investigação — disse Grace.

— É justamente para isso que eu estou aqui, Grace. O público precisa saber o que está acontecendo.

— Parece que vocês já se conhecem — presumiu Robbie.

— Infelizmente, estudamos juntas até o colegial — respondeu Grace.

— Que odiozinho é esse no seu coração, Grace? — Zombou Barbara. — Só estou fazendo meu trabalho.

Grace acenou para um guarda, que se aproximou, e ordenou:

— Escolte a senhora Barbara para fora do píer, por favor! — Voltando-se para a jornalista, acrescentou: — Quando for dada a coletiva de imprensa, você terá as informações, como todo mundo, para repassar aos seus espectadores.

O policial segurou o braço delicadamente da repórter, que mandou um beijinho para Robbie antes de ser levada para fora.

— Parece que Robbie tem uma admiradora — comentou Sofia.

— Ela pode ser uma ótima aliada para nós, sem que saiba nosso segredo, obviamente — disse Christian.

— O problema vai ser conciliar o ciúmes de Grace — acrescentou Sofia.

— Como assim, ciúmes? — perguntou Christian.

— Ai, homens! No fundo, são todos ingênuos.

— Longa história pelo jeito? — perguntou Robbie a Grace.

— Ela foi minha rival desde que nos conhecemos, sempre tentando competir comigo, ser melhor do que eu. O pior é que nossos pais são os melhores amigos, então eu era obrigada a frequentar sempre os mesmos lugares. Agora ela cobre meu trabalho para toda a cidade, dá para acreditar?

Depois que tiraram o corpo da moça a fim de levá-lo para o IML, a rodagigante foi ligada, e um sistema de fogos de artifício foi acionado. As pessoas ali ficaram aterrorizadas. Um dragão de fogo se formou e subiu bem alto, podendo ser visto a muitos quilômetros de distância. Em seguida, começou a descer na direção do píer, sobre os espectadores. Houve uma correria geral, e o dragão, com a boca aberta, parecia querer engolir as pessoas.

No tumulto, uma criança pequena caiu e estava prestes a ser pisoteada pela multidão desesperada. Robbie viu a criança no chão e correu para ela, pegou-a por debaixo dos braços e correu com a multidão. O dragão era mais rápido que as pessoas em fuga, mas segundos antes de atingi-las ele se desfez. Do alto-falante do píer, uma voz soou: — Isso foi apenas uma demonstração do que está por vir. Temam, cidadãos! O tempo do recomeço se aproxima. Três semanas, três garotas. Duas já foram oferecidas em sacrifício, falta apenas uma para o início da nova era.

Todos estavam aterrorizados. Famílias se abraçavam, crianças e mulheres choravam e os homens se sentiam impotentes. O medo dominava a todos. Os policiais tentavam acalmar as pessoas. Robbie encontrou a mãe do garoto e devolveu-o são e salvo. Aos poucos, a fumaça deixada pelo dragão fez com que as pessoas ali comessem a tossir e a passar mal. Robbie olhou para trás e viu Grace caída.

— Não pode ser! — exclamou Christian. — Gás venenoso?

Todos, menos, Robbie começaram a desmaiar. De repente, com a fumaça ainda pairando no ar, o Recipiente e uma mulher, ambos usando máscaras de gás, saíram de um esconderijo. Ele carregava nos ombros um grande saco preto. Robbie avistou-os e correu na direção deles.

— Parados! — ordenou, apontando a arma enquanto corria.

Havia muita fumaça, não se podia enxergar um palmo adiante do rosto. Robbie correu e ouviu um barulho de motor. Quando chegou à beirada do píer, os dois já estavam a certa distância em uma lancha. Robbie olhou para o horizonte e concluiu que já estavam fora do alcance dos tiros.

— Estão indo na direção do farol — disse Sofia.

Robbie olhou em volta e não encontrou outro veículo que pudesse ser usado para perseguir os bandidos. Christian teve de tomar uma decisão rápida.

— Não podemos levantar suspeitas — disse Christian. — Vou chamar o número de emergência e fingir um desmaio em Robbie, como as outras pessoas. Vamos ter de retomar a perseguição depois. Já sabemos que o farol é um lugar-chave.

Robbie chamou a emergência e fingiu o desmaio.

Capítulo 17

Snif

Várias ambulâncias e policiais começaram a chegar. A fumaça já havia se dissipado, e as pessoas começaram a ser atendidas. Algumas abriram os olhos com dificuldade, pois sentiam uma forte ardência. Robbie levantou-se. Um socorrista tentou impedi-lo, mas ele afirmou que estava bem. Deitado em uma maca, o chefe de polícia avistou Robbie, chamou-o e falou com dificuldade: — Todos os outros investigadores estão debilitados. Você está se sentindo bem?

— Sim chefe, estou bem — ele respondeu.

— Preciso que você identifique a vítima e tente descobrir se existe alguma ligação entre elas.

— Deixe comigo, chefe!

Robbie avistou Grace em outra maca e foi ao encontro dela, que estava começando a recuperar os sentidos.

— O que aconteceu, Robbie? — perguntou ela, confusa.

— O Recipiente esteve aqui. Usou gás venenoso para fugir. Consegui vê-lo de longe, mas ele escapou em uma lancha na direção do farol antes que eu pudesse fazer alguma coisa.

— Que cheiro é esse, Robbie? — perguntou Grace. — Não estou conseguindo identificar.

No ferro-velho, Sofia exclamou:

— Sujou! Robbie não sabe cheirar.

Christian disfarçou.

— Também não consegui identificar, Grace.

Naquele momento, os paramédicos chegaram para colocar Grace na ambulância. Robbie entrou no carro, pegou o celular e discou um número.

— Alô! Chuck, aqui é o detetive Robbie falando.

— Pode falar, Christian da voz grossa — brincou ele.

— Você está assistindo ao noticiário? O Recipiente acabou de atacar outra vez, agora no píer da marinha. Achamos uma garota morta na roda-gigante. Depois, ele lançou um dragão de fogo que continha fumaça venenosa. Quase todo o departamento teve de ser hospitalizado.

— O que você precisa que eu faça? — perguntou Chuck.

— O chefe Murry designou-me para descobrir a identidade da vítima. Vou estar envolvido nisso o dia inteiro, procurando uma ligação entre elas, mas tenho uma suspeita que vale a pena ser verificada. Meu pai e outros dois cientistas fizeram uma expedição às ruínas astecas pela Universidade de Illinois. O Dr. Damon Blackstone era o chefe da pesquisa. Ele morreu em um manicômio mais ou menos no mesmo período em que o meu pai e tinha uma assistente chamada Camila Meinhof, com quem você já está familiarizado. O outro cientista era o Dr. Francis Buckland, um astrofísico que ainda leciona na Universidade de Illinois. Preciso que você converse com ele. Talvez o Dr. Buckland tenha alguma informação nova sobre aquela viagem, que possa nos trazer algum esclarecimento sobre tudo isso.

— Já estou a caminho. Ligo para você quando sair de lá — disse Chuck antes de desligar.

Christian separou no computador as fotos tiradas na cena do crime e começou o processo de reconhecimento pelo sistema. Em poucos minutos, encontrou uma identificação: uma aluna da Universidade de Illinois chamada Madeleine Torres.

— Outra aluna da Universidade de Illinois — observou Sofia.

— Sofia, ligue para Webster! Envie o nome das vítimas para ele e peça uma comparação entre o que elas têm em comum. Vou levar Robbie para fazer uma visita ao dormitório da garota.

— Deixe comigo.

Robbie chegou à universidade e percebeu que a moto de Chuck também estava estacionada ali. Caminhou pelo *campus* em direção aos dormitórios, subiu as escadas até o segundo andar e dirigiu-se ao terceiro apartamento da esquerda. A porta estava trancada, por isso teve de arrombá-la. O apartamento estava bagunçado, e ele começou a vasculhar os pertences da moça quando percebeu um movimento. Imediatamente, apontou a arma. Para sua surpresa, um labrador

preto e magrinho, com evidentes sinais de fraqueza, saiu do meio da bagunça e começou a cheirar Robbie.

Sofia, do outro lado, apaixonou-se por ele.

— Que bonitinho! Coitadinho. Não deve comer desde que sua dona foi sequestrada.

Robbie encontrou um pacote de ração em cima do armário e encheu a tigela. O cachorro começou a comer desesperadamente. Robbie também providenciou água para o animal, que agora não parecia não saber se comia ou bebia mais. O rabo balançava com rapidez, demonstrando gratidão.

— Christian, a gente não pode deixar ele aí sozinho! — suplicou Sofia.

— Vamos ficar com ele por enquanto, até algum familiar da moça pegar a custódia. Podemos deixá-lo com Robbie. Assim podemos cuidar bem dele — decidiu Christian.

Robbie encontrou uma foto da moça com o Dr. Buckland e ensacou-a como evidência. Achou também a coleira do cachorro, que trazia o nome dele: Snif. Enquanto colocava a coleira em Snif, Robbie deu mais uma olhada atenta no quarto e percebeu que havia fotos de Madeleine em eventos de linguagem de sinal.

— Ela era deficiente auditiva — deduziu Christian.

— E a primeira vítima era deficiente visual — lembrou Sofia.

Ele parou para pensar por um instante.

— Uma vítima deficiente visual, outra deficiente auditiva. Será que isso quer dizer que a próxima será muda?

— Não existem mudos, Chris. O mudo é um deficiente auditivo que nunca aprendeu a falar — corrigiu Sofia.

No mesmo instante, veio à mente de Christian a imagem dos três macacos sábios, o primeiro tapando os olhos, o segundo tapando os ouvidos e o terceiro tapando a boca.

— Quem será a próxima vítima? — perguntou-se Christian, intrigado.

Capítulo 18

Dr. Francis Buckland

Chuck, do lado de fora da sala de astrofísica, esperava a aula acabar. Enquanto aguardava, entretinha-se com seus pensamentos. *Onde já se viu? Agora recebo ordens de um pirralho! Mas tenho de admitir: o moleque tem um talento especial. E boas intenções também. Se eu conseguir direcionar seu potencial, ele pode realmente fazer a diferença em tudo isso que está acontecendo. É bom que eu esteja envolvido, porque posso ter influência sobre alguma decisão infantil dessas crianças. Elas não fazem ideia da profundidade do problema.*

Às três horas, a aula acabou. Os alunos começaram a sair pela porta conversando, rindo e comentando o tema daquela aula, que aparentemente havia sido sobre a teoria das cordas. Pouco depois, a sala ficou vazia. Só o professor permaneceu lá dentro arrumando os materiais. Chuck entrou e observou: — Parece que seus alunos saem bastante motivados das suas aulas, doutor.

O Dr. Buckland olhou na direção do som da voz de Chuck e sorriu.

— O segredo para se obter um bom resultado como mestre é descobrir a motivação das pessoas. Depois é fácil construir um argumento que se encaixe na mensagem principal que se quer passar. — O Dr. Buckland estendeu a mão para cumprimentá-lo e acrescentou: — Creio que ainda não nos conhecemos.

— Meu nome é Chuck Muska. Sou detetive do Departamento de Polícia de Chicago.

— Ah, que grande honra! Em que posso ajudá-lo?

— Estamos investigando uma suspeita de envolvimento no crime organizado de Chicago. O nome dela é Camila Meinhof, que há uns dois anos trabalhou com um colega seu, o Dr. Damon Blackstone. Ele já morreu, estranhamente no mesmo período em que o Dr. Peter Abrams foi vítima de um acidente causado por falha no sistema de frenagem de carro. E sei que o senhor sofreu uma tentativa de assalto seguido de um tiro que o deixou na UTI por mais de um mês.

O Dr. Buckland parou para pensar e refletiu em voz alta:

— Nunca fiz uma conexão entre esses acontecimentos trágicos, mas, pensando bem, todos aconteceram em datas muito próximas. Acha mesmo que existe uma ligação entre eles, detetive?

— É exatamente isso que estamos investigando. Vocês quatro têm em comum uma expedição ao México, dois anos atrás. Eu gostaria que o senhor me contasse um pouco sobre o que aconteceu lá, porque até onde entendo, vocês nunca mais trabalham juntos novamente.

Sabendo que corria o risco de ir para a prisão por nunca ter informado sobre os robôs, Buckland tremeu na base.

— Receio que não possa ajudá-lo, detetive.

— Doutor, seja lá o que tenha acontecido na expedição, preciso que você coopere comigo. Seus dois colegas morreram no mesmo tempo em que o senhor quase teve o mesmo destino, e agora é bem possível que os assassinatos dessas duas meninas que estão aparecendo na mídia e um possível ato de terrorismo ligado ao crime organizado esteja relacionado com algo que vocês descobriram nessa expedição. Muitas vidas estão em risco, doutor!

— Não posso! Preciso de garantias. Qualquer coisa que eu diga sobre aquela expedição poderá me causar sérios problemas. Vou ligar para meu advogado.

— Espere! — disse Chuck, segurando a mão do doutor que tentava alcançar o telefone. — Vamos fazer o seguinte. Não estou gravando nossa conversa, por isso ela é toda extraoficial. Conte-me em *off* a história toda, e vou dar sequência à investigação enquanto providenciamos uma documentação que o isente de toda responsabilidade.

Um pouco desconfiado, o Dr. Buckland pensou e finalmente concordou.

— Muito bem. Tudo começou quando Damon veio me falar de uma desconfiança que tinha a respeito do calendário asteca. Ele jurava ter decodificado um mapa na Pedra do Sol, que é a base do calendário asteca e que, ao estudar alguns artefatos, deduziu que os astecas estavam desenvolvendo uma tecnologia muito à frente de seu tempo. Eles haviam construído dois robôs, que foram escondidos dos espanhóis, e a Pedra do Sol era o mapa da localização deles. Ele estava obcecado com essa teoria, e

insistiu em que eu o acompanhasse naquela jornada. O mesmo convite foi feito a outro colega, o Dr. Peter Abrams, professor e especialista em robótica. Assim, nós três e a assistente de Damon, Camila Mainhof, partimos para as ruínas astecas com o propósito de descobrir se havia alguma base para todas aquelas especulações. Incrivelmente, Damon estava certo. Havia de fato um mapa escondido na Pedra do Sol, e seguimos as instruções passo a passo até encontrar os dois robôs dentro de uma pirâmide.

O Dr. Buckland fez uma pausa e acrescentou:

— Esse foi o crime cometido por nós. Descobrimos que não foram os astecas que criaram os robôs. Na verdade, não sabíamos a origem deles e decidimos estudá-los, pois as aplicações poderiam revolucionar todo o mundo moderno. Então concordamos em não entregar os robôs a governo algum e os transportamos para os Estados Unidos para aprender a lidar com eles e decidir o que fazer depois que conseguíssemos programá-los.

— Você disse que foram encontrados dois robôs? Onde eles estão agora? — perguntou Chuck, sem revelar que já sabia do paradeiro de um deles.

— Essa é a questão. Depois que trouxemos os robôs para Chicago, iniciou-se uma grande discussão ética entre nós sobre o que fazer com eles. Decidimos inicialmente que eles deveriam ser separados, pois, como não estávamos nos entendendo, não era sábio que apenas uma pessoa tivesse controle sobre eles, no caso de um de nós se corromper. A discussão na verdade era entre Damon e Peter, pois Peter queria estudar cuidadosamente as aplicações robóticas da descoberta, e Damon só falava em fama e grandeza, o que incomodava Peter. Como Peter era o especialista em robótica e Damon era o chefe da descoberta, um robô ficou com Damon e o outro com Peter. Nós nos encontrávamos secretamente de tempos em tempos para que Peter pudesse compartilhar os avanços de seus estudos, mas Damon o acusava de estar escondendo as verdadeiras descobertas e avanços tecnológicos. Damon estava paranoico, e as discussões e acusações ficavam cada vez mais feias e sérias.

— E Camila? — perguntou Chuck.

— Ela estava sempre do lado de Damon. Colocava-o em um pedestal, quase de forma doentia. Seus elogios eram exagerados, quase uma forma de

adoração. Estava claro que ela exercia grande influência sobre o comportamento dele.

— Qual era sua visão sobre essa disputa?

— Eu era amigo de ambos e tinha um bom relacionamento com eles. Tentava ficar em cima do muro e intermediava as conversas em busca de uma solução. Damon tinha uma grande obsessão com a cultura asteca e suas profecias. Então, bastante frustrado, começou a trabalhar por conta própria no robô que estava com ele.

— O que você acha que o levou a “adoecer”? — perguntou Chuck.

— Compartilhei com ele a informação sobre o cometa Azazel, que irá passar perto da terra no próximo dia 4 de julho. Falei também sobre uma teoria, segundo a qual o cometa irá se chocar com outro asteroide e direcionar seu curso para a Terra. Ele ficou obcecado com essa teoria, pois se fosse verdadeira, a profecia asteca se cumpriria. Sua raiva contra Peter cresceu enormemente. Sinto-me culpado por isso, mas não tinha como prever o que aconteceu depois.

— E o que aconteceu?

— Nunca contei isso para ninguém, porque levaria à confissão de que roubamos os robôs da pirâmide asteca. Mas como é algo que pode ajudar a salvar vidas, então vou falar. Peter negou-se a ajudar Damon, que queria usar os robôs para ganhar influência política. Isso levou Damon a ter um colapso mental. Não tínhamos como saber, mas Damon tinha transtorno de personalidade múltipla, e algo se manifestou nele a ponto de atacar Peter na frente de todos os professores aqui dentro da universidade. Um dos funcionários tentou separar os dois, e Damon sacou uma faca e o feriu. Os seguranças imobilizaram Damon, e ele foi levado para um hospital psicológico e diagnosticado com essa desordem mental. Ele se safou da cadeia, mas foi condenado a sessenta anos em uma instituição para doentes mentais. Quando recuperou os sentidos, não deve ter aguentado mais a obsessão que o consumia, além de saber que nunca mais sairia de lá. Por isso ele se matou.

— E Camila? O que aconteceu com ela?

— Ela culpou Peter pelo que aconteceu, e ele me disse que ela o atormentava

constantemente, querendo saber a localização do robô, fazendo ligações anônimas com ameaça a ele e à sua família e rondando sua casa e seu local de trabalho. Sei que Peter não levou aquilo muito a sério, mas pelo que você está me dizendo ela pode ter tido parte na morte dele.

— Será que o assalto contra o senhor foi simples coincidência, ou havia alguma razão para que ela o atacasse também? — questionou Chuck.

— Pouco antes de toda essa tragédia acontecer, nas discussões entre Damon e Peter, eu estava tomando o partido de Peter, porque as histórias de Damon já pareciam estar fora da realidade, no campo da fantasia e da obsessão. Para falar a verdade, o que iniciou a fogueira foi o fato de termos votado a favor de que Damon entregasse o robô a mim até que toda aquela situação se resolvesse. Esse foi o motivo de eles terem brigado na universidade.

— O que aconteceu com os robôs? — perguntou Chuck.

— Não sei, Peter escondeu muito bem o que estava em sua posse, e Damon fez o mesmo. Também perdi o contato com Camila. Um deles pode estar perdido para sempre, e o outro deve estar com Camila.

— O que você acha que aconteceu com os robôs, doutor?

— Não vejo como possam representar algum tipo de perigo. Peter alegava que havia encontrado sérios problemas para colocá-los em funcionamento. Não creio que, sem a maior mente da robótica que este planeta já viu, outra pessoa possa ter algum êxito em pôr os robôs para funcionar nos próximos cem anos. Seja lá onde estiverem, não faz diferença alguma. Assim como ficaram inertes por centenas de anos, ficarão sem uso por mais alguns séculos, quando nenhum de nós estiver aqui. O valor deles é puramente arqueológico.

— Obrigado pela ajuda, Dr. Buckland. Estamos fazendo o possível para encontrar Camila Meinhof. Aparentemente, ela está muito mais interessada em garotas universitárias que em cientistas.

Capítulo 19

Por onde estava Webster?

— Gente, amanhã vou trabalhar na programação de Robbie. Faço tudo em casa e inicio a atualização *online* mesmo — informou Webster antes de ir embora naquele final daquele dia.

Na manhã seguinte, Webster pedalava vigorosamente sua bicicleta, levando o *laptop* e o restante do material de que iria precisar em uma mochila. Ele ziguezagueava entre os carros para se adiantar ao congestionamento da manhã. Afinal, a janela de tempo que ele tinha para cumprir sua missão era bastante curta. Pouco tempo depois, chegou ao seu destino: delegacia de polícia de Chicago. Precisava se apressar enquanto o chefe Murry passava as informações na reunião de alinhamento sobre o caso do dragão asteca.

Depois que Grace compartilhou a suspeita de que a elite da sociedade de Chicago podia estar envolvida no crime organizado e que o prefeito tinha em sua posse um quadro roubado, Christian pediu que Webster hackeasse a agenda eletrônica do prefeito para lhe seguir os passos. Ao fazê-lo, perceberam que a maioria dos compromissos eram corriqueiros, mas um deles se destacava: uma visita ao chefe de polícia Steve Murry.

Webster aproveitou que todos os policiais estavam na sala de reunião e contornou cuidadosamente o prédio até a parte de trás. Depois de subir por uma árvore até o segundo andar, apoiou-se na parede. Então empurrou a janela, que estava destrancada, e entrou na sala do chefe de polícia. Instalou uma escuta embaixo da mesa e conectou uma câmera no lugar do olho esquerdo da cabeça de rinoceronte empalhado, no centro da parede atrás da mesa do chefe.

Ele percebeu uma comoção acontecendo do lado de fora e ativou rapidamente os aparelhos de espionagem ao seu computador antes de sair pela janela e correr para fora do pátio da delegacia. Do lado de fora da porta da sala do chefe, os policiais estavam recebendo a notícia de que a segunda vítima fora encontrada morta na roda-gigante do Navy Pier.

Imediatamente os detetives, se deslocaram para a cena do crime, e o chefe Murry faria o mesmo. Antes disso, porém, recebeu uma visita.

— A que devo a honra, senhor prefeito? — cumprimentou o chefe.

— Estou preocupado com os acontecimentos recentes, Murry — respondeu o prefeito.

— Vamos até minha sala, senhor prefeito — convidou Murry.

O prefeito era um homem muito gordo. Usava óculos redondos com armadura dourada bem fina. Trajava sempre um terno com a calça elevada até o umbigo e uma gravata borboleta. Tinha os cabelos brancos e bem cortados, rasos e penteados para trás. Falava mansamente, e a voz era um pouco fina para um homem de sua estatura, efeminada até. Falava cantado, como se estivesse o tempo todo discursando para uma multidão. Ele destacava bastante os erres e entonava cada sílaba. Tinha o hábito de dobrar a língua para baixo entre as frases com uma espécie de sorriso. Também movimentava bastante as mãos, como se estivesse caçando algum inseto.

— Estamos usando de todos os nossos recursos para descobrir o paradeiro do responsável por esses crimes, prefeito Grego.

— Isso não é o suficiente. Estamos em ano de eleição, e os próximos quatro anos serão importantíssimos para esta cidade. Vamos investir pesado na renovação dos moradores de Chicago.

— Vamos prender o Recipiente, senhor prefeito. Eu garanto.

— Você não está entendendo, Murry. Esse vilão é um terrorista. As pessoas não vão se sentir seguras com ele preso. Quero ele morto! — ordenou o prefeito.

O chefe Murry, que jamais concordaria com qualquer ação contrária à lei, olhou com firmeza para o prefeito. Queria dizer-lhe umas poucas e boas, mas sabia que não era o momento. Grego tinha poder para tirá-lo do cargo até por meio de uma medida emergencial.

— Se me der licença, senhor prefeito, preciso ir até a cena do crime.

— Não se esqueça, Murry. Os quatro próximos anos vão ditar o futuro da nossa cidade.

O prefeito foi embora, e o chefe Murry dirigiu-se até o Navy Pier. Webster

assistiu a toda a cena em seu computador de um café do outro lado da rua. A limusine do prefeito partiu para a prefeitura, e Webster decidiu segui-la de bicicleta. O trânsito matinal ainda estava congestionado, e a limusine seguia devagar, quase parada entre os outros carros. Ele passou devagar pelo carro oficial e colocou uma escuta na porta. Então se adiantou e seguiu para a prefeitura. No caminho, pôs os fones de ouvido e começou a escutar uma chamada do prefeito — a escuta interceptara o sinal do celular.

— O recado já está dado ao chefe de polícia — disse o prefeito.

— Muito bem! Já está tudo preparado para a reunião com os investidores da irmandade esta manhã? — respondeu uma voz disfarçada do outro lado da linha.

— Sim, estou indo para a prefeitura agora. Eles devem estar me esperando no terraço.

— Enviarei um representante, como de costume. Ele também está a caminho.

Eles se despediram repetindo uma palavra:

— *Sárkány*.

Webster apressou-se para chegar à prefeitura antes da limusine. O trânsito agora começava a fluir, e sem poder digitar, ele falava com o assistente virtual do celular, a fim de ganhar tempo.

— Siri, dê-me a tradução da palavra *sárkány*.

— Desculpe, não entendi o que você disse. Repita, por favor.

— Porcaria de IA!

— Assim você está me ofendendo — respondeu Siri.

— Agora você me entende, não é? — falou Webster sarcasticamente.

— Sim, entendo. Como posso ajudar?

— Vou soletrar uma palavra para você traduzir: S, Á, R, K, Á, N, Y. *Sárkány*.

— *Sárkány*. A palavra vem do húngaro e quer dizer “dragão” — respondeu Siri.

Preciso mesmo me apressar, pensou Webster. Chegou à prefeitura antes da limusine. O prédio era grande, e a arquitetura cercava todo o prédio com

colunas. No teto, havia um belo e verde jardim. Os convidados do prefeito esperavam por ele em um local privado, mas ao céu aberto. Webster parou a bicicleta em frente ao Cadillac Palace e, enquanto tirava a mochila das costas, avistou a limusine do prefeito estacionando.

O prefeito soltou um gemido ao se levantar para sair do carro e entrou na prefeitura seguido de seu motorista e segurança. Webster tirou de dentro da mochila um drone de última geração, ultrasilencioso, e acionou-o por meio de um controle ligado a um *tablet*. Agora poderia ver e ouvir tudo que estivesse acontecendo. O drone decolou e circulou por trás do prédio, passando ao lado da Galeria de Arte de Illinois, e subiu até chegar ao terraço. Em seguida, fez um voo raso, à procura do local da reunião.

Vozes começaram a ser captadas no microfone. O drone seguiu o som e conseguiu captar a imagem de onze homens sentados em uma mesa ao ar livre, que se levantaram para cumprimentar o prefeito quando ele chegou. Um dos homens era o Dr. Buckland. Ele segurava um *tablet* com uma imagem distorcida para que a pessoa do outro lado não pudesse ser reconhecida.

— Que prazer ter o senhor conosco esta manhã, Dr. Buckland! — cumprimentou o prefeito.

— Sou apenas o mensageiro, prefeito— respondeu humildemente o doutor.

Todos se assentaram, e uma voz saiu do *tablet* que o Dr. Buckland segurava:

— Prezados irmãos de fogo, o tempo para a nova era está muito próximo. Nossos planos para reconstruir a zona sul de Chicago estão em andamento, e nosso enviado está executando com perfeição o plano para desviar a atenção das autoridades policiais. A nova Chicago renascerá das cinzas como uma fênix. Aqui estão os planos de nossos investimentos para os próximos quatro anos. A tela mudou para um projeto arquitetônico de uma fábrica que tomava toda a zona sul de Chicago.

Como eles pretendem fazer isso? pensou Webster. Seria impossível comprar todas essas residências, demolir todas elas e concluir o projeto em tão pouco tempo. O que estão planejando?

A voz do *tablet* continuou:

— No próximo dia 4 de julho todos nós vamos nos reunir no abrigo subterrâneo na zona norte. Com seu investimento, vocês e suas famílias estarão

a salvo de qualquer erro de cálculo, as instruções serão passadas aos seus *e-mails* privados.

Webster arregalou os olhos e disse em voz alta:

— O que esses malucos pretendem fazer? Será que realmente acreditam que um cometa vai cair sobre a terra? Christian precisa ficar sabendo disso imediatamente, mas primeiro quero ver se consigo hackear esse cara.

Ele tentou interceptar o sinal, mas, como provinha da Dark Web, era impossível de ser rastreado.

— Caramba! Esses caras não são amadores. Vou tentar o *e-mail* .

Webster usou a câmera do drone para fotografar o rosto de cada um dos 12 membros da mesa. Ao fazer a identificação, percebeu que todos eram bilionários e muito influentes na cidade. Em seguida, trouxe o drone de volta para o chão, guardou-o na mochila e voltou para casa, onde se dedicou a invadir os *e-mails* dos participantes da reunião. Estava assim ocupado quando recebeu uma mensagem de texto de Sofia:

Madeleine Torres e Sara Davis, precisamos saber com urgência o que elas têm em comum.

Ele leu a mensagem, pôs o telefone na mesa e disse para si mesmo:

— Cada urgência a seu tempo, Sofia!

Capítulo 20

O farol

— Existe alguma relação entre as vítimas, ou elas foram escolhidas aleatoriamente? — perguntou Sofia.

— Webster já me enviou o relatório comparativo das duas primeiras vítimas que eu pedi? — respondeu Christian com outra pergunta, dando a impressão de estar com a mente em outro lugar.

— Ainda não — informou Sofia.

— Isso quer dizer que ele encontrou alguma pista importante. Não temos tempo a perder, Sofia. Nós mesmos precisamos confrontar os dados.

— Certo. Vamos rever os fatos, então. O que sabemos?

— Duas jovens mulheres, uma deficiente visual, outra deficiente auditiva, ambas estudantes de comunicação em diferentes anos na Universidade de Illinois. Por enquanto esses são os fatos. Uma coisa está me incomodando: a foto da vítima com o Dr. Buckland. A graduação dela não tem nada a ver com astrofísica.

— Onde a foto foi tirada, Christian?

— Boa pergunta, Sofia.

Christian começa a analisar a foto. A jovem parecia estar em um teatro da universidade. Em uma das mãos, segurava um buquê de flores e o que parecia uma espécie de troféu. Christian esforçou-se para identificar o objeto, que parecia um cilindro metálico. No computador, pesquisou “Madeleine Torres premiada”, e algumas referências apareceram, entre elas um *blog* de astrofísica que parabenizava a comunicadora por ter ganhado um troféu pela contribuição para a astrofísica com seu trabalho de auxílio à comunicação entre deficientes auditivos naquele ano.

Christian teve um *insight* e pesquisou “Sara Davis premiada”. Matérias similares apareceram mostrando-a como vencedora no ano anterior pela iniciativa de iniciar um grupo de escultores a moldar elementos que facilitavam a percepção dos deficientes visuais e assim aumentava o interesse dessa comunidade pela astrofísica. O doutor Buckland estava no centro da foto

também, ao lado dela, como responsável pela premiação acadêmica. Nessa foto, podia-se notar melhor a forma do troféu: um farol.

— Sofia, o que elas tinham em comum não era uma deficiência, mas um talento. Ambas eram grandes comunicadoras em diferentes áreas.

— Ainda falta descobrir a última vítima. Christian. Acha que ela tem isso em comum com as outras duas? — perguntou Sofia, preocupada.

— Vale a pena investigar.

Christian procurou os vencedores dos prêmios anteriores: um homem, uma senhora, um garoto... ninguém se encaixava na descrição, até que uma imagem lhe chamou a atenção. Ele pegou o controle de Robbie e ativou o robô, que estava dentro do Maverick. Em seguida, Robbie ligou para o hospital e perguntou à atendente: — A jornalista Barbara Wells está entre os internados do ataque de gás venenoso no Navy Pier?

— Um momento senhor, vou verificar... não, aparentemente não temos ninguém internado com esse nome.

Robbie ligou para a central de TV.

— Vocês sabem me dizer se a repórter Barbara Wells voltou para a estação?

A recepcionista respondeu:

— Não, ela deveria ter chegado, mas ainda não esteve aqui esta manhã. Isso é estranho, porque era dela a cobertura do ataque de gás.

— Obrigado — Robbie desligou o telefone.

— Ela pode já ter sido sequestrada, Sofia — disse Christian.

— Acha que toda aquela confusão hoje no píer foi para isso? — perguntou a menina.

— É o que vamos ver. Robbie irá até o farol. Pode ser que haja alguma pista lá.

Robbie dirigiu até a marina e só conseguiu alugar um *jet ski*, porque ainda não havia recebido seu primeiro salário. O pouco dinheiro que possuía fora deixado com ele pelas crianças, que juntaram suas economias para o caso de alguma emergência.

Já estava anoitecendo quando Robbie se dirigiu ao farol. A luz já estava

acessa, ligada automaticamente perto do anoitecer. Ele viu a lancha usada pelo Recipiente ancorada, desembarcou e sacou sua arma. Abriu a porta do farol, que estava destrancada e revelou uma estrutura de ferro. O local estava vazio e vandalizado. Ele vasculhou peça por peça, mas não havia ninguém ali. O chão era de madeira e fazia um rangido a cada passo.

— Não há ninguém ali, Christian — concluiu Sofia.

— Mas não há dúvidas de que eles foram para lá — insistiu Christian. Robbie analisava o chão enquanto pisava, como que testando a madeira. — Aí está!

— exclamou Christian segundos depois.

Robbie abaixou-se e levantou parte da madeira, que revelou uma passagem secreta. Era uma abertura fechada por uma porta de pressão. Robbie girou o volante em sentido horário, abriu-a e desceu as escadas cuidadosamente. Estava tudo escuro, apenas algumas luzes acendiam e apagavam, dando um aspecto de filme de terror.

— Estou com medo, Christian! — disse Sofia.

— Li alguma coisa sobre isto algum tempo atrás, mas sempre pensei que fosse um boato: uma passagem secreta subterrânea no farol do lago Michigan!

Robbie caminhou pelos corredores úmidos e apertados com bastante cautela. Pingos de água caíam pausadamente no corredor de ferro emitindo o som semelhante à chuva sobre uma panela vazia.

No ferro-velho, Sofia agarrava-se aos braços de Christian, enquanto ele se mantinha concentrado observando tudo com os óculos de realidade virtual.

Robbie aproximou-se de uma curva em T, tendo de escolher entre virar à esquerda ou à direita. O androide olhou para os dois lados. À esquerda, havia um longo corredor que parecia não ter fim. À direita, havia uma sala. Ele entrou na sala.

Lá dentro, havia uma espécie de trono e um tripé com uma antiga câmera de gravação. O lugar estava em situação precária. Christian reconheceu-o como o cenário do vídeo em que o Recipiente se apresentou ao mundo pela primeira vez. Havia alguns objetos aparentemente aleatórios: uma corda, provavelmente usado para amarrar as vítimas, restos de comida, pacotes abertos e um celular descartável.

— Com certeza, é o lugar onde as vítimas eram mantidas — declarou Christian.

— E quem estava ali saiu com pressa — observou Sofia.

Impressionado, Christian questionou-a:

— Como você pode afirmar isso, Sofia?

— O ponto vermelho de gravação ainda está ligado.

Christian sorriu.

— Muito bem observado.

Robbie aproximou-se da câmera e posicionou-se diante dela. Em seguida, sentou-se na cadeira e cruzou as pernas.

— O que está fazendo, Christian? — perguntou Sofia, confusa.

— Agora é só aguardar — disse ele com um ar de mistério.

De repente, o telefone que estava no chão tocou. Robbie atendeu.

— Detetive Robert Nordin, estou muito impressionado com seu trabalho até aqui! — disse uma voz evidentemente disfarçada.

Capítulo 21

A verdadeira face

— Que bom! Então não vai se impressionar quando colocar você atrás das grades quando tudo terminar — retrucou Robbie.

— Quem é esse cara, Christian? — perguntou Sofia, aterrorizada com a voz distorcida.

— Esse é o novo mistério— respondeu Christian.

— Pelo que deduzi, você já me aguardava — disse Robbie.

— Para mim, não é surpresa que você saiba disso. Mas confesso minha curiosidade: como deduziu isso?

— Não foi tão difícil — respondeu Robbie. — O Recipiente e sua assistente não me viram no pátio. Dei-lhes voz de prisão, mas como o vento era contrário, sem falar na distância, era praticamente impossível eles terem me ouvido. De qualquer forma, vieram para cá. Presumo que, como fizeram com as outras duas vítimas, ficaram neste esconderijo o tempo todo. O número de caixas e de restos de comida indicam cerca de uma semana, tempo suficiente para executar ambos os ataques. Não foi preciso limpar a sujeira, porque o tempo aqui era curto: não mais de duas semanas até todo o plano ser executado. Você não é o Recipiente, porque ele é obcecado, um megalomaniaco que pensa estar seguindo a vontade dos deuses e que será recompensado no final. Além disso, ele não teria tempo de se infiltrar na investigação, e a personalidade dele não se preocuparia com isso. Você é alguém de influência, um manipulador. O Recipiente, com suas deformações físicas, jamais conseguiria fazer esse tipo de aliança, a ponto de saber quem é o detetive que o está investigando...

A voz do outro lado do telefone interrompeu-o.

— Mas ele não trabalha sozinho! Como pode ter certeza de que não sou a garota?

— Não tenho dúvida de que você não teve contato algum com o Recipiente. Ele é um megalomaniaco e não permitiria se render a autoridade de ninguém, mas Camila Meinhof sempre teve influência sobre o Dr. Blackstone. Por que isso não continuaria em sua nova identidade?

A linha ficou muda por um instante.

— Você não para de me impressionar, detetive! O que o levou a essa conclusão? — questionou a voz distorcida no telefone.

— Aparentemente, o Dr. Blackstone foi internado por causa de um transtorno de múltipla personalidade. Foi transferido para um centro correccional para insanos após ter matado um dos funcionários da universidade em que trabalhava. Segundo algumas especulações, ele não pôde aguentar a pressão e ateou fogo a si próprio, o que fez também queimar todo o prédio. O engraçado é que todos os internos foram encontrados e reconhecidos, menos o Dr. Blackstone. Creio que as mudanças corporais foram feitas para disfarçar as queimaduras. Isso faria sentido, pois uma das personalidades do Dr. Blackstone morreu naquele dia, mas a outra sobreviveu. E não só isso: assumiu o controle total do corpo dele. Foi aí que nasceu o Recipiente. O tempo todo, mesmo antes de ele ser internado e de ter surtado, a psicóloga Camila Meinhof manipulava a personalidade de Blackstone. Desempenhando o papel de assistente, ela poderia manusear o Recipiente e fazer o que quisesse, disfarçando as intenções reais de um grupo e usando um doente mental para fazer o trabalho sujo. Ela responde a você, que se comunicava com ela por meio deste telefone descartável. A última mensagem de texto foi enviada há poucas horas e diz: “Vá agora”. Não foi difícil saber que havia alguém por trás de tudo. A câmera ligada não estava gravando, e sim transmitindo a imagem para o local onde você está. E você queria falar comigo, se não faria Camila destruir o telefone. Então, diga-me logo que mensagem está querendo passar.

Robbie pôde ouvir o som de palmas do outro lado da linha, seguido de uma gargalhada infernal e de uma declaração:

— Seja lá quem você for, conheço seu segredo.

— Do que ele está falando, Christian? — perguntou Sofia.

— Ainda não tenho certeza — respondeu Christian.

— Você é parte do meu plano. Não sei como encontrou o robô ou como o está controlando. Incrivelmente, decidiu infiltrar-se na polícia. Com tantas outras possibilidades, escolheu ser um mero detetive?

No ferro-velho, Christian e Sofia tinham os olhos arregalados, sem acreditar

no que acabaram de ouvir. Alguém sabia sobre Robbie!

— O que vamos fazer agora Christian? Ele sabe nosso segredo! — choramingou Sofia.

— Não sei do que você está falando — disse Robbie, tentando blefar.

— Pare de insultar minha inteligência! Você acredita ser o único com recursos intelectuais suficientes para descobrir sua verdadeira identidade?

— O que o leva a pensar nisso? — gritou Robbie.

— Coloquei uma pressão sobre-humana no volante da porta que abre para as escadarias, que só podia ser aliviada por controle, mas você conseguiu abri-la com uma facilidade inexplicável. Sei que existem dois robôs, e agora conheço sua localização. Meu próximo passo será descobrir quem está por trás dos controles e destruir sua vida por ter se metido comigo! Se você seguiu o Recipiente sem ter desmaiado com a fumaça, então seu colapso foi uma farsa para não comprometer sua identidade. Você não se preocupou em esconder isso de mim porque não tinha a mínima ideia de que eu poderia saber sobre os robôs.

Robbie ameaçou falar algo, mas foi interrompido:

— Não se preocupe em dar desculpas esfarrapadas. O jogo está realmente interessante. Eu sabia que iria encontrar um oponente formidável, mas não tinha a mínima ideia de que seria nesse nível. Mas vamos ver o que acontecerá de agora em diante. Ah, quase esqueci de avisar: só para ter certeza, vamos colocar minha teoria à prova.

A ligação foi encerrada, e o telefone que estava nas mãos de Robbie começou a pegar fogo. Robbie jogou-o no chão e pisou-o com raiva.

— O que ele quis dizer com “colocar à prova”? — perguntou Sofia.

Christian estava com o semblante fechado, pensativo, impressionado.

— Alguém com meu nível de inteligência lutando do lado do mal! Não consigo deixar de ficar entusiasmado com essa possibilidade.

— Christian, olhe! — gritou Sofia.

Pelo monitor, ela via através dos olhos de Robbie pelo menos vinte pessoas armadas e vestidas de ninjas saindo das sombras.

Christian ajeitou-se na sua cadeira e disse.

— Se é uma prova da minha força que você quer, então é o que você vai ter!

Robbie começou a correr cada vez com mais velocidade. As balas começaram a chover. Ele também sacou sua arma e começou a atirar no corredor era estreito, enquanto os ninjas saíam enfileirados das sombras. Robbie estava tomando tiros, mas sua armadura de titânio e ouro era extremamente resistente. Ele continuava atirando e derrubando os mascarados, que chegavam cada vez mais perto, até que se chocaram. Robbie atropelou os primeiros e lutou contra o restante, sem dar chance a nenhum deles. Nem o mais forte dos humanos poderia vencê-lo. Enquanto lutavam, um grande som podia ser ouvido do corredor oeste.

— Sofia, Robbie é a prova d'água? — perguntou Christian, afoito.

— Sim, por quê?

— Porque alguma coisa estourou, e uma onda gigante está invadindo o corredor.

Em poucos segundos, todo o lugar subterrâneo ficou inundado. Robbie caminhou sob a água até o fim do corredor, que dava para os esgotos de Chicago.

Depois que ele saiu, Christian pensou: *Espero que tenha sido prova suficiente para você, seja lá quem for!*

Capítulo 22

Reunião de equipe

No dia seguinte, era a folga de Robbie. Ele precisava, pois havia levado vários tiros, e Sofia precisa fazer alguns consertos nele. Christian, Webster e Sofia encontraram-se na casa em Englewood, mas antes que pudessem começar a conversar Chuck chegou. Eles estavam entretidos brincando com Snif. Quando olhou para trás, Webster ficou paralisado.

— Primo, o que você está fazendo aqui?!

Chuck olhou para Christian:

— Você não contou para ele? — perguntou.

Christian apenas balançou a cabeça negativamente. Chuck então explicou o que acontecera e como se tornara parte do time.

— Por que vocês não me contaram? — indagou Webster.

— Não queria que você perdesse o foco. Sua missão ontem foi muito importante. Além disso, estávamos um pouco ocupados com alguém tentando nos matar.

— Que missão? — perguntou Sofia.

Chuck e Webster, espantados, perguntaram quase ao mesmo tempo:

— Alguém tentou matar vocês?

— Calma, eu explico! Não eu e Sofia, mas Robbie. Seguimos o Recipiente e Camila até o farol e descobrimos uma passagem secreta. Só que tinha mais ninguém lá, apenas uma câmera ligada, um celular descartável, alguns objetos aleatórios e restos de comida. Sem dúvida, foi o lugar onde o Recipiente gravou aquela mensagem que foi televisionada. Aparentemente, estávamos sendo aguardados, porque a câmera ligada não estava gravando, e sim transmitindo a imagem para algum lugar. Recebemos uma ligação de um celular descartável, e a maior surpresa foi que a voz do outro lado sabia que Robbie era um robô.

— O quê?! Como assim? — perguntaram Webster e Chuck em sequência.

— Ainda não sei como ele sabia de Robbie ou quem ele é. Por isso, preciso saber o que cada um de vocês descobriu ontem.

Webster olhou para o primo e disse:

— Você primeiro. O que tenho para falar é bombástico.

— Duvido que seja mais bombástico que minha informação — respondeu Chuck em atitude competitiva. Mas vamos lá. Eu começo. O Dr. Buckland estava com bastante medo de revelar qualquer coisa. Toda a nossa conversa teve de ser extraoficial, porque aparentemente ele e seu pai cometeram um crime.

Christian estranhou aquela frase, porque tinha o pai em um pedestal. Era difícil associar o nome de seu pai com algum ato ilegal.

— Robbie não foi uma criação de seu pai, mas uma descoberta arqueológica feita por eles na expedição ao México. Eles seguiram um mapa descoberto na Pedra do Sol asteca e encontraram Robbie. Uma das coisas que mais me surpreendeu foi que não havia apenas um robô, mas dois.

Sofia, que estava trabalhando no conserto de Robbie virou sua cabeça imediatamente, para saber mais.

— Dois robôs! Isso é interessante — disse Christian.

— O crime foi que eles nunca anunciaram a descoberta, mas esconderam os robôs e os trouxeram ilegalmente para Chicago. Todo o desentendimento deles aconteceu por uma discussão ética sobre o que fazer com os robôs. O Dr. Blackstone teve um surto emocional e tentou matar seu pai. Um dos funcionários tentou impedi-lo e foi morto a facadas por ele, o que o levou a ser condenado a receber tratamento em Garfield.

— E sobre Camila Meinhof, conseguiu descobrir alguma conexão? — perguntou Christian.

— Ela era aparentemente muito fiel a Damon Blackstone e culpou seu pai. O Dr. Buckland disse-me que seu pai lhe contou que ela estava ligando para fazer ameaças a ele e à sua família.

No mesmo instante, Christian lembrou-se das vezes em que o pai parecia discutir com alguém no telefone, inclusive na noite em que morreu.

— Ela pode ter sabotado os freios do nosso carro naquela noite — declarou.

— O Dr. Buckland disse não ter mais contato com ela. Aparentemente, ele não sabe de nada.

— Eu não teria tanta certeza — comentou Webster. — Ontem segui o prefeito até uma reunião com um pessoal bem esquisito. Ele os chamava de “irmãos do fogo”. Parece que esses bilionários acreditam mesmo que um cometa irá cair em Chicago. Falavam de reconstrução e proteção para os investidores e suas famílias. Entre eles, estava o Dr. Buckland.

— Você tem algo gravado, Webster? — perguntou Christian.

— Sim, gravei tudo.

Ele entregou a gravação a Christian, que começou a assistir ao vídeo da reunião e viu o Dr. Buckland segurando o *tablet*. A voz distorcida que saía do aparelho parecia a mesma da ligação, e a conversa sobre a distração das autoridades era compatível com o que estava acontecendo.

— O Recipiente nada mais é do que uma marionete. O verdadeiro inimigo é quem está por trás dessa voz — concluiu Christian. Ele também compartilhou sua suspeita de que o Dr. Blackstone seria a verdadeira identidade do Recipiente.

— Mesmo ele sendo uma simples marionete, o problema continua — disse Chuck. Afinal, temos a suspeita de alguma atividade no mínimo estranha desse grupo, mas nenhum crime, nenhuma prova de que eles estão por trás do Recipiente. Já os assassinatos e sequestros são reais, e, se a próxima vítima for realmente a repórter Barbara Wells, então isso causará grande terror na cidade, pela notoriedade dela.

— Você tem razão — concordou Webster. — Precisamos encontrá-la antes que seja tarde.

— Existe alguma base para desconfiar que realmente um cometa cairá na terra? — perguntou Sofia.

— Andei pesquisando sobre isso — respondeu Webster. — Alguns conspiracionistas afirmam isso, mas ninguém da comunidade científica confirma essa suspeita. Os conspiracionistas dizem que existe um plano para encobrir a história, a fim de não causar pânico na sociedade. Eles até tentaram organizar um protesto dias atrás, mas quase ninguém apareceu. O movimento não é levado muito a sério.

— E o que vamos fazer a respeito dessa organização? O que impede seu líder de nos entregar para a polícia? — perguntou Sofia.

— Essa voz (vamos chamá-la de Topege) sabia sobre Robbie — disse Christian. — Para Topege, isso é um jogo agora. Estamos correndo contra o tempo. Não é interessante para ele desmascarar Robbie, porque o governo se apoderaria dele, e, ao que tudo indica, Topege tem planos para Robbie.

— Então precisamos vencer o jogo antes que ele o vença, sem esquecer que pelo menos uma vida inocente está correndo perigo — acrescentou Chuck.

— O verdadeiro jogo começa agora: uma guerra mental, para ver quem descobrirá o outro primeiro.

Capítulo 23

Cativeiro

Barbara Wells acordou com o corpo todo dolorido. Estava amarrada e amordaçada a uma pilastra em uma sala malcheirosa de paredes arredondadas. A repórter podia ouvir o som de água corrente passando por perto, mas seus pensamentos estavam confusos. Não conseguia lembrar muito bem do que havia acontecido e demorou alguns instantes para perceber que estava sendo mantida ali contra sua vontade. Ela se desesperou. Tomada de pavor, tentava gritar, mas a mordaca impedia que o som saísse de sua boca. O barulho da água também não ajudava. Percebendo que ninguém poderia ajudá-la, foi dominada por um sentimento intenso de depressão e desesperança.

Enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto, pensou: *Como vim parar aqui?* Lembrava-se de ter acordado de manhã e de ter recebido uma mensagem a caminho do trabalho sobre a descoberta de um segundo corpo referente ao caso do dragão asteca, nome que ela mesma havia criado e do qual tinha muito orgulho. Não teve dificuldades para lembrar da cena do crime e de como usara seus recursos para cruzar a fita de isolamento. Lembrava-se também do encontro com um detetive novo na cidade, por quem sentira instantaneamente uma grande atração, porque era um homem alto, frio, seguro de si e, o mais importante, diferentemente dos outros homens não demonstrava ter sido intimidado por ela.

Será que ele é casado? , pensou, tentando lembrar se tinha visto uma aliança no dedo anelar da mão esquerda do detetive. Mas logo caiu em si e chacoalhou a cabeça para se livrar daquele pensamento. *Não é hora de pensar nisso. Preciso sair daqui. Pense, Barbara, pense! Por exemplo. onde estou?*

Ela observou a arquitetura e a pouca iluminação do lugar. Essas informações, somadas ao cheiro insuportável e ao barulho de água corrente, levaram-na a uma conclusão:

— Eu estou no esgoto da cidade!

Olhou em volta à procura de um objeto que pudesse usar para cortar as cordas, mas não encontrou nada. Bateu os pés de raiva e frustração e foi quando um dos tijolos se moveu quase que imperceptivelmente. Em qualquer outra

situação, Barbara não teria percebido, mas naquele momento seus sentidos de sobrevivência estavam à flor da pele.

Batendo os pés com mais força, confirmou que o tijolo estava realmente solto e, usando um dos pés, apertou um dos cantos com a ponta dos dedos, para que o outro lado se levantasse. Quando isso aconteceu, ela usou o pé esquerdo para alavancar o tijolo. Com dificuldade e após algumas tentativas, conseguiu retirá-lo. Então puxou-o com ambos os pés para perto de si e se virou para trás, uma área totalmente escura, deixando as mãos na direção do tijolo. Tateando apressadamente o chão, ela conseguiu encontrá-lo, e foi tomada por um estranho sentimento de prazer. Virando-se outra vez, de modo a poder vigiar a entrada, caso alguém aparecesse, ela começou a esfregar a corda com o tijolo.

— Rápido, Barbara, rápido!

Ela sentiu algo gelado lhe tocar a mão. A frieza do toque retirando o tijolo da mão dela pareceu lhe congelar os nervos e o coração. O corpo tremia, e ela não conseguia se mover. Então, uma figura começou a surgir das sombras. Caminhava devagar, quase em câmera lenta. Uma capa negra lhe cobria o corpo, e a iluminação fraca deixava a figura ainda mais tenebrosa.

O homem sob a capa foi se virando devagar até ficar frente a frente com Barbara. Ele se abaixou até a altura dela. Tinha os olhos amarelos cintilantes onde deveriam ser brancos. As pálpebras eram pequenas e negras, e a boca entreaberta revelava dentes pontiagudos. Todo o rosto negro era tatuado com escamas, que escondiam um pouco as cicatrizes de queimadura. O Recipiente estava diante dela!

Plaft! Ele deu um tapa no rosto dela com as costas da mão. O golpe arrancou-lhe um pouco de sangue da boca. A mão que a estapeara agora segurava firmemente o pescoço de Barbara, sufocando-a devagar.

O terror não lhe permitiu outra reação senão o choro soluçado enquanto desviava os olhos, porque a figura do Recipiente era assustadora demais para encarar. Aos poucos, a vida a estava deixando. Com os olhos fitando o chão Barbara, pôde ver pernas femininas aproximando-se por detrás. Olhou-a de baixo para cima e viu uma bela mulher, mais ou menos 1,65 metro de altura. Os saltos do sapato acrescentavam-lhe outros 5 centímetros. Os cabelos eram longos e loiros platinados, quase brancos, olhos não tinham muita expressão e

o semblante era sério.

A mulher era Camila Meinhof, que tocou no ombro do Recipiente e falou com uma voz baixa, doce e delicada:

— Mestre, ainda precisamos dela.

Ele a soltou imediatamente. Barbara tossiu, recuperando o ar, e sentiu-se agradecida à mulher que acabará de lhe salvar a vida, mesmo sendo uma das responsáveis pelo seu cativeiro.

— Não tente fazer isso de novo, Barbara! — ameaçou Camila.

O recipiente ainda estava bem perto do rosto de Barbara respirando forte e ofegante como efeito da adrenalina e do ódio. Ele a encarava, e ela tentava desviar o rosto quanto podia, mas ainda assim não conseguia fugir do terrível cheiro que emanava das narinas do Recipiente. Devagar, ele se levantou. O corpo encurvado deixava-o mais baixo que Camila. Ficou ao lado dela, mas sem tirar os olhos de Barbara. Camila massageou-lhe as costas para acalmá-lo.

— Tudo tem seu tempo, mestre. Precisamos seguir o rito. Os deuses não aceitariam um sacrifício que não estivesse de acordo com o que pede a profecia.

O Recipiente afastou-se e começou a caminhar em círculos.

— Você tem razão. Certifique-se de que não tem outra maneira de ela escapar, Camila. Fiquei alterado com o fato de quase termos sido descobertos. Ainda preciso refletir sobre como fomos seguidos até o farol. Estarei em meus aposentos.

— Sim, mestre — disse Camila enquanto apertava ainda mais os nós das cordas que prendiam as mãos de Barbara.

O Recipiente saiu devagar pela entrada e seguiu pelo corredor até outra parte do esgoto. Barbara sentiu um alívio nos punhos e sentiu a mão formigar quando a circulação voltou ao normal. Camila Meinhof falou-lhe bem baixinho ao ouvido.

— Você precisa me ajudar! Minha vida está em perigo!

Capítulo 24

O resultado das digitais

Na tarde daquele dia, Robbie recebe uma ligação do laboratório da polícia investigativa.

— Boa tarde, detetive Robert! As análises do sangue e da digital que o senhor pediu estão prontas.

— Certo. E quais foram os resultados?

— O sangue é animal. Para ser mais específico, sangue de galinha.

Chuck alterou as amostras enviadas ao laboratório, não há surpresa nenhuma aí, pensou Christian.

— E as digitais, conseguiu uma identificação? — perguntou Robbie.

— Sim, encontramos uma combinação perfeita. Você não sabe mesmo de quem elas são, detetive? — perguntou a analista do outro lado da linha.

— Não. De quem?

— São suas. Essas amostras fazem parte de alguma investigação, detetive?

Christian estava surpreso e confuso ao mesmo tempo.

— Detetive, você está aí?

Caindo, em si Robbie respondeu:

— Sim estou. E não, elas não fazem parte de investigação nenhuma. Era só uma desconfiança. Pensei que alguém havia invadido minha casa, mas parece que eu estava equivocado. De qualquer forma, obrigado! — E desligou o telefone.

No ferro-velho, estavam todos reunidos. Christian ficou em silêncio alguns instantes, decepcionado. Todos se aproximaram dele.

— Pensei que poderia ter sido meu pai, mas me enganei. Ele realmente está morto!

— Calma, Christian! — interveio Chuck. — Isso tudo ainda está bem confuso. Vamos tentar imaginar o que pode ter acontecido.

— Parece que alguém controlou Robbie para se esconder na sua garagem —

disse Sofia. — Já havia um compartimento pronto lá dentro, e isso quer dizer que seu pai pode ter colocado ele lá.

Webster olhou admirado para ela e exclamou:

— Uau! Você está realmente ficando boa nisso, Sofia.

Ela sorriu e continuou:

— Mais tudo isso são ótimas notícias, prova de que alguém queria que você encontrasse Robbie. E, como sua casa foi invadida pelo próprio Robbie, você e sua mãe não estão em perigo. Não precisa mais se preocupar.

Christian refletiu, limpou as lágrimas e declarou:

— Você tem toda razão, Sofia. Ninguém além do meu pai sabia a localização de Robbie. Meu pai pode tê-lo enviado para que eu o descobrisse.

Webster acrescentou:

— Eu não via importância nenhuma nisso até agora, mas você pode estar certo, Christian. Robbie tinha uma programação básica pré-instalada para caminhar e fazer certos movimentos com as mãos. Tinha também um sistema de GPS com o endereço da sua casa.

— Então ele pode ter sido programado para chegar até minha casa? — perguntou Christian.

— Sim, as coordenadas do GPS provam isso — respondeu Webster.

Christian animou-se:

— Se meu pai fez isso, então ele deve estar escondido em algum lugar. Sua aparição poderia colocar a vida dele ou a nossa em risco, por isso enviou Robbie. Ele quer que eu o encontre! Webster, você consegue descobrir qual foi o ponto de partida do GPS?

— Sim, é moleza. — Webster digitou alguns códigos que abriram a programação de Robbie. Em seguida, reverteu os passos do robô e conseguiu em poucos instantes o local da programação. — O endereço está invisível, mas consigo fazer com que Robbie vá até lá. Tudo que precisamos fazer é acompanhá-lo, e então saberemos de onde ele veio.

— Não quero simplesmente acompanhá-lo, quero ir segui-lo — disse Christian. Se meu pai realmente estiver nesse local, quero reencontrá-lo!

— Tudo bem, Christian — concordou Sofia. — Mas você não vai sozinho. A gente vai com você, não é mesmo, Chuck?

— Pode mesmo ser perigoso, se não é seu pai quem está lá. Você vai precisar de um adulto com você — acrescentou Chuck.

— Muito bem, então. Webster, programe Robbie para voltar ao endereço de onde ele veio — ordenou Christian.

Webster obedeceu, e imediatamente Robbie se levantou e começou a caminhar. Christian, Sofia, Webster, Chuck e Snif saíram atrás dele, seguindo-o quarteirão após quarteirão. Robbie era incansável, mas eles não. Após duas horas e meia de caminhada, estavam todos exaustos. Por fim, Robbie entrou no Shedd Aquarium. Todos se entreolharam e correram para não perder o robô de vista.

O Shedd Aquarium é um ponto turístico famoso da cidade de Chicago, considerado o maior aquário *indoor* do mundo, com mais de 19 milhões de litros de água e cerca de 1.500 espécies de animais aquáticos. A construção por si só é um monumento histórico, datado de 1930. O aquário recebe mais de 2 milhões de visitantes por ano.

Robbie caminhava despretensiosamente entre os visitantes entretidos com as belezas preservadas ali. O grupo seguia-o de perto, e ele os conduziu por um túnel de vidro com tubarões e arraias passando por cima e depois até o oceanário, do lado de fora. Ali havia um jardim com muitas árvores. Robbie entrou no jardim e desapareceu entre as árvores.

— Rápido, estamos perdendo ele de vista! — disse Christian acelerando a cadeira de rodas.

Todos correram, mas não conseguiram encontrar Robbie. Webster ativou o controle remoto, mas teve uma surpresa: algo estava anulando o sinal do robô.

— Tem alguma coisa errada! — informou.

— O que poderia ser? — perguntou Chuck.

— Ainda não sei — respondeu Webster.

Snif começou a latir e a balançar o rabo enquanto apontava para um arbusto perto de uma árvore. Christian começou a prestar atenção nos movimentos do cachorro.

— Não pode ser! — exclamou.

— O que foi? — perguntou Sofia.

— O Snif fala em código morse!

Chuck começou a observar o cão e concordou, impressionado:

— É mesmo! Ele está dizendo “aqui”.

— Fantástico! — disse Webster.

Christian aproximou-se do arbusto e o começou a examiná-lo até tocar um galho que não era feito de madeira, e sim de metal disfarçado. Ao puxá-lo, o arbusto abriu-se e revelou uma rampa que levava até uma sala secreta.

Todos se entre olharam e sorriram. Depois entraram um após o outro, descendo a rampa.

Capítulo 25

Legado

As luzes foram se acendendo no corredor conforme eles progrediam, até que chegaram a uma sala cheia de controles e de computadores. Parecia uma oficina mecânica misturada com um laboratório. Vários estudos sobre Robbie cobriam as paredes. E o robô estava ali, parado e sozinho. Christian fica boquiaberto.

À entrada, um escâner leu cada um deles, e imediatamente fios de luz vermelha apareceram apontando para a testa de todos os membros do grupo, menos Christian. Uma das telas acendeu, e surgiu a imagem do Dr. Peter Abrams.

— Christian, esta sala foi desenhada para protegê-lo. Os escâneres detectaram três outras pessoas com você. Se estiver em perigo, pisque três vezes, e eles serão eliminados. Caso contrário, daqui a trinta segundos todos estarão liberados — disse a voz do pai de Christian saindo dos monitores.

Todos ficaram paralisados, imóveis como estátuas e suando frio, enquanto os segundos finais se passavam.

— Não importa o que aconteça, não pisque, Christian — pediu Chuck.

— Pare de falar! Não poder fazer algo me faz ter vontade de fazer — respondeu Christian baixinho, com a boca cerrada.

Os últimos segundos passaram-se ainda mais devagar. Três. Dois. Um.

— Ufa! Estamos a salvos! — suspirou Webster apoiando-se nos joelhos.

Da tela, o Dr. Abrams falou:

— Christian, se você está assistindo a esta mensagem quer dizer que você está a salvo e que já conheceu o robô que preparei para você. Isso também quer que não estou mais vivo.

Lágrimas teimosas escorreram pelo rosto triste de Christian. Seu coração estava partido por finalmente descobrir a verdade sobre o pai. Sofia pôs a mão no ombro do menino para que ele soubesse que não estava sozinho.

— Preparei você a vida toda para que seu incrível talento investigativo florescesse. O talento da curiosidade é peculiar a todos os gênios, e você o

tem, filho, por isso preparei esse robô que descobri em uma expedição arqueológica. Ele o ajudará a superar seus limites.

— O Dr. Buckland parecia estar falando a verdade — sussurrou Chuck para Webster.

— Sei que você saberá usá-lo para o bem, mas esse não é o único robô, filho. O outro está nas mãos de um cientista maluco, que a razão de eu estar escondendo todo este projeto: o Dr. Blackstone. Sinto que minha vida está em risco por causa da ambição desse homem. Ele tem um protótipo da mesma origem do seu robô e quer usá-los em benefício próprio. O Dr. Blackstone era um colega da universidade, mas temo que tenha sido influenciado pela sua assistente, Camila Meinhof. Ela está envolvida com um grupo chamado Sárkány. São bilionários com uma agenda de exploração fóssil de petróleo, e eles descobriram que a maior reserva de petróleo do mundo fica justamente debaixo da cidade de Chicago, mas toda a parte sul da cidade está comprometendo os planos deles. Por vêm investindo na criminalidade nessas áreas a fim de criar uma revolta popular e diminuir o valor das propriedades. Não conheço todas as suas intenções, mas sei que o plano final é fazer de toda parte sul de Chicago um campo de exploração petrolífera e que Blackstone quer vender os robôs ao grupo para que eles possam produzi-los em massa e substituir a mão de obra humana em seus empreendimentos. A única coisa que está impedindo de isso acontecer é que ninguém além de mim consegue fazer os robôs funcionarem. Damon Blackstone está furioso comigo, porque não quero ter parte nenhuma em seus planos. O robô que está com ele é inútil sem mim, e estou trabalhando secretamente para que o robô em minha posse seja submisso a você.

A mensagem continuou:

— Mas temo que eu esteja em real perigo, por isso desenhei este protocolo, de modo que, se algo acontecesse comigo, após um período de tempo sem que eu acessasse este laboratório e acontecimentos específicos noticiados, o robô estaria programado para chegar até você. Sei que sua perspectiva detalhista o descobriria sem que ninguém mais tivesse acesso a essa informação. Fico feliz de ter sido trazido a mim pela última vez. Este local é meu legado a você. Deixei tudo pronto para que você aprenda a programar e usar o robô, mas não permita que ele caia em mãos erradas e tenho um ultimo pedido: destrua o

robô remanescente. Filho, você tem todas as armas para ter sucesso nesse empreendimento. Cuide bem da sua mãe. Eu te amo muito!

A mensagem foi encerrada. Christian estava muito abatido, mas contente por ter visto o pai mais uma vez. Ele também se sentiu honrado pela confiança que o pai depositava nele. Após enxugar as lágrimas, olhou para sua equipe, e percebeu que todos estavam ali para apoiá-lo. Ninguém precisou dizer uma palavra para que aquilo ficasse claro.

— Creio que já temos informações suficientes para criar as relações entre todos os acontecimentos — disse Christian. — Precisamos encontrar o Recipiente e pará-lo de vez. Também temos de descobrir onde está o outro robô e destruí-lo.

— Essas são nossas ações imediatas, mas quanto aos Sárkány? — perguntou Chuck.

— Se tudo isso está interligado, vamos descobrir como pará-los — afirmou Christian.

Sofia e Webster estavam coletando o máximo de informações possíveis sobre Robbie. O Dr. Abrams havia feito um progresso enorme no estudo do robô.

— O que seu pai nos deixou vai revolucionar a maneira em que usamos Robbie, Christian — comentou Webster.

— Temos muito trabalho a fazer — acrescentou Christian. — Mas já está ficando tarde, e parece que Snif encontrou outra saída por ali.

Eles seguiram o cão, e cada um foi para sua casa.

Capítulo 26

Intimidade demais

Christian chegou em casa e teve desgosto de deparar com o patrulheiro Murphy sentado no sofá assistindo à televisão com sua mãe. Tinha os pés sobre a mesa de centro e o controle remoto na mão.

— E aí? — cumprimentou-os friamente.

— Boa noite, menino! — respondeu o patrulheiro.

Christian já havia decidido não se opor à sua mãe, porque não queria vê-la sofrer. A descoberta da morte do pai também tirou de seu coração o sentimento de que ela estivesse de alguma forma sendo infiel.

A Sra. Abrams levantou-se assim que Christian passou, pulou sobre as pernas de Patrick Murphy e foi atrás do filho. Segurando a cadeira de rodas, ficou de frente para ele. Christian estava em lágrimas. Ela o abraçou e perguntou: — O que aconteceu, filho?

Ele sabia que não poderia contar nada do que havia descoberto, até porque, de tão preocupada, ela nunca o deixaria seguir em frente com o estilo de vida que ele havia iniciado.

— Acho que hoje aceitei que o papai morreu, mãe.

Ela acariciou o rosto dele e perguntou:

— Por que isso agora, Christian? Você está se sentindo assim por causa de Murphy?

Ele balançou a cabeça negativamente e fechou um pouco a cara.

— Não. Só acho que, se o papai estivesse vivo, ele já teria entrado em contato conosco. Ele não ficaria tanto tempo desaparecido sem dar notícias.

— Eu sei, filho. Foi o que sempre tentei lhe falar. Ele o amava muito para ficar longe tanto tempo. Mas não se preocupe, viu? Ninguém jamais tomará o lugar de seu pai, nem no seu coração nem no meu.

Ela abraçou fortemente o filho. Murphy, na sala, fingia que não estava acontecendo nenhum momento embaraçoso no corredor e trocava de canal procurando algo interessante para assistir. *É melhor eu ficar na minha ,*

pensou. Meu lema é não procurar chifre em cabeça de cavalo. Entrar em problemas com o filho da dona não vai me ajudar a ganhar pontos com ela. Nada aqui. Nada aqui também. Programa chato de cozinha... olha só: Goodwin dando entrevista!

Ainda abraçado à mãe, a voz do detetive Goodwin no canal de notícias chamou a atenção de Christian. O patrulheiro Murphy mudou de canal, à procura de algo que o interessasse, porém o menino largou a mãe e rumou apressado para a sala, fixado na TV, e pediu, afoito: — Volte para aquele canal de notícias.

Murphy apontou o controle para a televisão e retornou ao canal. O detetive Goodwin dava uma entrevista a uma repórter.

— A jornalista Barbara Wells foi encontrada apenas com ferimentos leves. Nada sério. Ela estava bastante abalada emocionalmente, mas vai ficar bem.

— Ela disse onde estava? — perguntou a repórter.

Christian tinha os olhos vidrados na TV, enquanto Murphy olhava para ele com estranheza.

— Ainda não podemos discutir esses detalhes, para não comprometer a investigação — respondeu Goodwin. — Assim que tivermos autorização, eles serão revelados ao público.

— Ela foi sequestrada pelo Recipiente. Isso quer dizer que o perigo acabou? — perguntou a repórter.

— Sugerimos ao público que ainda se mantenha alerta — respondeu o policial. — As mulheres não devem sair sozinhas e evitar sair à noite. Afinal, ainda não fizemos nenhuma prisão.

Murphy estava encarando Christian, sem entender o interesse do garoto na notícia. Quando Christian percebeu a curiosidade dele, disfarçou, deu meia-volta e foi para seu quarto depois de dizer ao patrulheiro: — Pensei que fosse sobre outro assunto.

Ele se trancou no quarto e começou a refletir. Uma vítima que havia escapado parecia ser bastante relevante, ela poderia ter informações preciosas sobre o paradeiro do Recipiente. De repente, o telefone de Robbie tocou. Era Grace. Christian não podia atender. As paredes da sua casa não barravam o som tão

bem assim. Então teve uma ideia: mandar uma mensagem de texto:
Não posso atender agora. Está tudo bem?

Grace respondeu também por texto:

Está sim. A vítima disse que só vai falar com você.

Por que só com Robbie? pensou Christian.

Hoje à noite ela vai fazer exame de corpo de delito. Amanhã cedinho, encontre-me na sala de interrogatório. Boa noite.

No outro dia pela manhã, Christian preparou-se para ser levado à casa de Sofia e na cozinha encontrou o patrulheiro Murphy uniformizado tomando café. Christian não suportava o jeito do patrulheiro, mas pouco podia fazer sobre o assunto. Resignado, começou a comer seu cereal.

— Filho, preciso sair mais cedo hoje. Então Patrick levará você à casa de Sofia hoje, ok?

Que saco! pensou o menino, mas concordou balançando a cabeça.

— Estou muito feliz filho por você estar fazendo novas amizades, filho! Você parece se divertir bastante nas férias.

— E eu estou, mãe — respondeu ele com a boca cheia.

Assim que terminou de comer, Patrick levantou-se, ajeitou o cinto e ordenou:

— Vamos lá, garoto! Sua namorada está esperando.

Christian deu uma risada amarela. Na viatura, o patrulheiro tentava puxar conversa, mas Christian não facilitava as coisas.

— Quer ligar a sirene?

— Não, obrigado.

— Pensei que você quisesse ser policial.

— Acho que mudei de ideia.

— É mesmo? O que quer ser agora?

Agora? Queria ser surdo , pensou Christian.

— Ainda não sei — respondeu.

O patrulheiro ligou o rádio em uma estação de *rock* , e os dois ficaram em silêncio até chegar ao ferro-velho.

Christian agradeceu Murphy pela carona e entrou no ferro-velho. Papa Johnson perguntou:

— Quem é esse sujeito?

— Candidato a meu padrasto, aparentemente.

Capítulo 27

A volta de Barbara

Sofia veio ao encontro de Christian e deu-lhe um grande abraço.

— Vamos logo, que temos muita coisa para fazer — disse ela, empurrando a cadeira de rodas rapidamente em ziguezague. Quando chegaram ao esconderijo, não havia ninguém lá.

— Cadê todo mundo? — perguntou Christian.

— Chuck está na rua investigando, e Webster deve chegar logo. Ele ficou a noite toda analisando o laboratório do seu pai. Vamos deixar Robbie superforte com os estudos do seu pai. Ele fez praticamente todo o trabalho, agora é só aplicar.

— Legal! Preciso levar Robbie para a delegacia. Parece que a Barbara escapou, mas só quer falar com a gente.

— Eu falei que ela gostou de Robbie — disse Sofia sorrindo. — Conheço as garotas.

Christian conduziu Robbie até a delegacia. Grace estava esperando na porta.

— Bom dia, Grace! Está melhor? — perguntou Robbie.

Ela parecia um pouco irritada.

— Estou, sim. Eles nos deram uma vacina contra o veneno. E você, já tomou a sua?

— Er... sim. Já estou bem. Consegui me afastar um pouco da fumaça, então acho que não inalei tanto.

— Barbara está sendo uma “princesa”, causando problemas como sempre. Ela disse que só fala com você.

Os dois entraram na delegacia e foram para a sala de interrogatório. Goodwin e Travis lançaram suas farpas ao vê-los passar.

— Está ficando popular com as garotas da cidade, não é, forasteiro?

— Nós a encontramos perto de um bueiro ao receber uma chamada. Ela disse que fora mantida prisioneira no esgoto da cidade. Já mandamos uma equipe

para investigar — disse o detetive Goodwin, agora sério.

— Mas foi só isso que ela falou. Disse que só vai contar o resto para você — completou Travis.

Robbie entrou sozinho na sala. De rosto abatido, ela estava tomando uma xícara de café.

— Como vai, Barbara? Falaram-me que você quer me contar algo.

Quando ela o viu, tentou arrumar um pouco o cabelo e ajeitar a pose.

— Detetive bonito! Pensei que seria você quem me salvaria daquele lugar horrível — ela tentou brincar.

— O importante é que você está a salvo. O que aconteceu? E por que só queria falar comigo?

— Você é novo aqui. Não confio muito nos outros investigadores. Além disso, senti algo especial em você. Parece ser alguém honesto, dedicado. De qualquer forma, não me lembro bem do que aconteceu depois que conversamos. Acordei não sei quanto tempo depois amarrada a uma pilastra no esgoto da cidade. Eu o vi, detetive, o Recipiente. Ele é assustador e teria me matado, se uma mulher que estava com ele não o tivesse convencido a me deixar viver.

— E por que ela fez isso?

— Ela queria me ajudar. Na verdade, ela precisava de mim. Quando ficamos sozinhas, ela me revelou que ele a está mantendo contra a vontade. Ela tem medo dele, muito medo mesmo. Então ela deixou as cordas frouxas, e consegui escapar. Saí correndo sem olhar para trás até encontrar uma escada que levava à tampa de um bueiro. Quando saí, um construtor me reconheceu e chamou a polícia.

— Quem era essa mulher? como ela era? — perguntou Robbie.

— O nome dela é Camila Meinhof.

— O que mais ela lhe contou?

— Que ele não iria desistir do seu propósito. Ele acredita que um cometa irá cair aqui em Chicago e que depois da catástrofe ele será reconhecido como o líder supremo do novo mundo.

— Você conseguiu entender o motivo da obsessão dele?

— Não conversei com ele. Só o vi por alguns instantes, mas Camila queria que eu contasse a versão dela. Disse-me que o conheceu quando ele ainda era professor de arqueologia e que estava apaixonada por ele. Mas ele teve um surto psicótico e foi internado. O hospital foi incendiado, e ele foi dado como morto, mas sobreviveu, fugiu e a procurou. Ele tinha muitas queimaduras, mas se negava a procurar um hospital, então ela cuidou dele. Sua personalidade estava transformada, ele agora estava obcecado pela profecia asteca que diz que o mundo como conhecemos irá acabar por causa de um cometa e que os sobreviventes serão liderados pelo sacerdote mais fiel aos deuses astecas. Como prova sua fidelidade, eram requeridos três sacrifícios.

— Já sabíamos de tudo isso — comentou Sofia, que, olhando para trás, viu Webster chegar.

Ele se sentou e perguntou, enquanto tirava a mochila:

— O que eu perdi?

— Por enquanto, nada. Barbara está dizendo que Camila quer que ela conte sua história ao mundo — disse Christian.

Barbara continuou:

— Quando ela tentou discordar dele, Blackstone ficou violento, o que a deixou com medo. Ele assumiu a identidade do Recipiente depois de fazer modificações corporais e começou a pôr seu plano em prática, com o apoio de um grupo chamado Círculo de Dragões, por intermédio de seu colega de trabalho, o Dr. Francis Buckland. Blackstone obrigou-a a cometer vários crimes sob a ameaça de que, se ela o deixasse, ele mataria o filho dela. Camila ajudou-me a fugir para que eu buscasse ajuda e tentasse provar sua inocência.

— Camila tem um filho? — perguntou Christian.

Webster fez uma pesquisa e não encontrou nada.

— Não há registro nenhum de filho na Internet. Acha que ela está blefando?

— Ainda não tenho informações suficientes para saber — respondeu Christian

— Barbara, você tem alguma informação que nos faça chegar até eles?

— Ela me entregou esta foto — respondeu Barbara, entregando uma fotografia antiga que mostrava Camila segurando um bebê.

— Obrigado! Sugiro que você não divulgue por enquanto nada além do fato de ter conseguido fugir. Não sabemos quão seguras são as outras informações, e a divulgação delas poderia comprometer toda a investigação. Até isso acabar, vou colocar um policial 24 horas com você.

— Certo. Mas se algo acontecer com ela, eu prometi contar sua história — lembrou Barbara.

Robbie saiu da sala, e o chefe Murry estava do lado de fora esperando com Grace, Travis e Goodwin. Robbie contou tudo a eles e pediu que o chefe Murry designasse um policial para proteger a jornalista. Murphy passava despercebido por ali naquele momento, comendo um *donut* e assoviando. Robbie pegou-o pelo braço, puxou-o para dentro do círculo e sugeriu:

— Que tal o patrulheiro Murphy? Ele com certeza fará um ótimo trabalho.

O chefe Murry concordou:

— Murphy, a partir de agora quero você 24 horas com a Srta. Barbara Wells, até o fim desta investigação. Se algo de mal acontecer com ela, é sua cabeça que vai rolar.

— S-sim, senhor! — respondeu Murphy olhando com raiva para Robbie, que sorria maliciosamente.

Do outro lado, Christian não se aguentava de rir.

— Por que a implicância com esse policial, Chris? — quis saber Sofia.

— Ele está com muito tempo livre, inclusive para cantar minha mãe. Só quero ajudá-lo a ser mais produtivo.

Capítulo 28

Investigando o Dr. Buckland

Robbie e Grace analisavam a foto de Camila com o bebê, que deveria ter uns 2 anos de idade. Era mulato e poderia muito bem ser filho de Camila e Damon Blackstone, mas não havia como ter certeza. Christian aproximou a câmera dando um *zoom* no rosto do bebê.

— É estranho, parece que o conheço — comentou Christian.

— Ele também não me é estranho — afirmou Sofia.

Webster chegou bem perto para examinar melhor a fotografia.

— Agora que vocês perceberam, também acho que o conheço. Será que o rosto dele é tão comum assim?

Depois de uma introspecção, Christian exclamou:

— Nós três o conhecemos, sim! É Allan Buckland, da nossa sala!

Webster e Sofia ficaram eufóricos.

— É mesmo, Christian! Como não percebi? — disse a menina.

— Faz todo sentido. Ele é filho adotivo do Dr. Buckland, mas por que ele adotou a criança de seus amigos? — estranhou Webster.

— Boa pergunta, Webster. Mas só um dos envolvidos poderá nos responder. Preciso dar um jeito de chamar o Dr. Buckland para ser interrogado. Vamos ver o que ele tem a dizer sobre isso.

— Só não entendi uma coisa. — disse Sofia.

— Por que o próprio pai estaria usando a vida do filho para chantagear a mãe?

Horas depois o Dr. Buckland estava na sala de interrogatório diante dos detetives Robbie e Grace. Ele não reconheceu o robô, pois só o tinha visto em sua forma metálica.

— Como vai, Dr. Francis Buckland? — Robbie cumprimentou-o.

— Por que fui chamado aqui? — perguntou o cientista, nervoso.

Grace informou-o do testemunho de Barbara e da informação, passada por Camila, de que ele apresentara o Recipiente ao Círculo de Dragões.

— Isso é uma teoria conspiratória, sem fatos ou provas. Você está se baseando na palavra de uma mulher que claramente sofre da síndrome de Estocolmo. Está se deixando levar pelas palavras de uma maluca que quer se livrar de sua responsabilidade.

— O que o senhor tem a dizer sobre o Círculo de Dragões? — perguntou Robbie.

— Quem deu nome a esse absurdo foi a mídia. Não sei de nada disso.

— Não podemos perguntar sobre a reunião na prefeitura, porque não temos como justificar a gravação — observou Webster

— É verdade, mas podemos blefar — respondeu Christian.

Robbie virou-se de costas para o doutor e piscou para Grace, depois se virou outra vez para Francis.

— Temos uma gravação feita por um drone há dois dias que mostra você reunido com os suspeitos de fazerem parte dessa negociação. O que tem a dizer sobre isso?

Grace olhou para Robbie, surpresa. Buckland não deu uma resposta imediata, mas se recompôs e finalmente declarou:

— Faço parte de um grupo de investidores. Nossa reunião com o prefeito foi para alinhar um plano de investimentos desse grupo na cidade. Você não tem nada contra mim.

— Ele está certo, Christian — alertou Webster. Não houve nenhuma atividade ilegal naquela reunião.

— Eu sei, só o estou testando — disse Christian.

— Doutor, o senhor tem um filho adotivo, certo? — perguntou Robbie.

— Sim, seu nome é Allan.

Robbie então tirou a foto de Camila e o bebê do bolso e colocou-a diante do Dr. Buckland.

— O senhor nega seu envolvimento com o Círculo de Dragões, mas por que razão adotou o filho de Camila Meinhof e Damon Blackstone?

O doutor respirou fundo, olhou seriamente para a foto e respondeu, após alguns segundos de silêncio.

— Damon sempre teve problemas com sua mudança de comportamento. Quando Camila ficou grávida ele teve um de seus surtos e quase a matou. Ele estava viajando quando ela teve o bebê prematuramente, aos sete meses de gravidez. Com medo de ele ter novo surto e matar a criança, ela decidiu entregá-lo para adoção e dizer a Damon que a criança nasceu morta. Então intercedi pela criança e decidi eu mesmo adotá-la. Ninguém ficou sabendo, muito menos ele. Ela era tão apaixonada por ele que, depois dessa situação traumática, parece ter apagado esse fato da memória. Nunca mais tocou no assunto e agia com o garoto como se ele fosse um estranho. Cuido dele desde então e amo-o como se fosse meu filho.

— Temos razões para acreditar que o Recipiente é na verdade seu amigo Damon Blackstone. Aparentemente, ele sobreviveu ao incêndio em Garfield e assumiu essa nova identidade. Camila pediu ajuda à jornalista Barbara Wells, alegando que o Recipiente está ameaçando a vida do menino para mantê-la ao seu lado.

— Uau! Realmente são muitas informações para processar, mas meu filho não está aqui. Está em uma viagem pela Europa com um grupo de amigos. Não creio que esteja em perigo lá. De qualquer maneira, não tenho a mínima ideia de como isso aconteceu a ponto de envolver meu nome. Talvez nesse meio-tempo Camila tenha contado a Damon sobre seu filho. Não sei, o que posso dizer é que eu já disse tudo que tinha de dizer para aquele detetive ruivo, não lembro o nome dele direito, algo que lembra insetos.

Grace arregalou os olhos e perguntou:

— Chuck Muska?

— Sim, ele mesmo. Se quiserem saber mais alguma coisa, perguntem a ele. Então, se não estou preso, tenho coisas importantes a fazer ainda hoje.

Ele se levantou, arrumou o seu paletó e saiu. Grace olhou para Robbie e perguntou, intrigada:

— Como você sabia da reunião com o prefeito? E como sabia que Allan é

filho de Camila e Damon Blackstone?

Christian já havia pensado em uma escapatória:

— Chuck está me ajudando a verificar algumas de minhas suspeitas.

Furiosa, Grace exclamou:

— Eu sabia que algo assim iria acontecer! Por que você fez isso pelas minhas costas? Somos parceiros, você não pode mentir para mim!

— Ele quer nos ajudar, Grace. Esse caso destruiu a carreira e a vida dele.

— Eu sei, mas por que ele não me procura?

— Chuck sabia que você se sentia culpada e que não concordaria em que ele continuasse a investigar o caso. Ele também sabia dos riscos que você correria se fosse apanhada tentando ajudá-lo. Deixe isso comigo, Grace.

Como sou novo aqui, ninguém vai desconfiar de nada, e ele pode ser de grande ajuda nessa investigação. Ainda não temos provas concretas para incriminar Buckland, mas vamos chegar lá!

Capítulo 29

Psicóloga

Depois que o pai morreu, Christian, a pedido de sua mãe, consultou uma psicóloga por uns tempos: a Dra. Bittencourt, uma bela senhora de meia-idade com cabelo curto chanel grisalho. Por causa dos últimos acontecimentos, Elisa Abrams achou que era o momento de retomar as consultas. Mas antes que o menino entrasse no consultório, ela pediu para falar com a psicóloga. Ele ficou na recepção lendo uma revista para matar o tempo.

— Christian não vai entrar hoje? — perguntou a Dra. Bittencourt.

— Sim, mas preciso de sua ajuda antes disso. Você o ajudou bastante a lidar com a morte do pai, e ele fez progressos. Agora está saindo com alguns amigos, mas estou começando a me envolver com outro homem, e ele está tendo dificuldades para aceitar isso.

— Você tem todo o direito de seguir com sua vida. Elisa. Para facilitar as coisas, tente incluí-lo em alguns programas, fazer algo “família”. Se seu pretendente concordar, é claro.

— Acho que ele concordará, sim. Mas Christian tem ficado impossível perto dele. Preciso realmente da sua ajuda.

— Mande-o entrar. Vamos ver o que ele tem a dizer.

Momentos depois, Christian entrou na sala e deitou-se no divã.

— Minha mãe já lhe contou tudo, eu presumo. Será que preciso repetir?

— Como isso tudo tem feito você se sentir? — perguntou a doutora.

— Acho que finalmente aceitei a morte do meu pai, mas é difícil pensar que outro homem vai tentar me chamar de filho. Não escolhi isso, mas sei que não posso castigar minha mãe por causa daquilo que sinto.

— É um grande progresso essa aceitação. Mostra um amadurecimento enorme da sua parte. Você encontrou algo que o ajudou a chegar a essa conclusão?

— Fez sentido para mim o fato de meu pai, que me amava tanto, nunca ter me procurado. Ele não ficaria tanto tempo sem dar notícias.

— Simples assim? Você não encontrou nenhum objeto, nenhuma prova da morte dele?

— Não sou detetive, apesar de ser bom nisso, doutora. Apenas decidi aceitar.

— Sua mãe me disse que você fez novos amigos...

— Sim. Na verdade, reatei velhas amizades e conheci algumas pessoas. Vamos dizer que temos interesses em comum.

— E que interesse são esses?

— A senhora lembra que eu sempre dizia que tinha tino para dedução? Pois é, eu e meus amigos brincamos um pouco disso.

— Você iria se dar muito bem com meu filho, Christian.

— Não é a primeira vez que a senhora diz isso. Desculpe-me por eu nunca ter me interessado, mas ele tem minha idade?

— Tem sim. Não está no país, no momento. Mas vamos nos concentrar em você. O que acha que poderia fazer para tentar aceitar melhor o namorado da sua mãe?

— Não sei. Estou tentando não demonstrar quanto eu o acho idiota. Penso que isso é um bom começo.

A doutora riu, e concordou com ele:

— Às vezes, precisamos fazer sacrifícios para que o bem da nossa família, Christian. Pense nisso.

— Você já fez muitos sacrifícios pela sua família, doutora?

— Sim, você não faz ideia.

Eles conversaram durante mais ou menos uma hora, até o tempo da consulta acabar. Christian saiu dali confiante e tranquilo. A mãe agradeceu a psicóloga e levou-o para casa.

Capítulo 30

4 de julho

No dia seguinte, o FBI assumiu o controle das investigações concernente ao Círculo de Dragões, sob o testemunho de Barbara Wells. Toda a papelada, provas e até mesmo a proteção policial foi redirecionada aos federais. Claramente, alguém com muita influência estava tentando impedir que a investigação chegasse ao grupo. Ao Departamento de Polícia de Chicago restou o consolo de tentar prender o Recipiente, pois era um problema interno, mas todas as pistas para descobrir seu paradeiro esfriaram. Nenhuma outra garota foi sequestrada. Tudo estava quieto, até demais.

O chefe Murry, preocupado, ligou para o prefeito pedindo que as celebrações do Dia da Independência fossem canceladas, mas o prefeito negou o pedido, alegando que havia investido muita coisa na festa e que não aceitaria ver a população vencida por um terrorista qualquer.

Na reunião daquela manhã, o chefe de polícia ordenou que todos os policiais ficassem em alerta máximo, pois havia grande risco de um ataque terrorista pelo Recipiente. Afinal aquela era a data em que estava previsto a queda do cometa Azazel, ainda que as chances da tragédia cósmica anunciada na profecia fossem remotas. Todos foram para as ruas, inclusive alguns detetives à paisana. Robbie e Grace estavam entre estes.

Christian estava muito incomodado com o fato de não ter uma pista quente sobre o paradeiro do Recipiente e de Camila. Chuck estava nas ruas e contava com a ajuda de uma gangue de trombadinhas, que lhe passavam informações. como não havia engolido o papo de que os federais continuariam a trabalhar no caso do Círculo de Dragões, ele continuou com a investigação.

— Hoje é o dia, gente! — anunciou Christian a Sofia e Webster. — Precisamos encontrar o Recipiente antes que ele cause outra morte.

— A proteção de Barbara está a cargo do FBI agora. Você confia neles? — perguntou Sofia.

— Webster também está mantendo vigilância na casa dela 24 horas através de

câmeras escondidas, e um drone irá segui-la de longe quando ela sair para trabalhar. Se algo acontecer, nós saberemos.

— Falando nisso, ela está saindo de casa agora para fazer a cobertura nas festividades de Quatro de Julho — avisou Webster.

Robbie e Grace estavam no carro patrulhando as ruas, atentos a qualquer situação. Grace olhava a foto de Camila com o bebê.

— Você já se perguntou se Camila está querendo nos dizer algo com esta foto?

— Como assim, Grace?

— Não sei. Pergunto isso porque é um pouco estranho ela ter entregue uma foto do filho para nós.

— Talvez ela queira que a gente descubra quem é seu filho, para protegê-lo — sugeriu Robbie.

— Pode ser, mas ainda não estou convencida. Se ela disse que estava correndo perigo, deve estar ainda mais em perigo agora, depois que deixou Barbara escapar. A coisa mais inteligente a fazer era libertar Barbara com alguma pista que nos ajudasse a chegar ao Recipiente. E esta foto foi a única coisa que ela entregou a Barbara.

— Sim, mas a foto só tem as impressões digitais de Barbara.

— Por isso mesmo ela me intriga.

— Ok. Vamos seguir uma linha de raciocínio. O que temos na foto? Camila segurando uma criança. Atrás dela, o cenário está um pouco fora de foco, mas eu diria que é um supermercado. Você se lembra de algum logotipo nas cores branco, amarelo e vermelho?

Grace pensou, mas nada lhe veio à mente.

— Lembre-se de que a foto foi tirada há mais de dez anos — observou Robbie.

— Claro! Essa foto é antiga. Foi tirada aqui mesmo, em Chicago. Do lado de fora do Hospital Maternal, havia um teatro com essas cores, mas foi fechado há alguns anos. O local está abandonado desde então. Você acha que ela pode estar nos direcionando para lá?

— Só vamos saber se tentarmos — respondeu Robbie, enquanto fazia a volta e

partia cantando os pneus na direção do hospital do convênio sueco.

No caminho, receberam uma chamada pelo rádio:

— Todas as unidades, o Recipiente está ao vivo no canal 32 WFLD.

Grace ligou imediatamente seu *tablet*. O Recipiente estava em um local pouco iluminado. Atrás dele, via-se algo que parecia uma fogueira.

— Ele está tentando replicar um templo asteca, Robbie! Acelere este carro! — gritou Grace.

Havia um tráfego intenso naquele dia por conta das celebrações do Dia da Independência, e eles tiveram de cortar caminho por vielas, fazer ultrapassagens perigosas e acelerar ao máximo para chegar a tempo ao teatro.

— Este será o sacrifício que, por meio da destruição, trará um novo tempo para o mundo. Os que sobreviverem deverão se prostrar a mim, o sacerdote dos deuses, aquele por quem a vontade deles irá acontecer. Serei o líder deste novo mundo. Prostrem-se diante de mim! Jurem lealdade ao seu novo líder, e a vida de vocês será poupada!

A transmissão foi encerrada naquele momento com um tiro da arma de Robbie que destruiu a câmera.

— Parado, Recipiente! O jogo acabou!

— Socorro! — gritou Camila, amarrada a uma mesa perto da escadaria.

Desesperado, o Recipiente levantou os braços para enfiar a adaga em formato de dragão no peito de Camila, mas Robbie atirou novamente fazendo a arma voar das mãos do bandido. Em seguida, correu escada acima no encalço do Recipiente. Grace ficou para trás e pediu apoio pelo rádio. Ela também libertou Camila das ataduras.

O Recipiente abriu a porta de emergência e correu para o terraço. Dali, pulou dentro de uma lixeira. Robbie vinha logo atrás e saltou lá de cima caindo de pé. O Recipiente conseguira certa dianteira sobre o detetive correndo entre os carros e obrigando-os a frear bruscamente. Houve uma colisão, e, quando um dos motoristas saiu do carro para tirar satisfações, o Recipiente nocauteou-o, tomou-lhe o carro e saiu em disparada, passando bem ao lado de Robbie.

Christian pôs o robô para correr, e ele estava ganhando bastante velocidade.

— Chris, as pessoas estão olhando surpresas. Não é normal um humano correr tão rápido assim.

— Tem razão — admitiu Christian, diminuindo a velocidade de Robbie.

O robô disparou um dispositivo de rastreamento que grudou no para-choque do carro em fuga. Em seguida, parou um motoqueiro que pilotava uma Ducati, apresentou o distintivo e anunciou:

— Polícia de Chicago! Vou precisar da sua moto.

O motoqueiro não teve escolha senão fazer o que lhe pediam, e Robbie saiu empinando a moto.

Capítulo 31

O esconderijo

O Recipiente estava pelo menos três minutos à frente de Robbie. No ferrovelho, Webster monitorava o rastreador.

— Ele está acelerando muito. Está dirigindo a mais de 200 quilômetros por hora!

— Sofia, faça uma chamada para Grace — ordenou Christian, focado na pilotagem da moto.

— Certo.

— Alô Grace, como estão as coisas aí? — perguntou Robbie.

— Tudo sob controle. O apoio já chegou, e Camila está a caminho da delegacia. Onde você está?

— Estou perseguindo o Recipiente. Ele fugiu de carro. Estou em uma moto e me aproximando dele.

— Cuidado, Robbie! Passe-me sua localização que eu mando reforços.

— Ainda é muito imprevisível. Agora estamos na 55, indo na direção sul.

Robbie perseguia o Recipiente ultrapassando perigosamente outros carros. Após cruzar o rio Des Plaines, o carro e a moto entraram na primeira saída e chegaram a uma refinaria de petróleo.

O Recipiente desceu do carro e correu para dentro da fábrica, que estava fechada naquele dia. Robbie chegou logo em seguida, desceu da moto, deixando-a caída perto do carro, e correu também para dentro da fábrica. Lá dentro, havia uma dezena de capangas do Círculo de Dragões. O Dr. Buckland estava entre eles e segurava um *tablet* com a imagem distorcida e estática na tela.

— Vejam só quem chegou! Se não é o detetive Robbie! — disse a voz.

O Recipiente estava ofegante atrás dos capangas, que tinham suas armas apontadas para Robbie.

— Somos em maior números, Robbie. O que vai fazer?

Naquele momento, Chuck entrou na fabrica na ponta dos pés, mas todos perceberam sua presença.

— Chuck, o que você está fazendo aqui?

Ele estava tão surpreso quanto Robbie.

— Minhas fontes disseram que o CDD estaria aqui hoje. E você, o que está fazendo aqui?

— Persegui o Recipiente até aqui.

Um dos capangas deu um tiro para o ar, assustando a ambos. Diante deles havia pelo menos vinte homens armados.

— Parece que não estou em tanta desvantagem assim — disse Robbie piscando para Chuck, que cochichou:

— Está maluco? Você é de ferro, eu não!

— Só haverá um resultado para esta luta: vocês dois no chão, um morto e o outro desativado — disse a voz.

— Qual é o propósito disso tudo aqui? O Recipiente não teve sucesso em sacrificar a terceira vítima. Não vai haver cometa nenhum caindo na terra. O plano falhou, entreguem-se!

— Você deverá receber uma ligação em poucos instantes — foi a resposta. Segundos depois, Grace ligou:

— Robbie, perdemos Camila. Antes que pudéssemos interrogá-la, ela teve uma convulsão e morreu.

Robbie olhou com indignação para o *tablet* e desligou o celular.

— Isso não vai acabar bem para você! — ameaçou.

— Isso é o que você pensa. Enquanto a polícia toda se esforçava para descobrir o passo seguinte do Recipiente, o plano dos Sárkány está em pleno vigor.

— E que plano é esse? — perguntou Robbie.

— O cometa Azazel acaba de se chocar com um asteroide e está vindo na direção da terra. Isso já está sendo noticiado. O que não vai virar notícia é que ele vai se desfazer quase por completo ao entrar na atmosfera — respondeu a

VOZ.

— Então porque você está comemorando? — perguntou Chuck.

— De um lugar não muito longe daqui, em minutos será lançado um míssil que atingirá a zona sul de Chicago. Toda aquela área, conhecida por ser violenta, será reduzida a pó, e meu grupo de investidores poderá finalmente construir uma refinaria na maior reserva de petróleo do Hemisfério Norte. Falta apenas uma peça para minha vitória completa, e é você Robbie! Não obtive muito sucesso em programar meu robô. Ele estava limitado a poucos movimentos e, como não podia levantar suspeitas, disfarcei-o como o Dr. Francis Buckland. Admito que é uma versão muito inferior à sua, mas funciona muito bem para um protótipo. Mas quando eu me apoderar de você, todos os meus planos serão realizados.

— O que você fez com o Dr. Buckland? — perguntou Robbie.

— Ele sabia demais e era contra todos os meus planos. Acabou ficando do lado do Dr. Abrams e ameaçou me denunciar. Ele não poderia ficar vivo.

O que iremos fazer é muito maior do que uma mera ideologia ambiental. A indústria do petróleo não pode acabar, e com essa nova fábrica, que será a maior do mundo e tomará todo o sul de Chicago, seremos uma potência invencível.

Robbie olhou para o Recipiente, que estava abaixado parecendo indefeso ao lado do robô do Dr. Buckland, e falou, dirigindo-se a ele:

— Por que você está permitindo que ele o use dessa maneira?

O robô acariciava a cabeça do Recipiente ao responder:

— Ele é apenas um doente inofensivo e fácil de ser manipulado. Tudo que eu mando, ele faz. Agora preciso acabar com vocês e desativar sua carcaça, para que meus engenheiros possam reverter a tecnologia de programação. Seja lá quem estiver por trás dos controles será inútil, pois uma vez que mudemos a aparência do robô, ninguém saberá sua nova identidade.

— Ataquem! — Ordenou a voz aos capangas.

Robbie correu para um lado e Chuck para o outro, ambos atirando. Chuck fechou os olhos orando para não ser atingido pela chuva de tiros enquanto se escondia atrás de uma coluna.

— Pessoal, é hora de usar o modo de tiro na primeira pessoa! — ordenou Christian. — Quero uma visão aproximada e alvo em todos os inimigos.

Webster sentou-se em outra cadeira, colocou os óculos de realidade virtual e disse:

— Deixe comigo, que de jogo de tiro eu entendo. Vou assumir o controle por enquanto.

Robbie levantou-se e começou a atirar. A atenção de todos voltou-se para ele, que neutralizava um a um os atiradores. Aproveitando aquela distração, Chuck correu para um canto e também começou a derrubar alguns dos atiradores. O robô do doutor Buckland correu para os fundos, e Robbie foi atrás dele. Chuck gritou: — Deixe comigo, Robbie! Eu cuido do restante. Vá atrás dele!

Naquele momento, o Recipiente pulou de cima de uma grade sobre Chuck, e os dois começaram a lutar. Robbie terminou de imobilizar os capangas e correu na direção da porta dos fundos.

Lá fora, havia um helicóptero com o motor ligado, e uma leve chuva começou a cair. O robô estava parado olhando para o alto e gargalhando. Ele apontou para o céu e disse:

— Tarde demais para você, Robbie!

Um míssil voava pelo céu na direção de Chicago.

Capítulo 32

Sacrifício

O Recipiente desvencilhou-se de Chuck assim que começou a perder a luta, subiu as escadas e começou a correr pelas passarelas sem corrimões. Chuck foi atrás dele. Lá embaixo, caldeiras gigantescas fervilhavam com produtos químicos. Chuck alcançou-se, e a luta recomeçou. Em dado momento, Chuck escorregou e ficou suspenso bem acima de uma das caldeiras, segurando apenas com uma mão. O Recipiente, de pé acima dele, ergueu as mãos para o ar e gritou: — Receba este meu sacrifício!

Quando ia pisar na mão de Chuck, este lhe segurou a perna e puxou-o para baixo. O Recipiente deu um último grito antes de mergulhar e desaparecer no líquido escaldante. Com esforço, Chuck subiu de volta à passarela e ficou deitado até recuperar o fôlego.

Do lado de fora, Robbie lutava contra o robô de Buckland. Tinha todas as vantagens, mas o outro parecia possuir uma força superior.

— Christian, não temos tempo para isso! — alertou Sofia. — O míssil está se aproximando da cidade!

— Webster, já está tudo pronto? — ele perguntou.

— Quase lá. Aguarde mais um pouco!

O robô de Buckland segurou Robbie pelo pescoço e lançou sobre um monte de barris. Quando se levantou, Robbie viu Buckland correndo em sua direção, todo sujo de óleo, e se preparou.

— Pronto, Webster? — perguntou Christian, nervoso.

— Quase... agora!

Centésimos de segundo antes de ser atacado, Robbie avançou e levantou Buckland com um gancho pela região abdominal. O propulsor nos pés de Robbie fez com que os dois voassem alguns metros. No ar, Robbie segurou o robô e o fez girar várias vezes, caindo com ele de cabeça no chão entre os barris de petróleo.

No centro da cidade perto do lago Michigan, vários cidadãos, como de costume, começaram a assistir o *show* de fogos de artifício com as cores

americanas. Havia música, comida e muita festa. Os cidadãos nem perceberam que um míssil estava prestes a destruir felicidade e a vida de todos eles.

Ao mesmo tempo, na refinaria, todo coberto de líquido negro, Robbie deixou no chão o robô derrotado, subiu no helicóptero e partiu atrás do míssil. Assim que o helicóptero subiu, Chuck saiu pela porta a tempo de acenar. Ele voou a toda velocidade. O míssil era teleguiado e não era tão veloz, apesar de poderoso.

Enxergando o objeto voador no ar Webster falou:

— Christian, precisamos tomar uma decisão aqui.

— Vamos seguir o plano, como combinamos.

— Tem certeza? Estamos perdendo algo valiosíssimo aqui, todo o nosso trabalho — argumentou Webster.

— Essa decisão é do Christian, Webster — interveio Sofia.

— Nunca teremos outro igual! — lamentou Webster

— Que outra opção nós temos, Webster? Milhões de pessoas vão morrer se não tomarmos uma atitude.

— Não temos mesmo outra opção? — quis saber Sofia.

— Não. Essa é a única maneira. Ligue para Grace agora — ordenou Christian.

Sofia usou o *software* de voz de Robbie para fazer a ligação. Eles conversaram enquanto o helicóptero se aproximava do míssil. Ao desligar o telefone, Grace olhou para o céu e viu de longe o míssil dirigindo-se para o lado sul da cidade. Então ligou para Goodwin e Travis que a apanharam, e partiram para o Aeroporto Internacional O'Hare.

A bela noite daquele Quatro de Julho tinha o céu pintado pelos belos fogos de artifício, e todos tinham os olhos nos ares, hipnotizados pela beleza das luzes. O míssil aproximava-se de seu destino, mas o helicóptero ultrapassou o objeto destruidor e deu meia-volta, ficando no caminho do míssil.

— Tem absoluta certeza do que está fazendo Christian? — questionou Webster mais uma vez.

— Tenho, sim! Essa decisão é minha.

Houve uma grande explosão no céu. O robô e o helicóptero foram

transformados em pó. Os que viram a cena confundiram a explosão com fogos de artifício e até bateram palmas.

Grace tentou ligar do carro para Robbie, mas não obteve resposta. Insistiu várias vezes, mas a resposta era sempre a mesma, a caixa postal.

Capítulo 33

Aeroporto

O voo vindo de Londres havia chegado no horário previsto, os passageiros estava esperando suas malas na esteira, e um grupo de amigos da idade de Christian caminhava em direção à porta de saída para se encontrar com os pais, quase todos recebidos com abraços e beijos. Um deles, porém, era aguardado apenas pela empregada e limitou-se a lhe entregar as malas sem nenhum comentário e seguiu ao lado dela até a limusine que o aguardava.

Seu nome era Allan Buckland. Ele havia passado uma semana em Oxfordshire, na Inglaterra, fazendo testes para correr em uma categoria que no futuro lhe daria acesso à Fórmula 1. No momento em que o motorista abria a porta da limusine, meia dúzia de viaturas policiais chegaram com as sirenes ligadas e cercaram o carro.

Sem entender o que estava acontecendo, o garoto não entrou no carro. A curiosidade venceu o fato de estar muito cansado da viagem e querer muito um banho refrescante em sua mansão.

Grace saiu de um dos carros com um colete à prova de balas. Goodwin e Travis também caminharam na direção da limusine. O restante dos policiais apontavam suas armas na direção do carro. A parceira de Robbie dirigiu-se à empregada do menino e arrancou-lhe a peruca, que revelou uma mulher de cabelo loiro platinado.

— Camila Meinhof, você está presa em nome da lei! Tem o direito de permanecer calada. Se disser algo, isso poderá ser usado contra você no tribunal. Tem direito a um advogado. Se você não puder contratar um, o Estado providenciará um para você.

Irritada, Camila foi posta algemada no banco de trás de uma das viaturas. O menino, muito calmo, aproximou-se de Grace e perguntou:

— O que está acontecendo aqui? Por que está prendendo ela?

— Falsidade ideológica, assassinato, terrorismo, sequestro, e a lista continua, garoto.

Ele olhou para o interior do carro, e Camila encarou-o com tristeza. Então

Allan entrou na limusine e foi embora.

No ferro-velho Christian conversava com Webster.

— Quanto vai demorar para restabelecer a conexão?

— Não muito tempo.

— Christian, como você descobriu sobre Camila? — perguntou Sofia.

Ele olhou para ela e para Webster e respondeu com outra pergunta:

— Sério? Vocês não notaram as pistas?

— Sério. Agora pare de ficar se achando e fale logo! — ordenou Sofia, irritada

— Primeiro de tudo, Camila é o tipo de mulher camaleoa, ela se torna o que precisa ser para conquistar o que quer. O Círculo de Dragões é uma organização antiga, chamada de vários outros nomes: Nova Era, Illuminati. Em cada época, tiveram um nome diferente. O fato é que ela é uma mulher muito ambiciosa e pensou que, entrando para o Círculo teria dinheiro e poder. Eles fizeram um acordo com ela: o ingresso no grupo só poderia ser feita por meio do sangue, por isso ela gerou um filho de um dos membros, justamente um que estava doente da cabeça e logo deixaria uma cadeira vaga. Seu maior sacrifício foi entregar o filho para outro membro do Círculo: Buckland.

Christian continuou:

— Quando descobriram os robôs, a ambição dela cresceu ainda mais. Ela viu a possibilidade de liderar o Círculo de Dragões. Para isso, manipulou a doença de Blackstone para se virar contra meu pai e assim alimentar as próprias ambições. Mas ele perdeu o controle e foi internado, e ela culpou meu pai por isso. Assim, planejou a morte dele, quase me levando junto. Tudo que ela fez foi para garantir que a cadeira que tanto desejou fosse ocupada um dia por alguém de sua linhagem de sangue. Por isso, assumiu uma segunda identidade, como empregada do Buckland, para se certificar de que o filho seria doutrinado como um verdadeiro herdeiro. Eu sempre a via vestida de empregada acompanhando Allan nas corridas. Ela é muito boa em se disfarçar, mas foi fácil descobrir a conexão entre os dois depois que descobrimos que

Allan era filho dela e que seu cuidador era Buckland. Ele, por sua vez, foi morto ao desconfiar da identidade da nova empregada. Como já possuía um robô com algumas funções básicas operantes, ela substituiu o doutor pelo robô enquanto ele estava na UTI, para que não houvesse uma ligação entre os assassinatos. Seria estranho ela ser a única sobrevivente do grupo que fizera a exploração arqueológica no México.

Ele fez uma pausa par respirar e prosseguiu:

— O grande problema dos manipuladores é que eles não se aguentam. Precisam se aproximar da investigação para ter certeza de que tudo está acontecendo de acordo com o que planejaram. Ao saber que eu havia sobrevivido, ela assumiu uma nova identidade, como minha psicóloga, para saber se meu pai havia deixado o robô para mim ou revelado alguma informação que a incriminasse. Obviamente, até alguns dias atrás eu não tinha razões para desconfiar da Dra. Bittencourt, nem ela de mim. Mas na minha última visita suas perguntas foram tendenciosas demais para que eu as ignorasse. Fiquei sabendo quem ela era de verdade e pude deduzir que ela seria o sacrifício final do Recipiente. Resolvi não interferir, mas seu plano nunca foi entregar a própria vida. Ela jogou direitinho para que chegássemos a ela a tempo de salvá-la e de prender o Recipiente. Ela tomou uma pílula para fingir sua morte assim que estivesse em segurança e depois, com pouca vigilância, não teria problemas para fugir e se juntar ao filho, que estava chegando da Inglaterra. Por ter o mesmo sangue, ele já havia garantido sua cadeira no Círculo, e todas as ameaças contra ele foram eliminadas. Camila fez um jogo de manipulações e mentiras contra todos nós. Sua intenção não era se inocentar como Camila, mas nos confundir para que, quando tudo terminasse, não conseguíssemos chegar a ela. Um belo plano, devo admitir.

Sofia e Webster estavam com o queixo caído.

— Mas como você chegou de verdade a todas essas conclusões? — perguntou Webster.

Christian e Sofia caíram na gargalhada.

— Christian, a conexão foi restabelecida! — avisou Webster.

— Ótimo, vamos para a fase final! — anunciou Christian.

Capítulo 34

O trabalho começa aqui

Na mansão dos Buckland, a campainha soou repetidas vezes. Irritado com o mordomo que não atendia à porta, Allan saiu do chuveiro com a toalha enrolada na cintura e, molhando toda a casa, e foi ver quem era. Ao abri-la, olhou para cima e tomou um susto.

— Surpreso em me ver? — pergunta Robbie ao garoto, que tinha os olhos arregalados.

Ao lado de Robbie, o mordomo estava desmaiado. Allan recompôs-se e sorriu.

— Fantástico! Você deveria estar morto ou desintegrado, mas aqui está. Agora estou intrigado: como conseguiu?

— Seu erro foi revelar que seu pai na verdade era um robô. Quando descobri isso, hackeei o sinal usado para controlá-lo e usei seu robô para entrar no helicóptero e se chocar contra o míssil. Desculpe-me por ter quebrado seu brinquedinho.

— E como você descobriu que era eu por trás dele? — perguntou Allan.

— Porque você foi treinado e nomeado para liderar o Círculo. Sua mãe não se aguentava de orgulho e não teve problema nenhum em confessar isso para uma detenta que a estava “ameaçando” na cadeia. Na realidade, era uma policial disfarçada. A ideia foi minha, muito obrigado! Além do mais, você o controlava a distância, lá da Europa, para se proteger. Sua mãe cooperou com todo o plano, mas ele falhou.

— Então você está aqui para me prender? — quis saber Allan

— Você sabe muito bem que não temos provas para fazer isso agora. Estou aqui para dizer que o jogo apenas começou e que estou atento. Você não poderá dar um passo sem que eu esteja atrás. Quando você dormir, estarei te vigiando. Em todos os seus pensamentos, estarei lá. Por fim, quando der um passo em falso, quando cometer o menor deslize, vou prender você.

— Tem ideia de quanto isso me deixa empolgado, robô? — provou Allan, em

um tom diabolicamente malvado.

— Antes que eu vá embora, devo dizer que um geólogo provou a existência de petróleo na zona sul de Chicago, e o governador, pelo que sei um inimigo de seu grupo, declarou toda a área reserva protegida. Infelizmente, nem todos os seus associados são tão cuidadosos quanto você. Todos os planos estavam na caixa de entrada de cada um deles, eu vazei a história para a repórter Barbara Wells. Depois disso, ficou fácil comprovar o envolvimento deles.

Allan fervia de raiva enquanto Robbie caminhava em direção ao seu Maverick.

— EU TE ODEIO SEU ROBÔ IDIOTA! UM DIA VOU TE DESTRUIR!

No ferro-velho, a galera toda ria e se cumprimentavam.

— Arrebentou Chris! — disse Webster.

— Você viu a cara dele? Ah! Ah! Ah! — gargalhou Sofia.

Christian sorria, mas estava um pouco cabisbaixo. Chuck aproximou-se dele e perguntou:

— Está tudo bem, campeão?

— Na realidade, não. Eu queria acabar com o Círculo de Dragões, e estamos muito longe disso.

— Calma, garoto! Você acabou de chegar ao ônibus e já quer sentar na janela? O trabalho acaba de começar. Ainda temos muito que fazer, mas estou bastante animado. Acho até que vou me mudar para a casa de Robbie.

— É mesmo? Quem disse que tem vaga? — brincou Christian.

— Acho que ele não vai se incomodar.

— Tem razão. Preciso de alguém para dividir o aluguel mesmo.

— Ei, como assim? Estou desempregado, lembra? — disse Chuck.

— Dê um jeito, meu irmão. O vencimento é todo dia 5.

— Está certo. A propósito, Robbie não está atrasado para a reunião na delegacia?

— Pode ficar tranquilo. Sofia, que gosta de dirigir, está conduzindo ele.

Na outra sala, Sofia dirigia com os óculos de realidade virtual pelas ruas de Chicago enquanto imitava o barulho da troca de marchas com a boca.

— Foi a única coisa que consegui pensar, para ela parar de dirigir sozinha até completar 16 anos — disse Webster olhando para Chuck e Christian, que riam dela.

Na delegacia, Robbie e Grace viram Goodwin e Travis se gabando para um grupo de policiais de terem prendido Camila.

— Recebemos uma chamada anônima de uma informante. Ela disse que só falaria com os melhores, por isso ligou para nós. Continuem trabalhando duro. Um dia todos vocês podem ser como nós.

Grace olhou para Robbie sem acreditar no que ouvia e perguntou:

— Por que você quis dar o crédito a eles?

— Eu não queria chamar a atenção resolvendo um caso fácil assim na minha primeira vez. Os dois estavam precisando de um estímulo, então acho que foi a decisão mais correta.

— Mas você não está entendendo: eles vão receber uma medalha! — disse Grace indignada.

Robbie puxou-a pelo braço até sua mesa, tirou uma moeda do bolso, amarrou-a em um barbante e colocou-a no pescoço de Grace.

— Pronto, eu e você sabemos quem são os verdadeiros heróis.

Ela riu ternamente.

— Esqueci de perguntar: quando esvaziaram a caldeira, encontraram o corpo do Recipiente? — perguntou Robbie.

— Não, o pessoal da forense disse que os produtos químicos provavelmente dissolveram o corpo dele. Só encontraram as joias. O caso foi encerrado.

Lá do segundo piso, o chefe Murry gritou:

— Atenção, seus molengas! Cinco pessoas desapareceram de um hotel no subúrbio da cidade. Preciso de uma equipe lá agora! Robbie, Grace, venham à minha sala!

Eles olharam um para o outro e Robbie comentou:

— O trabalho não para, não é mesmo?

— Para isso somos detetives — disse Grace.

Os dois partiram escada acima enquanto a agitada delegacia estava a mil para resolver o novo caso.

E foi assim que Christian, um garoto com habilidades muito especiais para dedução conseguiu iniciar seu sonho de ser detetive, ultrapassando todas as suas dificuldades e com a ajuda de amigos verdadeiros unidos em um mesmo propósito, ele se tornou um grande detetive na bela e agitada metrópole de Chicago.

Ninguém tentou reaver Snif, que foi adotado como mascote do grupo e está recebendo muito amor e carinho de todos, além de, com seu olfato apurado, ajudar Robbie em alguns casos.

Christian ainda não dá muita liberdade a Murphy, que tenta conquistá-lo para se aproximar de Elisa. Ela, por sua vez, nunca esteve tão feliz depois da morte do marido ao ver o filho rodeado de bons amigos.

Afinal, quem somos nós sem familiares, amigos e apoiadores de nossos sonhos? Com eles, chegamos muito mais longe.

Este livro é dedicado a todas as pessoas que têm um sonho e que superam suas dificuldades para realizá-lo, que Deus possa aproximar de você pessoas que desejem tanto seu bem quanto o delas próprias. Seja você também essa pessoa para alguém. Afinal, colhemos o que plantamos.

GUNNAR VON HERBERT